



1290000085



FE

CÉLIA REGINA DINIZ DE ALMEIDA

TCC/UNICAMP AL64c

**O COTIDIANO DO ALUNO-TRABALHADOR
- UMA PESQUISA PARTICIPANTE
NUM SUPLETIVO MUNICIPAL -**

UNICAMP
FE - BIBLIOTECA

**UNICAMP
Faculdade de Educação
1995**

ÍNDICE

Introdução	03
Capítulo I: O Esboço da Trama.....	09
Capítulo II: O Momento da Ruptura	46
Capítulo III: "Não tive oportunidade quando era criança"	68
Capítulo IV: "O Tempo não para"	80
Anexos	100
Bibliografia	153

INTRODUÇÃO

Os barcos estão seguros no porto, mas não foram feitos para isso. (Autor desconhecido)

Foi pensando assim que resolvemos realizar uma pesquisa participante. Não que estejamos menosprezando as outras formas de pesquisa, pois todas têm o seu valor acadêmico, contudo, num trabalho tido como de "conclusão de curso", com todas as incertezas, medo e até mesmo um certo poder que este nome - Trabalho de Conclusão de Curso - carrega, achamos que não poderíamos permanecer no porto da academia, embora, talvez fosse mais seguro, pois como dizem Ezpeleta e Rockwell:

A ação joga o duplo papel de referencial empírico e, ao mesmo tempo, de instância de prova da teoria em jogo. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:78)

E percebe-se, no decorrer do trabalho, que essa "prova da teoria em jogo" pode ser difícil e custosa, mesmo porque, muitas vezes as teorias existentes não conseguem abranger a análise dos fatos que ocorrem nas versões locais e particulares da construção de cada escola; neste sentido, o ideal é o trabalho a que nos propusemos - partindo da trama local de uma escola e nos inserindo nesta - irá demandar novas construções teóricas:

Nossa valorização do trabalho teórico surge, sem dúvida, das necessidades da prática e corresponde a uma intencionalidade política e educacional (...). Questionar e transformar os conceitos e práticas vigentes na educação requer ainda muita construção teórica. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:12)

Ou seja, o trabalho está sendo e será árduo, porém, pior seria acalantar a frustração de planejar viagens e mais viagens no porto, sem correr os riscos de seguir para alto-mar.

BREVE HISTÓRICO

O campo de atuação e intervenção desta pesquisa participante se dá no espaço de uma escola municipal de ensino supletivo regular, cujo primeiro contato aconteceu quando cursávamos o 2º semestre do Curso de Pedagogia, em 1991, e foi sendo construído durante todo o desenvolvimento das disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica II, III e IV. No entanto, o nosso relacionamento com a escola no início do trabalho de pesquisa foi tímido, pois, na nossa inexperiência, eu e minha companheira de pesquisa, estávamos ávidas para constatar e analisarmos essa nova realidade com a ajuda de todas as teorias transmitidas pela universidade que fervilhavam em nossas cabeças. Assim, não tivemos o devido cuidado na transposição de teorias e categorias de análise para as situações particulares e específicas da escola (Ezpeleta e Rockwell, 1989). Esta é uma questão teórica séria na pesquisa em educação: a identificação parcial do sujeito e objeto da investigação (Goldmann, 1974); a ênfase no "documentado" pode desviar o olhar do vivo/existente. Por um lado, não éramos uma presença constante na escola; por outro lado, nos momentos em que lá estávamos, éramos somente "fiéis observadoras".

Consideramos como primeira fase deste trabalho a pesquisa do currículo em ação dos alunos do supletivo, procurando compreender a escola como "trama" em construção, detectada através do documentado e do não-documentado, feita com base empírica nos seguintes dados: conversas informais com a direção e algumas pessoas do corpo docente e discente da escola, que foram registradas em diário de campo¹; registros da secretaria da escola; entrevistas semi-estruturadas com alunos; e ainda observações em aula (também registradas em diário de campo).

Das análises desses dados resultaram os dois primeiros relatórios desta pesquisa: o primeiro relatório O Ensino Noturno em Campinas: a realidade do supletivo trabalhou mais a situação dos cursos noturnos em Campinas, um tema que achávamos importante, visto que éramos alunas da primeira turma do curso noturno de Pedagogia da UNICAMP²; o segundo relatório A dupla/dura jornada do aluno trabalhador que volta a estudar no supletivo municipal: lutas de uma escola pública abordou também a questão do currículo em aula e foi apresentado no Congresso Interno de Pesquisa Estudantil da UNICAMP, em maio de 1993,

¹ "DC", abreviatura de Diário de Campo.

² Todos os alunos de Pesquisa e Prática Pedagógica desenvolveram pesquisas em cursos noturnos de diversas escolas de Campinas: estadual, municipal e particular.

bem como para a direção e equipe docente do supletivo durante uma reunião pedagógica, em junho de 1993.

Sem dúvida, esse foi um momento muito positivo e possivelmente decisivo para a continuidade da nossa pesquisa, pois, através dele, rompemos uma barreira, ou seja, pudemos expor nossos resultados e hipóteses para as pessoas que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidas. Assim foi possível sentir a reação dos professores que, inclusive, teceram novas hipóteses explicativas para as nossas conclusões, a partir de suas experiências que, com certeza, eram muito mais constantes, ativas e ricas para análise do que nossas observações fragmentadas. Muitos professores ressaltaram a importância e a raridade das discussões das pesquisas universitárias no próprio local onde elas foram sendo construídas, pois, segundo eles, o que ocorre na maioria das vezes é apenas o uso da escola enquanto "objeto" de pesquisa e ... nada mais. Em geral, os resultados e análises não são compartilhados, ficando trancafiados em meio às paredes da academia.³ A crítica feita pela escola é pertinente e foi um dos argumentos chave do final da década de 70, que os teóricos das ciências sociais utilizaram para propor a pesquisa participante.

Mas, tudo bem, era o começo. Pelo menos era essa a nossa intenção; pois, se por um lado o retorno à escola representou uma barreira rompida, cuja importância foi ressaltada por grande parte dos professores e direção, também por outro lado eles compartilharam da construção da pesquisa, inclusive dos seus resultados finais, tecendo outras hipóteses e refletindo sobre as nossas conclusões a partir das suas experiências profissionais, de forma que pudemos deixar de lado as relações "gélidas" de pesquisador e objeto de pesquisa e evoluir para uma situação na qual todos éramos sujeitos - inclusive os alunos que, infelizmente, não participaram desse momento de socialização da pesquisa. Mais que isso, éramos sujeitos interagindo numa relação de conhecimento, sendo necessário compreender com Ezpeleta e Rockwell: afinal quem é o sujeito em uma pesquisa?!

Uma pessoa com a qual interajo, que me ensina as coisas; descobre-me seus mundos e outras visões dos meus e, além disso, enriquece-me (...) Um alguém concreto, com o qual devo relacionar-me numa tarefa comum e que, por isso mesmo, me modifica de algum modo. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:90)

³ Cf. DC. p. 61.

Logo, por ser uma relação entre sujeitos, é válido ressaltar que "nem tudo são flores", ou seja, o retorno da pesquisa, a devolução dos resultados e análises implicou também em momentos difíceis, principalmente quando alguns professores viram seu trabalho sendo questionado, criticado, tendo como base uma teoria ou hipóteses levantadas por pessoas que não participaram e não participam do cotidiano do seu trabalho e, assim sendo, não colaboram com ele:

"Me senti um camundongo" - disse um professor na reunião pedagógica em que nos reapresentamos na escola (25/07/94) falando sobre nossa idéia de darmos continuidade a nossa pesquisa na escola, mas de uma forma participante, ou seja, tentamos vencer as mágoas (conseguir nossa remissão) e mostrar que a nossa idéia era que a pesquisa de final de curso, a que nos propúnhamos, não se limitasse à observação, mas a uma participação num projeto da escola, procurando atingir um equilíbrio entre pesquisa e participação:

Explicamos que o primeiro momento da nossa pesquisa foi a fase exploratória, mas que em nenhum momento nós vimos os professores, os alunos como objetos, muito pelo contrário, sempre frisamos que eram sujeitos da nossa pesquisa. Depois dissemos que agora, este segundo momento seria de participação, de intervenção da realidade. Por isso, contávamos com a ajuda dos professores para nos ajudar a definir onde poderíamos ajudar mais. (DC-p.67 e 68)

Na verdade, a pesquisa já havia passado a ser participativa a partir do momento em que houve um retorno para a escola em junho de 1993, e, diante das reações positivas e negativas dos envolvidos, surgiu a necessidade da ação.

... é preciso compreendê-lo [o mundo], desdobrá-lo e desvelá-lo para poder agir sobre esse próprio mundo. Essa idéia de compreensão para a ação é fundamental no conhecimento, pois o homem conhece o mundo para poder agir sobre ele. Nenhuma ação transformadora poderá ser bem sucedida se ignorarmos a natureza das coisas [com] que lidamos. (Prestes, 1989)

Assim, em julho de 1994 participamos de uma outra reunião pedagógica da escola, consultando todos os presentes, sobre a possibilidade de fazer nosso TCC como pesquisa ação na escola. Ficou decidido que nós iríamos colaborar com o Projeto Biblioteca e que seria

interessante que todos os envolvidos tivessem *acesso aos critérios, temas e resultados da pesquisa (DC-p.67)* que se construiria a partir da nossa atuação nesse projeto.

Retornar ao supletivo, estar no seu cotidiano nos possibilitou uma ação ... Ação que exigiu participação, colaboração. O tempo no supletivo; a leitura na vida do aluno-trabalhador; a pobreza de recursos para se efetivar um projeto necessário à escola (Biblioteca) e a omissão do Estado, no tocante a essa e muitas outras questões que se referem à educação brasileira; os caminhos e descaminhos para proporcionar ao supletivo um projeto cultural; a solidão em que esses sujeitos muitas vezes se encontram no processo educacional e a relação que a universidade tem com essa solidão; as relações, nossas relações, a partir do projeto biblioteca, etc. A análise desses e de outros dados far-se-á no decorrer dessa monografia. Contudo, afirmamos que o "EPEA" e o "ERGA"⁴, o saber e o fazer caminham juntos e se interagem. Uma opção que ficou clara também com relação aos sujeitos que trabalham no supletivo:

Para ele, os homens travam uma luta secular para superar a divisão entre os que falam, são cultos, possuem bens materiais e detêm o poder e aqueles outros que apenas fazem e nada possuem. É a luta entre os homens da "EPEA" (palavras) e os da "ERGA" (ações) ... (Nosella in MANACORDA, 1989:03)

Vivenciamos nesse saber/fazer, fazer/saber, que os "outros" possuem sim, o saber e o fazer. Não negamos essa "luta secular entre os homens das palavras e das ações", mas negamos que nós, os outros, nada possuímos. Há no fazer o saber, no saber o fazer. Ambos processos caminham juntos, talvez falte aos "outros", a nós, o "tempo", a viabilidade de refletir sobre esse fato. Nenhum homem é dotado de ações meramente mecânicas, sobretudo, há no homem a vontade de saber, conhecer, fazer...

O primeiro capítulo dessa monografia é uma exposição (na íntegra) dos relatórios das primeira e segunda fases da pesquisa no supletivo, bem como uma análise com "o olhar de hoje" sobre os mesmos, eis aí: "O Esboço da Trama".

No segundo capítulo - "O Momento da Ruptura" - da dupla ruptura, descreveremos, analisaremos a nossa ação, a partir do retorno à escola. Também será o momento em que ocorrerá a segunda ruptura. Cada uma de nós fará uma análise sobre duas questões que marcaram nossa

⁴ "EPEA" e "ERGA", termos gregos, respectivamente significam "palavras" e "ações".

pesquisa: a questão "tempo" e a leitura na vida do aluno-trabalhador. Mas, observar-se-á no andamento dessa ruptura, que o individual e o coletivo muitas vezes se confundirão. Embora seja necessária uma análise individual, solitária; a ação foi coletiva:

*Que bom amigo. Saber que na minha porta a qualquer hora
uma daquelas pessoas que a gente espera.
Que chega trazendo a vida. Será você sem preocupação.
(Milton Nascimento - "Que bom amigo")*

Trabalho de Conclusão de Curso -TCC- exigência formal para esse curso. Academicamente a monografia é um ponto final, mas a riqueza desse trabalho não se encerra aqui. Os sujeitos continuam se interagindo, vivendo ... É necessário um tempo. Um tempo para analisar essa "história", esse saber/fazer-fazer/saber. Talvez resida nesse "tempo" o poder dos "outros", de nós, que historicamente foi sendo extraído, destituído. Urge-se que a análise, a devolução seja rica, primorosa. Trocamos, solidificamos saberes, vivências e experiências. Problematizamos, resolvemos dúvidas e adquirimos novas. Portanto, professores, alunos, funcionários, direção, se houver débito de nossa parte, dê-nos um tempo - tão afamado tempo - para que só, juntos, possamos avaliar a vida, o tempo, o saber/fazer-fazer/saber, os sujeitos do e no supletivo.

Um galo sozinho não tece a manhã, ele precisará sempre de outros galos. De que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. (João Cabral de Melo Neto - "Tecendo a Manhã")

"Deve-se, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são 'filósofos', definindo os limites e as características desta 'filosofia espontânea' peculiar a todo mundo."
(Gramsci)

Resultado da Primeira Fase da Pesquisa
"O Ensino Noturno em Campinas: a realidade de um supletivo municipal"

A realidade do "trabalho de dia e estudo à noite" é vivenciada pela maioria da população estudantil brasileira. Acordar muito cedo, sem ter dormido o necessário, enfrentar mais uma jornada de trabalho exaustiva, e, "ainda", partir para mais uma jornada de estudo, que muitas vezes termina com o inevitável cochilo nas últimas aulas, o qual é despertado na luta para pegar o transporte, cuja diminuição é constatada no período noturno, retornar para casa e recomeçar no outro dia.

O supletivo vive esta realidade e com um fator a mais: a questão do "recuperar o tempo perdido". Para os alunos do supletivo é extremamente necessário recuperarem o tempo que consideram perdido; ou para conseguirem um diploma e poderem ascender na hierarquia da empresa, ou mesmo para se sentirem menos marginais perante a sociedade. Em geral, não nutrem grandes ilusões de ascensão social, caminham com os pés no chão. Um exemplo disto é a fala de um aluno (D.C. 4.3) que revela a vontade de fazer o colegial e o curso de Direito, mas, ao mesmo tempo, limita-se com o seguinte fator: "se tiver condições financeiras..." - portanto, demonstra que conhece a sua realidade e sabe que o supletivo não o fará ascender socialmente.

Os versos da música do grupo Legião Urbana expõe a questão "tempo":

"Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou ... Todos os dias antes de dormir, lembro e esqueço

como foi o dia. Sempre em frente, não temos tempo a perder. Nosso suor sagrado é bem mais belo que este sangue amargo, e tão sério e selvagem ..." (Renato Russo, "Tempo Perdido")

O suor é realmente sagrado, e mais que isso, é duplamente sagrado, pois ao analisarmos que essa grande maioria ingressou no mundo produtivo, no mundo adulto tão cedo ... Onde fica sua infância, sua juventude? Suas energias, seu tempo são canalizados no mundo mecânico e funcional. "*Não temos tempo a perder...*", somos seres históricos, somos nós que fazemos a história, sempre conscientes daquilo que somos e do que queremos. E a história deve ser feita no "*cotidiano vivido pelas classes e grupos sociais oprimidos*" (Neto e Falcão, 1987:21), não temos um poder político de grandes mudanças, mas temos um poder, embora limitado, um poder talvez ainda não descoberto, mas que surgirá gradativamente quando os dominados se conscientizarem enquanto grupo e classe social, que sempre se constituiu como a maioria da humanidade. Como dizia o poeta Vinícius de Moraes:

*"(...) E um fato novo se viu
que a todos admirava: o que o operário
dizia, outro operário escutava.
E foi assim que o operário do edifício
em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não."
(Vinícius de Moraes - "O Operário em Construção)*

Caracterização Geral da Escola

A escola "C&C" (nome fictício), municipal, funciona somente no período noturno, oferecendo como modalidade de ensino o supletivo regular - 5ª a 8ª série - onde cada semestre é um termo (uma série), ou seja, em dois anos o aluno poderá completar o curso.

Localiza-se no bairro São Bernardo, ocupando um quarteirão, numa avenida bem movimentada. Ao observarmos o seu espaço físico, não detectamos a existência de biblioteca e laboratórios. Através do nosso pequeno contato com as dependências, percebemos que a escola possui material pedagógico básico, porém gasto e antigo, a exemplo, as carteiras.

A escola oferece merenda que é fornecida pela própria prefeitura. Os alunos que se servem da merenda representam metade da

clientela, são os que chegam diretamente do serviço sem tempo para voltarem para casa. Há também uma pequena cantina como segunda opção. (D.C. 06)

O diretor e os funcionários mostraram-se bastante receptivos, inclusive superando o roteiro de perguntas.

Houve problemas em entrevistarmos os professores, visto que os horários coincidiam sempre com as aulas e o tempo era curto no intervalo (15 minutos). Por exemplo, a entrevista com uma professora (D.C. 3.1) foi feita precariamente no corredor da escola, e aliás, com uma certa relutância por parte da entrevistada, pois, além de ser o horário de seu lanche, havia um certo receio do porquê da entrevista e do que seria colocado, apesar de termos esclarecido anteriormente a nossa posição.

O guarda da escola parecia estar sempre nos vigiando. Era uma pessoa simples que se mostrou diversas vezes autoritária, mandando os alunos entrarem em sala, não permitindo que ficassem no corredor. Como ele sabia que estávamos fazendo uma pesquisa, pois também foi entrevistado (D.C. 06), acreditamos que quis mostrar sua autoridade diante de nós, como uma forma de mostrar-se importante, sentir-se reconhecido pelo seu trabalho.

Por fim, os alunos se mostraram um pouco relutantes e, inclusive, distantes com relação a nossa presença. Por exemplo, quando entrevistamos um grupo de sete alunos que saiu mais cedo, sentimos que as nossas perguntas provocaram entre eles um momento de reflexão, mas uma reflexão a que não tivemos acesso, era como se eles tivessem deixando bem claro que, apesar de nós estudarmos e procurarmos entender o mundo deles, nós não vivíamos neste mundo, nós não fazíamos parte dele. (D.C. 04)

Situação administrativa e pedagógica

A escola possui um projeto pedagógico cuja prioridade é a linguagem, como meio de:

- estabelecer e manter relações sociais;
- possibilitar a ampliação do conhecimento do aluno rumo à educação formal;
- organizar a experiência do aluno-trabalhador. (D.C. 10)

O projeto pedagógico tem como premissa básica partir do currículo oculto do aluno, ou seja, de suas experiências pessoais, a nível de

trabalho e como ser humano; a uma experiência mais sistemática, que é a democratização do saber. Ou seja, partir de um saber, de um conhecimento informal, para um saber sistematizado como parte de uma herança cultural (que não pode ser adquirido espontaneamente), para uma clientela escolar constituída de adolescentes e adultos trabalhadores.

Para o diretor *"uma escola sem projeto pedagógico é uma mera unidade administrativa e não há uma preocupação político-educacional."*

Resumindo, o projeto pedagógico dá ênfase à questão da linguagem e a unidade básica para trabalhá-la é o texto, sempre levando em conta o currículo oculto do aluno. Paulo Freire, em um de seus livros, fala sobre a bagagem cultural dos alunos:

O povo pode ensinar-nos muitas coisas, mas a maneira de ensinar do dominado é diferente da maneira de ensinar do dominador. Os trabalhadores ensinam em silêncio, por seu exemplo, por sua condição. Não atuam conosco como professores. Por isso, nós enquanto seus professores, devemos estar completamente abertos para sermos seus alunos, para aprender pela experiência com eles, numa relação educacional que é em si mesma, informal. (Freire e Shor, 1986:42)

Segundo o diretor, ocorrem reuniões pedagógicas sistemáticas, de quinze em quinze dias, por iniciativa dos professores. Frisou que essas reuniões são por área de estudo e surgiram em razão do alto número de reprovações, principalmente em matemática, que é uma das áreas consideradas mais conservadoras. Contudo, observamos nas falas de professores e funcionários o desconhecimento sobre essa sistematicidade das reuniões. Pareceu-nos que, as reuniões não são tão sistemáticas para os professores, e, muito menos surgiram por iniciativa destes.

As reuniões com alunos são feitas quase que exclusivamente para a resolução de problemas. Há representantes e vice-representantes dos alunos; primeiro eles se reúnem entre si e depois com o diretor, mas constatamos que nem todos alunos têm conhecimento dessa sua representatividade. (D.C. 4.2)

Uma característica que torna o noturno específico, e no caso o supletivo, é o tempo reduzido, que apareceu nas falas de todos os entrevistados: alunos, professores, funcionários e direção. Possui o noturno uma clientela também específica constituída, em sua maioria, de

adolescentes e adultos trabalhadores. Alertamos, no entanto, que quando falamos em uma clientela específica, não estamos falando de um clientela diferenciada que necessita de paternalismo para conseguir sobreviver na escola.

A questão "tempo" é vista de vários ângulos, conforme o protagonista. Para os alunos, perder tempo é imperdoável no supletivo, pois consideram que já perderam muito tempo no estudo por não terem cursado a escolarização regular na faixa etária adequada. Já os professores (pelo menos alguns) procuram ver a questão do tempo fora da escola, da idade, não como algo perdido, mas uma oportunidade de pegar a experiência de cada um como um fator positivo, pois acreditam que o aluno traz consigo um currículo oculto, que é visto como ponto de partida para a democratização do saber, partindo de um saber informal para um saber formal. Porém, verificamos na prática que o aluno não tem consciência da sua própria bagagem cultural. Ou porque o professor não conseguiu trabalhar de fato esta questão; ou porque o aluno já se sentenciou e se condenou pelo tempo que ficou longe da escola sem, no entanto, questionar a estrutura e a sociedade que verdadeiramente foram as responsáveis por terem sido excluídos - "um apartheid social".

Necessário seria, então, uma tomada de consciência de professores e alunos, de que a culpa não é de um e nem de outro, mas ambos não devem se acomodar. Ambos devem procurar desenvolver uma visão crítica da realidade e da realidade do supletivo, pois o supletivo é um paleativo, fruto de uma sociedade perversa, que nunca mudou sua estrutura pela base, e, cujas reformas educacionais sempre ocorreram de cima para baixo (do ensino superior para o ensino básico).

Seletividade da escola noturna

A evasão escolar no Primeiro termo é maior (Cf. Tabela 1 - DC. 07), pois reflete a tentativa de readaptação à vida escolar. Normalmente são os mais velhos que encontram dificuldades de se adaptarem novamente, se conseguem passar a fase inicial já é uma vitória, caso contrário, ficam duplamente frustrados.

Tabela 1

Alunos	1º Termo	2º Termo	3º Termo	4º Termo	Total
Matriculados	79	80	106	109	374

Em novembro	63	72	90	98	323
Evasão	16 (20,25%)	08 (10%)	16 (15%)	11 (10,09%)	51 (13,63%)

* Dados obtidos durante o segundo semestre de 1991.

Para o diretor, o problema da evasão no noturno é muito grave, pois marca no aluno o estigma da capacidade. A evasão ocorre por fatores externos e internos, mas o diretor frisou, essencialmente, os fatores externos, como: transporte, problemas familiares (maridos, filhos, esposas), doenças, trabalho (cansaço, mudança de turno), etc. O único fator interno frisado foi a questão das notas baixas, na qual colocou que a sistemática de avaliação deveria ser revista. Atualmente, na escola está sendo experimentado um sistema de avaliação contínuo, que procura considerar o indivíduo como ser histórico na avaliação, com tendência a crescer. (DC.05)

Do ponto de vista dos alunos, a evasão ocorre por dificuldades de aprendizagem, mudanças de turno no trabalho, problemas financeiros, cansaço e, inclusive, por suspensões. (DC. 04)

Ao componente curricular de Matemática é atribuída a maior carga de culpa pelas reprovações e evasões. Segundo dados da administração a área de matemática é a ala dos professores que aceitam normalmente a relação trabalho/dia e ensino/noite, mas não superam, nem repensam esta situação. Um aluno chegou a comentar que:

A professora de matemática falou que os alunos do supletivo não teriam chances de acompanhar o segundo grau como os alunos do regular. (D.C. 4.2)

Isto pode ser questionado pela fala de uma aluna que já concluiu o supletivo e que agora está cursando o 2º colegial:

O supletivo dá uma geral de toda matéria, tanto que já no colegial vi que muita coisa que havia visto no supletivo, muitos colegas que fizeram o regular não tinham visto. (DC: 4.1)

Se analisarmos a Tabela 1 (acima) e a Tabela 2 (a seguir):

Alunos	1º Termo	2º Termo	3º Termo	4º Termo	Total
Desistentes	23	13	18	06	60
Reprovados	10	15	19	10	54
Retidos (desistentes+aprovados)	33	28	37	16	114

* Dos reprovados, cerca de 50% renovam a matrícula e 50% desistem.

* Dados do primeiro semestre de 1991.

Constataremos que, tanto o índice de evasão, como o índice de reprovação não são altos, mas o próprio fato de existirem, deixam o indivíduo que já foi marcado pela sociedade capitalista, novamente rotulado e marcado pela própria sociedade que nunca lhe deu acesso. Isso pode ser confirmado por esta frase de Paulo Freire, lembrada pelo diretor durante a entrevista:

A sociedade capitalista proclama a igualdade e age na desigualdade.

O aluno-trabalhador

Em algumas entrevistas detectamos que a escola nem sempre é aquilo que o aluno espera, e, em se tratando de curso noturno e supletivo, os alunos caem sempre na questão da qualidade, como pode ser observado na fala da aluna:

Muitas pessoas vêem o aluno do noturno como o mais fraco. Não é bem assim, os alunos estudam à noite porque precisam trabalhar. A maioria pensa que quem estuda à noite não pretende continuar o estudo e não é isto. A maioria quer fazer o superior, mas o currículo é muito fraco.(DC:20)

A fala coloca a questão da qualidade - "o currículo é muito fraco" - ou seja, o aluno sabe que o curso noturno é mais fraco, mas não aceita, pois é o único que lhe é acessível. Ao entrevistarmos o vigia, este nos revelou que os alunos ficam muito nervosos quando há falta de professores, apesar de momentaneamente ser bom, pois assim vão embora mais cedo para casa, eles têm consciência de que estão saindo prejudicados.

O aluno-trabalhador vê a escola como um desejo a ser realizado, vê nela, apesar de todas as contradições, mecanismos de

seleção e diferenciação, um lugar onde possa de alguma forma resgatar o "tempo perdido". Mesmo não atendendo, nem satisfazendo suas expectativas ao entrar nela, seu desejo é de vencer esse desafio: trabalhar e estudar.

A relação escola-trabalho é assumida por todos, em uníssono, como uma relação difícil de se conciliar no início e forçosa em sua continuidade. Todos a vêem como uma relação trabalhosa e que leva muitas vezes ao desgaste, mas mesmo assim sentem necessidade de levar o desafio adiante.

O aluno trabalhador conhece sua real condição, ao contrário do que muitos dizem, ele sabe que o supletivo não proporcionará a ascensão social, o que pretende muitas vezes é melhorar o seu salário, sentir-se reconhecido pelo seu esforço. Há, portanto, consciência da realidade, talvez falte a consciência de classe como um todo, de questionar porque tudo lhe é difícil, por que tudo lhe é custoso, oneroso a nível material e pessoal.

Mas o que é um fato no supletivo e que pudemos verificar em quase todas as entrevistas de alunos e professores, foi o conflito de idades:

... os mais velhos vêem os mais jovens como baderneiros, e, os mais jovens vêem os mais velhos como caretas. (DC: 04)

Há também a questão daqueles que querem aprender de fato e os que estão visando apenas o credenciamento. Este antagonismo pode ser exemplificado na fala de uma aluna:

O aluno não deve se acomodar. Muitas vezes o aluno que exige mais qualidade é discriminado. Os professores se acomodam e os alunos também. (DC: 4.1)

ou ainda:

... muitos vem na escola para bagunçar e os que levam a sério saem prejudicados. (DC: 4.2)

na visão de um professor:

No início do ano, fiz a experiência das expectativas: há o lado material, mas há também a dimensão simbólica de não se ver como ignorante, ser menos marginal. (DC: 03)

O supletivo na escola "C&C" atende uma faixa etária que gira em torno de 19 a 30 anos (DC: 08) em sua maioria, mas há alunos com menos de dezenove anos e com mais de cinquenta anos, surge então um conflito de gerações. De um lado, o pessoal mais "velho", que já sente uma grande dificuldade de aprendizagem e readaptação e, na hora das aulas, quer silêncio, quer mais exercícios, quer mais explicações. Do outro lado, o pessoal mais jovem, que está atrasado na escolarização regular, mas que já está acostumado com a rotina escolar, pois não ficou muito tempo afastado; quer estudar, mas também quer conversar com os amigos, namorar, até brincar e chamar a atenção. Por exemplo: segundo depoimento de um funcionário, no 1º semestre, um aluno de 23 anos jogou uma bomba na privada do banheiro, provocando estragos, foi suspenso. Percebe-se neste fato e em outros, como: pular o portão para encabular aula; vir de mini-saia, sendo que a norma da escola não permite; etc; uma tentativa de recuperar a adolescência perdida. Na maioria são jovens que começaram a trabalhar cedo e assim, já tinham uma carga de responsabilidade sobre os ombros, cometem erros no intuito de chamarem a atenção, como se ainda fossem adolescentes. Toda a socialização que eles não tiveram na infância ou na adolescência, buscam na escola, já na fase adulta. Daí surgem fatos inconseqüentes como o citado há pouco.

Contudo, o diretor deixou bem frisado em sua entrevista, que a principal vantagem de se trabalhar no supletivo é a postura do aluno adulto:

... lidar com uma turma adulta, consciente. Não há problemas de disciplina e dá para haver uma abertura maior na relação diretor/aluno. (DC: 05)

Portanto, os poucos casos de indisciplina não são considerados pelo diretor como de grande relevância, considera a sua clientela adulta e consciente. Isso pudemos constatar, pois, no primeiro dia de visita a escola, ficamos sabendo sobre a organização de uma manifestação dos estudantes na escola por melhores condições de transporte. Isso mostra, obviamente, uma maior conscientização do aluno-trabalhador, fato, no entanto, que não se estende a todos, pois nem todos participaram da manifestação, nem todos têm a consciência de que, apesar das divergências, formam um grupo, um grupo de alunos-trabalhadores, um grupo de dominados que precisam se unir.

Em uma das entrevistas, ao perguntar para o aluno o que ele faria se reprovasse, respondeu-nos que continuaria. Perguntamos o porquê, ao que ele nos respondeu:

... não se deve desistir facilmente, tem que lutar, batalhar.
(DC: 04)

Constatamos então, que no supletivo há muito a questão do individualismo,

Os que sabem mais, sabem, e não procuram ajudar os outros.
(DC: 04)

Portanto, não há consciência de grupo, a luta da qual fala o jovem é uma luta individual, uma luta sua pelo seu diploma ("visão durkheimiana"). No entanto, a mobilização dos alunos, na luta pelo transporte, trouxe um fato inédito: a descoberta dos alunos enquanto grupo.

Manifestação dos alunos

"A Administração Popular de Campinas informa:
Transporte não é direito de todos."

No dia 04/11/91, primeiro e penúltimo dia desta primeira fase da pesquisa de campo, vivenciamos uma experiência muito gratificante: a tomada de consciência dos alunos enquanto grupo, a qual nos fez sentir próximo deles, pois se assemelhava a nossa experiência no Curso de Pedagogia Noturno.

Enquanto estávamos na sala do diretor, uma aluna da 7ª série entrou solicitando a saída dos alunos cinco minutos mais cedo. A razão desse pedido era que os alunos da escola, conjuntamente com outros alunos de outras escolas do bairro, fariam uma manifestação, às 22:30 horas, na Avenida das Amoreiras, com a presença da imprensa falada e escrita, reivindicando condições dignas de transporte, pois na hora da saída dos alunos, os ônibus são poucos e não atendem a demanda. Segundo os alunos, cuja maioria mora em bairros distantes, os ônibus passam superlotados, de quinze em quinze minutos. Infelizmente, a passagem mais cara do país, não possibilita o transporte mais eficiente do país. O tratamento é desumano e representa uma humilhação ao aluno-trabalhador.

O diretor esclareceu que o movimento foi uma iniciativa dos próprios alunos, tanto o abaixo-assinado, como a manifestação. E, ainda ressaltou, que o fato representava uma luta dos alunos contra um dos fatores externos, que provoca evasão no curso noturno.

Ao terminarmos a entrevista, quando nos dirigíamos para o ponto de ônibus, ouvimos o seguinte refrão, como um "grito de guerra":

*Sou, estudante eu sou, quero estudar, mas o ônibus
não quer deixar ... F.P.*

Era a manifestação dos estudantes que presenciávamos de corpo e alma. Fecharam a Avenida das Amoreiras, sentido centro, através de uma corrente humana. Os ônibus que iam para a cidade foram obrigados a parar, pelo menos temporariamente - a luta pelo direito de voltar para a casa, depois de oito horas de trabalho e quatro horas de aula.

Infelizmente, ao contatarmos alguns líderes do movimento, verificamos que a situação dos ônibus continua a mesma e a imprensa não deu a cobertura necessária para o sucesso do evento.

A manifestação pode não ter tido um resultado animador, mas significou uma tomada de consciência de um grupo que se sentiu lesado em seus direitos. Talvez essa consciência possa ser efetivada quando esse grupo perceber que não é uma minoria, mas a grande maioria. Isso demonstra, ao contrário do que muitos teóricos dizem, que a luta de classes não é algo ultrapassado, mas atual e sempre presente em nossa história, e, faz valer o velho ditado: "quem não chora, não mama".

Conclusão

O supletivo é um remendo, um paleativo, fruto de uma sociedade elitista que vive às custas da maioria, visando sempre interesses particulares e minoritários, utilizando qualquer meio, lícito ou ilícito, para se manter na condição de dominador. No entanto, se o supletivo é um "mal necessário", visto que grande parte da população não teve e não tem chances de fazer a escolarização regular na idade apropriada, que ele seja um instrumento de libertação dessa realidade, através da conscientização e do desenvolvimento do espírito crítico no aluno-trabalhador.

*Somos quem podemos ser,
Sonhos que podemos ter.
(Engenheiros do Hawaí)*

Para além dos dados, algumas observações finais deste relatório

Inversamente do que ocorreu com as demais pesquisas de nossa turma, não houve na escola "C&C" o "fetiche" UNICAMP, não houve nenhum interesse maior dos alunos com relação a Universidade. Aliás, o único interesse foi no sentido de intercâmbio cultural: teatros, danças, palestras; mas tudo colocado normalmente, sem a admiração, ou o endeusamento à UNICAMP. Inclusive, os professores e o diretor tinham a mesma postura dos alunos, pedindo, ambas as partes, uma articulação entre teoria e prática:

A vinda da Universidade para a escola pública é importantíssima. (DC: 05)

Essa visão da UNICAMP por parte do corpo de alunos, professores e direção, leva à questão do distanciamento da UNICAMP quanto a uma real e profunda contribuição. Enquanto prevalecer o espírito puramente acadêmico de pesquisas, teorias, sem uma real participação na estrutura do ensino noturno, ocorrerá o que aconteceu conosco quando tentamos participar da conversa do grupo de alunos: embora tenhamos consciência de sua realidade, não a conhecemos tão profundamente como quem a vive.

Gostaríamos de continuar pesquisando a clientela dos cursos noturnos e, principalmente, a questão do conflito de idades no supletivo, mas de uma forma mais aprofundada, inclusive em sala de aula. Continuar aprofundando também a questão do supletivo e a quem ele serve: ao aluno ou a sistema?

A experiência foi gratificante do lado pessoal, pois fazemos parte dessa realidade. É estar presente no Brasil real, longe das paredes do conhecimento, porém conscientes da importância dele para o estudo e interpretação dessa realidade, ou seja, a tentativa de equilibrar a teoria com a prática. Não podemos esquecer que é na vida cotidiana que se insinuam as transformações globais. Não há transformação na utopia. O sonho só é possível se atrelado à realidade.

Resultado da Segunda Fase da Pesquisa - 1992
"A dupla dura jornada do trabalhador que volta a estudar no
Supletivo Municipal - Lutas de uma escola pública"

De início gostaríamos de deixar nossos agradecimentos e reconhecimento aos professores, alunos, funcionários e direção da Escola "C & C", por tudo que nos ensinaram.

Tudo que aprendemos com eles foi e está sendo muito importante para a nossa formação. Quando começamos esta pesquisa não tínhamos nenhuma visão pré-concebida sobre o supletivo. Aos poucos fomos sendo envolvidos pelo clima de compromisso que havia no supletivo. E isto nos mostrou que não é válida a generalização que supõe que o supletivo é de baixa qualidade (um resumo do curso regular). Como diz Ezpeleta e Rockwell:

Pensamos que a construção de cada escola, mesmo imersa num movimento histórico de amplo alcance, é sempre uma versão local e particular neste movimento. (...) A partir daí, dessa expressão local, tomam forma internamente as correlações de forças, as formas de relação predominantes, as prioridades administrativas, as condições trabalhistas, as tradições docentes, que constituem a trama real em que se realiza a educação. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:11)

Este relatório é fruto de um trabalho de pesquisa realizado num Centro Supletivo Municipal de Campinas. Dividiu-se em duas fases: a primeira fase compreendeu o segundo semestre de 1991, constando de conversas informais com professores, funcionários, alunos e direção, e registros das visitas em diários de campo; a segunda fase, desenvolvida no primeiro semestre de 1992, constou de registros de aulas em diários de campo, entrevistas semi-estruturadas e gravadas com alunos e professores.

Durante esse processo que vivenciamos (a pesquisa) fomos percebendo que o supletivo é um remendo um paleativo, fruto de uma sociedade elitista que vive às custas da maioria, visando sempre interesses particulares e minoritários, utilizando qualquer meio, lícito ou ilícito, para se manter na condição de dominador. No entanto, se o supletivo é um "mal necessário", visto que grande parte da população não teve acesso e não tem chances de fazer a escolarização regular na idade adequada, que ele seja um instrumento de libertação dessa realidade, através da conscientização e do desenvolvimento do espírito crítico no aluno-

trabalhador, nos limites possíveis de uma instituição de Estado, que não tem possibilidades de superar todas as determinações sociais, mas pode trabalhar em cima de suas contradições.

Contudo, muitas pessoas tendem a encarar o supletivo apenas sob este ângulo: supletivo é fruto de uma sociedade injusta, portanto não se pode mantê-lo, pois seria a mesma coisa de se estar legitimando essa sociedade.

Ora, ou esse raciocínio é muito ingênuo, ou é intencional. Afinal, sabemos muito bem que não é o supletivo "o mal que precisa ser cortado pela raiz", não é extinguindo o supletivo que a sociedade vai deixar de ser injusta. Mais que isso, não é o supletivo que faz com que as pessoas se vejam obrigadas a sair da escola. Logicamente, também não podemos afirmar que é ótimo que existam cursos supletivos, o ideal seria a não existência deles pela falta de necessidade, mas esse não é o caso da estrutura social na qual estamos inseridos.

Esses cursos procuram suprir, de uma certa forma, seu papel de dar chance aos que não tiveram possibilidade de permanecer na escola pública, na idade apropriada. É nesse jogo contraditório que possuem e enfrentam um certo conjunto de conflitos ainda não superados.

Em Campinas havia cinco Centros Supletivos Municipais, em 1992, oferecendo como modalidade o ensino supletivo regular (de 5ª a 8ª série), sendo que dois deles foram criados no início deste mesmo ano.

O Centro Supletivo (escola "C&C") que está nos ajudando a entender melhor essa realidade (apesar de nossas poucas visitas) está tentando, através do esforço de alguns professores e direção, deixar de ser apenas o resumo do curso regular

É que eu estou tentando fazer um trabalho alternativo, uma matemática para o aluno-trabalhador, uma matemática que ele sentisse útil para sua vida, pois o currículo atual é apenas um resumo do curso regular. (DC:, p. 6)

Para,

... educar e elevar o indivíduo ao nível de ampla participação cultural, intelectual, política e profissional, o que toma a responsabilidade da escola tão pesada e importante.⁵

⁵ Cf. Projeto Pedagógico da escola "C&C", p. 02.

A Escola

A escola "C&C" (nome fictício) funciona somente no período noturno, em um prédio onde, durante o dia, também funciona uma escola estadual de 1º grau. Oferece como modalidade de ensino o supletivo regular (5ª a 8ª série) - Suplência II - onde cada semestre é um termo (uma série), ou seja, em dois anos o aluno poderá completar o curso, caso não tenha evadido ou repetido. A fase crítica de evasão ocorre nas séries iniciais - 5ª e 6ª série - principalmente a 5ª série, pois ela representa o momento de readaptação deste aluno, que ficou um certo tempo afastado da escola, à rotina escolar. Caso ele não consiga passar por essa "prova de fogo", ficará duplamente frustrado, carregando o estigma do fracasso escolar.

Os alunos utilizam todo o espaço do prédio, que não é grande: salas de aula, banheiros, estacionamento e o pátio, no qual eles gostam de ficar em grupos conversando. Apenas a porta de frente do colégio é de uso exclusivo da administração e do corpo docente, cremos que por uma questão de segurança e de espaço, visto que a porta central dá, de imediato, num corredor estreito onde se projetam a sala da direção e secretaria.

Ao retornarmos este ano para a escola, verificamos que adquiriram um vídeo e uma televisão, por esforço e iniciativa própria:

Posteriormente, o diretor nos contou que tem muito medo que roubem o vídeo, pois foi uma conquista dura que eles obtiveram vendendo salgadinhos na hora do recreio, inclusive, os próprios alunos ajudam na venda. (DC:, p.4)

Percebe-se nesse fato, que a escola pública acaba tomando a dianteira e resolvendo os seus problemas materiais, visto que não recebe auxílio do poder público, como deveria ser constitucionalmente.

Com relação ao bairro em que a escola está inserida, não detectamos relações explícitas, mesmo porque é uma minoria de alunos que reside no próprio bairro. A maioria provêm de outros, geralmente distantes. O contato mais amplo dos alunos talvez seja a trajetória do ponto de ônibus para a escola e vice-versa.

Apesar da maioria dos alunos ser de bairros distantes, a procura é grande e pode ser explicada por dois motivos: a gratuidade do curso, pois a rede privada é inacessível a esses alunos devido aos seus

altos preços; a localização, a Avenida das Amoreiras é um ponto estratégico para os alunos, pois ali passam a maioria dos ônibus de seus bairros, a exemplo, transitam todos os ônibus que vão para o Terminal Ouro Verde.

A escola fornece merenda para os alunos, que é financiada pela Prefeitura. Os alunos que se servem da merenda representam metade da clientela, são os que chegam diretamente do serviço, sem tempo para voltarem para casa. Há também uma pequena cantina da própria escola, como segunda opção.

Situação administrativa e pedagógica

Uma escola sem projeto pedagógico é uma mera unidade administrativa e não há uma preocupação político-educacional. (diretor da escola)

Esse é um fato que nos deixou felizes, a existência de um projeto pedagógico e, sobretudo, sua prática, apesar das contradições. Fato esse que não é observado em algumas escolas regulares noturnas de Campinas, pois mesmo constando burocraticamente a existência do mesmo, na prática verifica-se a sua não concretização.

O projeto pedagógico da escola "C&C" tem como prioridade a linguagem, como meio de:

- estabelecer e manter relações sociais;
- possibilitar a ampliação do conhecimento do aluno, rumo à educação formal;
- organizar a experiência do aluno-trabalhador. ⁶

O projeto pedagógico tem como premissa básica partir do currículo oculto do aluno, ou seja, de suas experiências pessoais, a nível de trabalho e como ser humano; para uma experiência mais sistemática, que é a democratização do saber. Ou seja, partir de um saber, de um conhecimento informal, para um saber sistematizado, como parte de uma herança cultural que não pode ser adquirida espontaneamente, para uma clientela escolar constituída de adolescentes e adultos trabalhadores.

... A escola não é seguramente a mesma em todo o mundo capitalista, nem sequer nos países da América Latina. (Ezpeleta Rockwell, 1989:11)

⁶ Cf. Projeto Pedagógico da escola, p. 3

Este trecho de Ezpeleta e Rockwell nos mostra que a escola é um processo inacabado, "uma trama em permanente construção que articula histórias locais - pessoais e coletivas - diante das quais a vontade estatal abstrata pode ser assumida ou ignorada, mascarada ou recriada." (Ezpeleta e Rockwell, 1989:12). Ou seja, a escola como parte da sociedade tende a ser difusora de um sistema de valores, universais ou dominantes, que transmite sem modificações. Contudo, possui sua história particular e local no interior deste movimento histórico. É um local em constante construção que também pode optar pelo trabalho transformador, como o que presenciamos no supletivo. Obviamente a prática é acompanhada de atropelos, conflitos, mas há um objetivo de fazer da escola um movimento social e histórico.

Retomando, já vimos que o projeto pedagógico dá ênfase à questão da linguagem no trabalho com os alunos, e a unidade básica para trabalhá-la é o texto, sempre levando em conta o currículo oculto do aluno-trabalhador, sua história de vida, seu cotidiano. Já citamos, no relatório anterior, um trecho de Paulo Freire, que fala sobre esta bagagem cultural dos alunos:

O povo pode ensinar-nos muitas coisas, mas a maneira de ensinar do dominado é diferente da maneira de ensinar do dominador. Os trabalhadores ensinam em silêncio, por seu exemplo, por sua condição. (Freire, 1986:42)

O Projeto Pedagógico prevê a existência de um Conselho de Escola "formado através de eleição e registros em Ata", constituído pela "direção da escola, um professor-representante, um orientador-pedagógico, um aluno-representante e um funcionário"⁷. Pudemos observar a existência de alguns cartazes na escola que avisavam o dia da reunião do Conselho.

Nesta nossa segunda fase da pesquisa, entramos em sala de aula, registrando as aulas que assistíamos para analisar fragmentos da trajetória curricular, visto que não fizemos um acompanhamento mais sistemático.

Assistimos aulas em duas séries - 6ª série B e 7ª série B - com maior número de registros na 6ª série B. O horário das aulas é das 19:00 às 22:30 horas e os alunos que não conseguirem chegar no horário podem entrar na segunda aula. (DC:, p.23)

⁷ Cf. Projeto Pedagógico da escola, p. 07.

Currículo em aula

O aluno-trabalhador do supletivo, ao retornar para os bancos escolares, carrega consigo, ansiedade e insegurança. Conforme diz Sérgio Haddad:

Chega assustado, como medo de ocupar o espaço escolar, inseguro de sua capacidade de se escolarizar, insegurança esta calcada ao longo de um processo de constante exclusão e desvalorização. Chega identificando em si, em sua incapacidade, e em sua "burrice", a culpa pelo atraso escolar. (Haddad, 1982:165)

Detectamos que, na sua busca, há duas dimensões: o credencialismo e o caráter simbólico de "voltar a estudar":

Eu fiquei 25 anos sem estudar. Aí perto da minha casa tinha supletivo, não era bem um supletivo, mas eu fiz ... Aí eu fiz a 4ª série. Aí, tinha duas colegas qui vinha aqui, né, vinha fazer o ginásio aqui.

- Aí você se entusiasmou!?

- É. Quer dizer, a gente pensa muito, né, porque é difícil né, prá gente, dona de casa, é difícil. (Gilda - Aluna da 7ª série - junho/1992)

Embora possa parecer que há dois tipos de alunos - o que visa o diploma apenas e o que quer se sentir menos marginal - acreditamos que estas duas dimensões se completam, pois é difícil imaginá-las separadas, visto que, mesmo o aluno que só quer o diploma visando ascensão profissional, também quer uma satisfação pessoal, não se ver como ignorante, como retrata a fala de uma aluna em entrevista:

O estudo está sendo o alicerce de tudo. Então, tudo que você quer fazer, você tem que ter o estudo. Então, eu falo por mim que parei, que fiquei muito tempo fora da escola. Acho que é super importante você voltar e adquirir ao menos algum conhecimento. Ao menos a teoria, a prática você adquire. (Débora - Aluna da 7ª série - junho/1992)

Pela fala da aluna, percebemos que não é só o diploma que é importante, mas também a aquisição de conhecimentos. Sérgio Haddad

também nos mostra essa situação através de um exemplo citado em um de seus textos:

Quando ia saindo do trabalho, no elevador, o contador da firma viu os livros e lhe falou: "Parabéns, é assim que se começa. Logo você vai conseguir alguma coisa melhor." Ele admirava muito este senhor, e o seu incentivo foi muito importante. Agora mostrava a todos os seus livros, prova maior de que estava fazendo um esforço para deixar de ser o que era. Sentia que todos lhe queriam bem, apesar de não demonstrarem muito valor pelo seu trabalho. Mas faxineiro que estuda é outra coisa. (Haddad, 1982:18)

Ao procurar captar, em nossas poucas visitas, fragmentos da trajetória curricular desses alunos, algo ficou bem claro para nós: a proposta de trabalhar em sintonia com a realidade do aluno-trabalhador vai depender da postura assumida pelo professor, conforme diz Paulo Freire:

Se, por exemplo, a opção do educador ou da educadora é pela modernização capitalista, a alfabetização de adultos não pode ir, de um lado, além da capacitação dos alfabetizados para que leiam textos sem referência ao contexto; de outro, da capacitação profissional com que melhor vendam sua força de trabalho no que, não por coincidência, se chama "mercado de trabalho" (...) Se revolucionária é sua opção, o fundamental na alfabetização de adultos é que os alfabetizados descubram que o importante mesmo não é ler histórias alienadas e alienantes, mas fazer história e por ela ser feitos. (Freire, 1978:69)

A escola não trabalha como um todo, por questão pessoal há diferentes concepções de mundo. Há áreas mais conservadoras que não aderem. (DC, p.41)

Essa frase mostra a prática do Projeto Pedagógico: a aceitação e aplicação, a rejeição ou até a indiferença.

A entrada em sala de aula nos permitiu ver fragmentos da prática do Projeto Pedagógico. Pudemos observar nas duas séries que assistimos aulas, que professores de áreas iguais fazem trabalhos totalmente opostos. Por exemplo, o professor de matemática da 6ª B optou por trabalhar com o Projeto Pedagógico, sua preocupação maior era:

Preciso da ajuda de vocês, pois quero reestruturar o currículo de matemática. Nós assustamos! Ele pretende avaliar o que é importante na matemática, junto com os alunos, para a realidade do curso supletivo. O currículo atual é resumo do curso regular. (DC:11)

A professora de matemática da 7ª B, fazia um trabalho voltado para o ensino propedêutico, no qual a ênfase maior está no conteúdo a ser ensinado para os alunos:

Enquanto os alunos faziam os exercícios, ela se aproximou de nós e disse que queria o retorno da nossa pesquisa. Passou que seu objetivo era preparar os alunos a continuarem os estudos, os que desejam. (DC:72-73)

Constatamos, em entrevista com alguns alunos, que o método da professora é aceito:

Olha, a aula mais aproveitável mesmo é matemática, apesar de ser a mais difícil, a mais puxada, mas eu prefiro a aula de matemática (...) É que as outras aulas são muito enroladas, a matemática você aproveita mais, é uma aula mais rápida, dá muita matéria, é um pouco corrido, mas é uma coisa que você tem que fazer e você faz. (Isabel - Aluna da 7ª série - junho/1992)

Percebe-se que a questão - "tempo perdido" - que trabalharemos mais a frente, age como um fantasma na vida do aluno-trabalhador do supletivo. Ele já se sentenciou pelo tempo que ficou afastado da escola, logo, o melhor professor é aquele que "não perde tempo", que é rápido e que lhe dá a sensação de que está aprendendo de fato.

Por outro lado, os professores de português, tanto da 6ª B como da 7ª B, trabalham o Projeto Pedagógico, dando ênfase à linguagem, fazendo um trabalho integrado com Geografia:

Vocês vêm aqui muito pouco, não seguiram todo caminho que eu tracei com os alunos. Pode ser que aquele momento não tenha significado muito para vocês, mas para mim foi um resultado de toda uma caminhada. (DC:26)

O momento a que a professora se refere foi quando os alunos, durante a leitura, tomaram consciência do erro que haviam cometido e começaram a se corrigir, sem que a professora precisasse intervir:

Durante a leitura, houve um probleminha de situar quem é quem no texto.

-Agostinho ou Miro? Eles estavam misturando a fala do narrador. O texto era assim:

- Eu já consegui juntar 2.500 dólares, Miro - dizia ele ...

E foi lido assim: - Eu já consegui juntar 2.500 dólares - Miro dizia ...

Alguns alunos perceberam o erro e começaram a corrigir uns aos outros. (DC:25)

Isso mostra que a aprendizagem é um processo que vai se constituindo na histórica do educando, gradualmente. O entusiasmo dos alunos, quando perceberam o erro cometido na leitura, lembra os versos do poema "Canção para os Fonemas da Alegria":

Peço licença para terminar soletrando a canção da rebeldia que existe nos fonemas da alegria: canção de amor geral que ouvi crescer nos olhos do homem que aprendeu a ler. (Thiago de Melo - 1965)

Enquanto na 6ª B ...

O professor disse que o mais importante é avaliar a expressão dos alunos. De longe vi que o título era "A surpresa do calote". O conteúdo é sobre o homem do nordeste e a região nordeste - Geografia do Brasil. (DC:49)

Semelhante ao trabalho da professora da 7ª B é o trabalho do professor da 6ª B, que prioriza a linguagem, no aspecto da produção de textos.

Esse professor nos chamou a atenção por desenvolver um trabalho individual com um aluno da classe, que possuía muitas dificuldades em leitura e interpretação de texto.

O professor acredita que a dificuldade ocorra pelo fato do aluno ser um trabalhador precoce e não ter tido oportunidade de ler livros infantis, não conseguindo desenvolver gosto pela leitura. A partir dessa constatação, o professor iniciou um trabalho com este aluno, a partir de livros infanto-

juvenis, com histórias que tem a ver com a sua realidade. Como diz Paulo Freire:

... O importante mesmo não é ler estórias alienadas e alienantes, mas fazer história e por ela ser feitos. (Freire, 1978:69)

Os dois professores de história que conhecemos realizam trabalhos diferentes entre si. Enquanto o professor da 7ª B trabalha a realidade do aluno-trabalhador, a professora da 6ª B faz o que Paulo Freire denomina de "educação bancária" - joga conteúdo para os alunos, através da cópia, e depois retira o que foi transmitido. Vejamos alguns momentos observados em aula, descritos nos nossos diários de campo:

Assim que ela leu a carta:

- Chi, vocês conhecem essa turma, é devagar quase parando. Chega a dar dó.

Eles estão vendo sobre o 2º Reinado e fazendo uma cruzadinha. A professora passa de carteira em carteira observando o exercício. Um aluno a chamou: - Ô, dona ... -

Dá um tempo. Que você está fazendo? Passando um texto de ciências a limpo? Ah, tenha dó. Agora não é aula de ciências. Hum deixa eu ver o que você fez. Você fez os textos? Senão vai ficar atrasado, hoje é uma nova fase.

- Eu fiz mas deixei em casa.

- Hum, você fez um balaio de gato.

Outro momento, com o mesmo aluno: - Você quer mesmo passar ciências a limpo.

- Já terminei.

- Que bagunça esse caderno. (DC:80-81)

Por esses momentos que observamos em sala de aula, fizemos algo que provavelmente muitos acadêmicos julgariam como imperdoável: nos envolvemos afetivamente com a 6ª B, e quando a professora denominou a nossa "menina dos olhos" de "devagar, quase parando", escrevemos nos nossos diários de campo nossas opiniões:

A gente tem que ser neutra, mas na hora deu vontade de sermos a defesa dos nossos alunos. (DC: 79-80)

Se não agimos racionalmente é porque não dá para separar o lado humano, afetivo do dito "intelectual". Imediatamente nos recordamos de

Makarenko, em um trecho do Poema Pedagógico, quando ao se confrontar com uma incoerência pedagógica num ato com um educando, refletiu:

Eu procedi de uma maneira perigosa, porém humana, e não profissional. A coisa é bastante complicada. Ademais, eles vêem que nós trabalhamos muito para seu benefício. Apesar de tudo, somos pessoas. E esse é um fato de suma importância. (Makarenko, 1985:25)

Essas nossas opiniões se encaixam nesse depoimento de Makarenko - somos humanos. E esse é um fato de grande importância.

Essa professora faz parte um um contingente maior: os que vêem o supletivo, o magistério à noite, como mais uma fonte de renda. É óbvio que a categoria do magistério vive com a realidade do salário baixo e se vê obrigada a ter duas, três jornadas de trabalho. Nessa realidade de "barateamento do magistério", levados a tentativas de sobrevivência, muitos professores se vêem obrigados a trabalhar à noite. É uma realidade violenta, penosa. O professor, além de ter um salário baixo, acresce-se a falta de tempo para estudar, para atualizar-se enquanto profissional. Entretanto, mesmo nessa realidade gritante do magistério, muitos professores não fazem da sala de aula um local de desabafo para suas lamentações e nem transformam seus alunos em vítimas para desafogar essa situação. Têm consciência de sua realidade, lutam por uma dignidade para a profissão em lugares específicos - sindicatos, associações, etc.

Analisando a aula dessa professora, acreditamos que essa preocupação não a acompanha, constatamos que sua relação é fria. Ao nosso ver, transmite a imagem de que dar aula à noite é um favor, um acréscimo no salário. Falta talvez a percepção de que:

... a extensão da jornada de trabalho do professor, só se faz possível em função de outra necessidade socialmente gerada: a necessidade de antecipação do tempo de trabalho do aluno originário das classes subalternas. À noite, encontram-se na escola pública dois grupos de trabalhadores: os trabalhadores precoces, que em razão disso, frequentemente se colocam como estudantes defasados no tempo de processo de escolarização; e os trabalhadores docentes, que prolongam sua jornada. (Silva Jr., 1990:124)

Ou seja, professores e alunos no noturno têm a mesma realidade, chegam à escola desgastados e, frequentemente, exauridos do

seu trabalho no período diurno. Entretanto, essa realidade de encontro de trabalhadores não é percebida, nem trabalhada.

Os alunos se ajudam na elaboração da cruzadinha. Observando, percebi que o problema maior parece ser o desenho da cruzada e não as respostas. (DC: 53)

Como ilustra a citação acima, a professora tinha como única preocupação a estética da cruzadinha, e não o tema. Não sentimos uma preocupação maior em perceber se o aluno estava aprendendo, se havia dúvidas na matéria dada. A participação dos alunos residia em copiar conteúdos, dados pelas atividades do livro de perguntas. Percebe-se que tudo vem pronto, acabado. Cabe ao aluno recebê-lo passivamente, ser um mero executor. Ou seja, o papel de executor, que ocorre com esse aluno no processo de trabalho, é reforçado, neste caso, na aula.

Telma B. Nudler, em seu texto - "A Educação e os Mecanismos de Alienação" - trabalha a hipótese de que:

... a educação contribui dentro de uma sociedade alienante para alimentar a formação de um paradigma pelo qual a consciência do homem fica marginalizada daqueles aspectos que lhe são mais vitais. (Nudler, 1975:06)

Como observamos nessa aula de história, a ênfase dada pela professora é a cópia do conteúdo e a cruzadinha. Nudler denominará a cópia como verbalismo e a cruzadinha como mecanismo de formalismo.

O mecanismo de formalismo dá ênfase as formas - as formas no caderno e na composição, na formação da fila e na saudação a direção, etc. Ou seja, o produto acabado, "mostrável, aquilo que se pode exibir à criança, em lugar de pôr ênfase no processo interior vivo, palpitante, de dúvida, de investigação, de criação e de crítica" (Nudler, 1975:05). Já o verbalismo é a ênfase dada à palavra, em detrimento da observação sistemática e a experiência vivida. As palavras necessitam de um significado, de um contexto. Há uma passagem nessa aula, registrada no DC, que mostra a ênfase ao formalismo:

- Que bagunça esse caderno. (DC:80)

O outro professor de história procura trabalhar a realidade do aluno-trabalhador em aula. Podemos perceber isso nas aulas que

assistimos. Entretanto, notamos uma peculiaridade que nos chamou a atenção, quando da entrevista com os alunos:

Ah! Eu acho o professor muito amarrado. Ele não tem aquele dom de explicar, de passar para os alunos, entendeu? Sei lá, ficou uma coisa meio assim, meio como é que eu posso dizer ... É não dá para você pegar as coisas legal. E é política ainda por cima. Eu sou péssima em política, eu não sei nada de política. (Isabel - aluna da 7ª série - junho/1992)

Enquanto éramos apenas espectadoras, acreditávamos que as aulas do referido professor eram uma das melhores. Qual não foi nosso espanto ao ouvir a aluna. Nos sentimos sem saída, afinal, o professor que dava uma das aulas mais críticas e politizadas não era bem aceito⁸. Percebemos que esse dado era importante e merecia uma atenção maior, visto que:

Conseguir registros, nos quais se assinale por igual o significativo e o não evidentemente significativo, precisou de todo um aprendizado. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:16)

Realmente, foi necessário todo um aprendizado para entender a situação, e assim conseguimos elaborar três hipóteses, que não limitam o tema. A primeira hipótese é que a questão dominado e dominante muitas vezes é exemplificada por palavras para as quais os alunos não atribuem significado, é ter o texto sem o contexto. A segunda hipótese é que o aluno sabe que é explorado, contudo percebe que não é o único consciente dessa situação, porém não visualiza formas de organização, instala-se a angústia; Paulo Freire retrata bem essa situação:

Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado para as catástrofes que se avizinham. (Freire, 1975:44)

Em nossa última hipótese pensamos que, enquanto o educador busca de alguma forma modificar a estrutura social para melhorar a situação da população, o educando quer melhorar sua situação dentro da presente estrutura social.

⁸ Embora, não tenhamos ouvido a opinião de todos os alunos.

Outro fato que nos chamou a atenção ocorreu numa aula de ciências. Uma garota iria fazer uma prova sozinha, porque a classe já havia feito. No final da aula, escutamos essa garota falar para a colega do lado

Obrigada pela ajuda! (DC:17)

Essa frase nos remete ao tema "cola". Já vimos que a "cola" é um mecanismo de contestação do aluno contra o professor, sua aula, seus métodos, a escola ... No entanto, é uma forma de contestação individual (do aluno para um professor). Contudo, percebemos que a "cola" da referida aluna teve o consentimento direto da professora:

Essa menina que está fazendo a prova tirou 3,0 na prova anterior. Dá dó, pois ela só quer o diploma. A professora colocou ela na frente e pediu que a ajudássemos na prova. A professora não vai repetir essa aluna, pois ela já é repetente. Ela cuida de dois irmãos com problemas nervosos, inclusive, eles já estudaram aqui. Dá dó! (DC:, p.22)

Como analisar essa questão? Como entender o aspecto afetivo com o profissional? Seria o chamado "pacto da mediocridade"? Que tipo de horizontes esse professor abre para essa aluna? Em que posição se encontra esse professor? Será que ele se identifica com essa aluna de forma a querer ajudá-la? Mas não estaria ajudando-a pelo caminho mais fácil e mais frágil? A cola não é um mecanismo, um indicativo de que algo vai mal?

Essas perguntas fervilham, brotam e no momento não conseguimos vislumbrar saídas. Isto mostra que a pesquisa não só ensina, como provoca, problematiza e incomoda.

O tempo na vida do aluno-trabalhador do supletivo

... os Nuer não têm na sua língua qualquer atividade da palavra "tempo" e, por isso, não podem como nós, falar do tempo como algo concreto, que passa, pode ser desperdiçado., pode ser poupado, e por aí além. Não penso que alguma vez tenham experimentado o mesmo sentimento de luta contra o tempo ou de terem de coordenar o seu trabalho com uma abstrata passagem do tempo; os seus pontos de referência são as próprias atividades concretas, que têm um carácter descansado. Os acontecimentos seguem uma ordem lógica, mas não controlada por um sistema abstrato, não havendo pontos de

*referência autônomos a que as atividades diárias tenham de se confirmar com precisão. Os Nuer são felizes.
(Thompson, 1991:82)*

Realmente, os Nuer são felizes, porque não existe nenhum relógio sinistro controlando o seu tempo, sobretudo não existe para eles um relógio que controla a vida daqueles que não têm os meios de produção, mas que são obrigados a venderem sua força produtiva. Ou seja, em nossa sociedade o tempo tem uma distinção: o tempo do patrão e o nosso próprio tempo. E o empresário tem de utilizar o tempo dos seus empregados, tem de fazer com que ele não seja desperdiçado. Já não se trata de uma tarefa, o que pontifica é o valor reduzido a dinheiro. O tempo torna-se dinheiro, não passa, gasta-se.

Historicamente o tempo foi se constituindo distintamente para os trabalhadores e os patrões. Cada minuto é como se fosse a coisa mais preciosa do mundo e deve-se gastá-lo totalmente no cumprimento do dever. Todo aquele que desperdiça cada segundo é considerado vadio, incompetente, pois a perda do tempo é algo irrecuperável:

Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou ... (Legião Urbana - "Tempo Perdido")

Enquanto para o patrão o tempo é sinônimo de dinheiro, lucro efetivado pela máxima produção de seus funcionários; para o operário é a única forma de sobreviver no sistema capitalista, onde vende seu único produto que é sua força de trabalho.

Ao trabalhador é inculcido que "o trabalho enobrece o homem", com muito esforço, através do trabalho, poderá conseguir uma casa, se possível um "carrinho velho" e o trabalho é o único caminho para uma velhice segura (nem sempre tão segura). Ao pobre só resta trabalhar, trabalhar; um homem sensato constrói sua velhice trabalhando desde a mocidade. Hoje, na atual recessão, as classes mais pobres não sonham mais com casas, carros, tentam sofregamente manter seus empregos para sobreviver.

Associa-se a essa visão, que toda dificuldade, todo insucesso é uma questão individual - o sujeito não se esforçou o suficiente. Ou então a visão mística - há pessoas que nasceram para fazer sucesso, para serem os protagonistas e outras para serem meros figurantes. A visão mística e a visão funcionalista, que vê a sociedade como um todo perfeito e qualquer

insucesso como anomia, desvio, são caminhos ideologicamente constituídos pelas classes dominantes para se manterem no poder.

Os dominados seguem um outro caminho, seu cotidiano é outro, mas é neste cotidiano que a história deve ser construída.

*... Esperando, esperando, esperando ... esperando o sol,
esperando o trem, esperando o aumento para o mês que vem.
Esperando um filho, prá esperar também. Esperando a festa.
Esperando a sorte. Esperando a morte. Esperando o norte.
Esperando o dia de esperar ninguém. Esperando enfim, nada
mais além da esperança aflita, bendita do apito de um
trem. (Chico Buarque, "Pedro Pedreiro")*

Os versos da música de Chico Buarque também ilustram a questão "tempo". O tempo está sempre presente na vida do aluno-trabalhador do supletivo como algo que já foi perdido e que agora precisa ser recuperado:

*O estudo está sendo o alicerce de tudo. Então, tudo que você
quer fazer você tem o estudo. Então, eu falo por mim que parei,
que fiquei muito tempo fora da escola (...) A gente vai ter que
correr um pouquinho atrás prá não ficar sendo visto pelo tal lado
da ignorância. (Débora - Aluna da 7ª Série - junho/1992)*

Percebemos que o aluno do supletivo sente o tempo como algo irreversível, que jamais voltará, mas ao mesmo tempo, vive o momento e o momento é o seu cotidiano, a realidade de trabalhar de dia estudar à noite. Acordar muito cedo, sem ter dormido o necessário:

*Então, para repor as energias, o máximo, aliás o máximo, dez
horas a oito de sono, mas, na verdade, eu chego a dormir seis
horas, cinco horas de sono, né. Porque o tempo é muito curto
prá estudar, prá trabalhar e fazer o que eu tenho que fazer. Tem
que ser isso mesmo, a maior correria. (Carlos - 5ª série -
junho/1992)*

Enfrentar mais uma jornada de trabalho exaustiva:

*... você fica com o olho aberto ali, aquela ação, aquela coisa.
(Carlos - 5ª série - junho/1992)*

E partir para mais uma jornada de estudo, que muitas vezes termina com o inevitável cochilo nas últimas aulas, o qual é despertado na luta para pegar o transporte, cuja diminuição é constatada no período noturno e seu uso é necessário, visto que a maioria dos alunos residem em bairros diistantes. Finalmente, chegar em casa ... e precisar recomeçar tudo no dia seguinte.

Percebemos que a vida dos alunos do supletivo segue um ritmo intenso, extremamente controlado, pois perder um minuto muitas vezes significa ficar no ponto "esperando, esperando, esperando ..." não mais o sol, nem o trem, mas o ônibus:

Eu levanto de manhã, ajudo minha mãe na casa, depois vou trabalhar. Volto correndo, tomar banho depressa para vir prá escola, e aí eu chego em casa às vezes até meia-noite ... se não perder o ônibus. (Julia - Aluna da 8ª série - junho/1992)

Esse ritmo massificante e alienante têm suas raízes no capitalismo, segundo Thompson:

Numa sociedade capitalista evoluída, todo o tempo tem de ser consumido, comprado, posto em uso; é ofensivo das classes trabalhadoras permitir-lhes simplesmente "passar o tempo". (Thompson, 1991:77)

A idéia de que o tempo não pode ser perdido já penetrou na vida dos alunos. A moral puritana do século passado e retrasado, que incutia no homem o dever de coordenar o seu tempo de forma mais rentável possível, está enraizada na vida de muitos trabalhadores de hoje. Thompson, no seu texto, utiliza um trecho de Baxter⁹, que demonstra bem como era trabalhada a questão "tempo" com as pessoas e como estes preceitos viajaram no tempo chegando até nós:

Lembrem-se quão lucrativo é a poupança do tempo ... no comércio ou em qualquer outra atividade; na perseguição de qualquer objetivo útil, costumamos dizer que o homem que enriqueceu, chegou a essa situação por ter feito bom uso do seu tempo. (Thompson, 1991:73)

Durante as entrevistas que realizamos com os alunos percebemos que eles mencionam muito a palavra "esforço", quando são

⁹ Autor do "Christian Directory".

questionados com relação ao tempo disponível que têm para estudar, ou quais as principais dificuldades para conciliar trabalho e estudo. Todos respondem que é difícil e que o cansaço é a principal dificuldade, mas ao mesmo tempo falam que:

... se você quer vencer na vida, deve se esforçar. (Julia - aluna da 8ª série - junho/1992)

Nota-se que o problema é resumido no plano individual. Não há consciência de grupo, a vitória deve ser alcançada através do esforço de cada um, bem como a derrota será avaliada como fracasso do indivíduo.

O trabalho é uma necessidade, uma imposição externa que a sua própria condição lhe designa. Já o estudo possui dois lados: surge como uma imposição externa, o trabalho exige, ou a própria sociedade está sempre cobrando; e também como uma imposição interna

Lógico e também o seu lado pessoal, acho que exige! (Débora - aluna da 7ª série - junho/1992)

É como a mãe que trabalha fora e que ao regressar para casa tem que cuidar dos filhos e fazer o serviço doméstico, mas isto é uma tarefa que ela impõe a si mesma. O aluno do supletivo também impõe o estudo para si:

Você tem que forçar (...) e procurar um tempinho para repor as energias. (Carlos - Aluno da 5ª série - junho/1992)

Ele vê a escola como um desejo a ser realizado, vê nela, apesar de todas as contradições, mecanismos de seleção e diferenciação, um lugar onde possa, de alguma forma, resgatar o que "perdeu" no passado. Mesmo que muitas vezes ela não satisfaça suas expectativas, seu objetivo é vencer esse desafio: trabalhar e estudar.

O ritmo acelerado de vida dos alunos do supletivo é algo bem marcante, principalmente com relação aos alunos que são empregados, ou seja, vendem seu tempo, que adquire um valor monetário e deve se tornar fonte de lucros para o patrão (não é à toa que ele o compra). Mas no supletivo há também, em menor número, o trabalhador autônomo, cujo ritmo de trabalho lembra o dos antigos artesãos, no período anterior à Revolução Industrial, e dos agricultores:

Sempre que os homens estavam em posição de controlar a sua própria vida de trabalho, alternavam os períodos de labuta intensa com os de completa preguiça. (Thompson, 1991:59)

Este trecho se assemelha muito à fala de uma aluna da 7ª série, que é costureira autônoma:

Tem dia que eu trabalho, às vezes tem dia que eu não me mexo. (Isabel - Aluna da 7ª série - junho de 1992)

Percebemos que é outra relação. O mesmo não acontece com a dona de casa. Como já vimos, ela trabalha por uma imposição que ela mesma se colocou enquanto "mãe de família" e mulher, mas que no fundo, se formos analisar bem, é algo que a sociedade foi inculcando em sua pessoa e que ela foi assumindo, internalizando e vivendo.

Procuramos verificar na entrevista o que os alunos acham do lazer, do fim de semana. As respostas variaram: um respondeu que o sábado e o domingo são dias escolhidos, que necessariamente tem que ser bons:

Eu já levanto assim voando ... (Carlos - aluno da 5ª série - junho/1992)

Para outros são dias que você procura fazer coisas diferentes sem ter, necessariamente, o controle rígido do relógio e dos minutos, o ritmo intenso que a produção determina, mas você pode seguir o seu próprio ritmo. No entanto, é como se o descanso fizesse parte da própria rotina de trabalho:

Eu acho que é uma pausa pro trabalho prá descansar um pouquinho, o de melhor na história. (Débora - aluna da 7ª série - junho/1992)

Percebemos que há algo oculto, mas que o aluno-trabalhador percebe, presente ... o lazer complementa o processo de trabalho, a partir do momento que permite ao trabalhador recuperar suas energias para produzir mais. É um encontro e uma despedida ...

O trem que chega é o mesmo trem da partida. A hora do encontro é também despedida. A plataforma desta estação é a vida deste meu lugar, é a vida deste meu lugar, é a vida!!! (Milton Nascimento)

Para além dos dados

*Não me sintas forasteiro. Não me inventes Geografia.
Sou sua raça, sou seu povo. Sou teu irmão no dia-a-dia.
(Raízes de América)*

Sim, é isto que esperamos para além da nossa pesquisa. Que ela não fique presa nas fronteiras do conhecimento da Universidade. Que o supletivo não seja um forasteiro, mas um irmão no dia-a-dia. Como disse o diretor da escola:

*A vinda da universidade para a escola pública é importantíssima
(DC: 01)*

A universidade deve caminhar ao lado da escola pública e não acima, ambas devem se auxiliar, se ajudar ... utopia? Talvez, mas uma utopia necessária, pois se a universidade nos ensina, a escola pública também nos ensinou.

Como diz Lowy - "Utopia é uma visão social crítica, negativa, subversiva, que aponta para uma realidade ainda não existente."¹⁰ Em outras palavras, uma realidade ainda não existente, mas que poderá existir na construção coletiva - histórica e social - de um sistema educacional democrático, que garanta não apenas a entrada dos filhos da população nas escolas, sobretudo garanta sua permanência.

E o começo talvez possa ser a universidade, o supletivo e todos os níveis de ensino, caminhando juntos para essa construção histórica e social, com suas determinações, limites e contradições. Para isso é necessário o respeito às pesquisas que podem e surgem na graduação.

Homenagem aos alunos

Certo, meu amigo. Nossa sensibilidade e nossa competência estão sendo requisitadas para que isso ocorra. Gosto de denominar a isso de paixão de conhecer. Brota, então, aquele conhecimento organizado que não deixa de fora homens e mulheres, que estão em atos de conhecimento. Esse saber organizado se compõe a partir de situações de reconhecimento. (Freire e Nogueira, 1989:27)

¹⁰ Lowy In Silva, Junior, p. 143.

Queremos deixar nessas breves palavras nosso reconhecimento aos alunos do curso supletivo. Tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos da nossa realidade.

Eles nos ajudaram a construir essa pesquisa, porque, acima de tudo, são sujeitos dela. Sua imensa sabedoria nos contagia, nos faz sentir comprometidos com essa realidade:

Agora as pessoas que ... não criticando as pessoas que nasceram e foram criadas numa cidade e que têm uma faculdade, um nível, né ... eles ignoram esse tipo de pessoa. Talvez pela ignorância deles (ignoram pessoas simples), da pessoa, eu acho que essa pessoa que tem todo nível, se torna mais ignorante que essa pessoa que não tem. (Débora - aluna da 7ª série - junho/1992)

Essa fala é uma partícula da sabedoria, da inteligência do aluno do supletivo. A visão de mundo, suas experiências de vida, a riqueza dessas pessoas que são seres históricos, suas energias, seu tempo: constroem prédios, geram lucros às empresas ... um suor sagrado, duplamente sagrado. Nossos sentimentos em relação aos alunos do supletivo coincide com os de Sérgio Haddad:

Falar sem emoção sobre os alunos do curso supletivo seria, para mim, um ato inglório. Eles não são simples objetos, através de tabelas. Mais do que isto, são pessoas que têm história, vida e sentimentos. Respostas frias a um questionário jamais mediram o que os seus olhos, o corpo e a fala são capazes de informar. (Haddad, 1982:123)

O olhar de hoje

"A gente quer passar um rio a nado e passa;
mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo,
bem diverso do que em primeiro se pensou.
Viver nem não é muito perigoso."
(J. Guimarães Rosa)

Estamos na "outra banda", hoje somos alguém que olha o supletivo de perto, estamos inseridas nele, fazemos parte da casa ... de alguma forma. E antes?

Quando optamos em pesquisar a realidade de uma escola noturna de Campinas (no 2º semestre de 1991), o supletivo não foi uma "paixão", num primeiro momento. Era uma opção que os outros grupos descartaram, e, como somos ávidas em questionar o que não é "aparentemente interessante", fomos ao seu encontro. Entretanto, o contato com o supletivo despertou-nos uma "paixão", uma identificação:

Olhar com particular interesse o movimento social a partir de situações e dos sujeitos que realizam anonimamente a história. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:11)

Foi neste contexto que a nossa ação começou a nascer, a se esboçar. O medo, a inexperiência de pesquisar, "Diário de Campo em riste", caneta, olhos e ouvidos a tudo que fosse "significativo". Mas o que era naquele momento "significativo"? De antemão, não estabelecemos na pesquisa a relação sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito:

Explicamos que o primeiro momento da nossa pesquisa foi a fase exploratória, mas que em nenhum momento nós vimos os professores, os alunos como "objetos", muito pelo contrário, sempre frisamos que eram sujeitos da nossa pesquisa. (DC: 67)

Não queríamos representar a tradicional pesquisa universitária sobre a rede pública:

O intrincado conceitual existente para observar a escola, para abordá-la como unidade do sistema escolar, servia normalmente para elencar suas deficiências e carências. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:10)

No entanto, mesmo tendo esses cuidados, ignoramos que o cotidiano de uma pessoa ou de um grupo pode diferir do cotidiano de outra pessoa ou de outro grupo, num mesmo lugar. A opção ou não, dos sujeitos no dia-a-dia, em transformar uma realidade, ou mesmo do descrédito ao que se vivencia, fazem dele um mundo de contrastes, heterogêneo (Ezpeleta e Rockwell, 1989).

O "significativo" na época era optar pelos sujeitos que tinham uma ação transformadora, que faziam um trabalho diferenciado, que

ideológica e politicamente coincidia com as nossa posições, nesses dois sentidos.

A contradição nasceu dessa opção e de ignorar que a heterogeneidade e a diversidade de um lugar, no nosso caso o supletivo, é o que faz a "trama particular". Haja vista o tipo de "tipologia" que fizemos a cerca dos professores, a partir de nossas observações. Nota-se um certo maniqueísmo (os bons e os maus) agravado pelo fato da nossa amostra ter sido pequena, afinal, fizemos uma entrevista com um grupo de cinco alunos no final do 1º semestre de 1992 e a análise desses alunos sobre os professores poderia estar carregada também de uma certa tensão, própria de final de semestre.

*É sempre no meu trato o amplo distrato
Sempre na minha firma a antiga fúria
Sempre no meu engano outro retrato.
(Drummond, "O Enterrado Vivo")*

É difícil lidar, analisar as nossas próprias contradições, o fácil é analisar as dos outros. A dificuldade reside no fato de você se ver fazendo, falando o que sempre negou. É assustador, mas o perigoso é negá-la.

Talvez fosse necessário essa experiência para chegar a um amadurecimento. Amadurecimento que não significa verdades absolutas, mas uma ampliação dessa experiência pelo fazer/saber, saber/fazer. Amadurecimento que acopla novas dúvidas:

*É sempre nos meus pulos o meu limite
É sempre nos meus lábios a estampilha,
É sempre no meu não, aquele trauma.
(Drummond, "O Enterrado Vivo")*

Hoje não estamos negando o que fizemos, falamos. É necessário a crítica, o olhar, a análise sobre o que não anda, o que para e mesmo andando, tropeça e cai. Contudo o olhar deve ser dirigido sobre os porquês dos entraves e principalmente as soluções. É perigoso olhar de soslaio, fragmentado:

*É sempre no passado aquele orgasmo
É sempre no presente aquele duplo
É sempre no futuro aquele pânico.
(Drummond, "O Enterrado Vivo")*

Passado, presente ... Amadurecidas? Estamos. Mas é dialético, nos vemos no ontem, nesses dois relatórios, com prazer. Prazer que resulta da experiência mesclada de conhecimento, crítica, vivência, com todas as contradições já apontadas. Hoje coexistimos no e com o supletivo (a escola "C&C" de outrora e de hoje). Foi necessário um longo tempo de aprendizado para fazermos uma escolha: as amarras ou a vida na escola? (Esaú,1989)

As "amarras" são descritas, analisadas pela comunidade acadêmica no tocante à educação. Caminho este já percorrido por nós, "rio atravessado", entretanto, optamos em falar hoje que "Apesar das amarras há vida na escola" (Esaú,1989). O "significativo" presente não é esperar uma "certa ordem", uma "certa disciplina", o "bom professor", ou o "aluno terrível" (Ezpeleta e Rockwell,1989); mas dar voz e vez ao aluno-trabalhador (Esaú,1989), narrar a história desses alunos e por esses alunos, dos professores, funcionários e direção. Enfim, registrar o movimento histórico dessa unidade educacional. A nossa história como alunas-trabalhadoras. Registrar a nossa cumplicidade em busca do sonho, da conciliação trabalho-estudo, sobretudo, de dar dignidade à vida, tão voraz no tempo e marcante nos momentos, a cada compasso.

Registrar que, apesar do roubo "histórico" das elites aos trabalhadores em relação aos bens culturais - conhecimento, lazer - advindo do poder econômico, político das mesmas; há nos sujeitos lesados a luta pela indenização desse roubo "histórico", com todo suor, destemperos, alegrias e tristezas.

*Não serei o poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela;
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
presentes, a vida presente. (Drummond, "Mãos Dadas")*

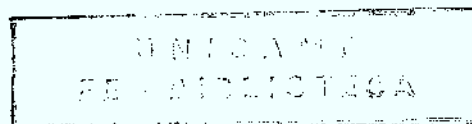
"O pisar de botas, outros nem calçados, mas todos pisando, pés no barro, pés n'água, na folhagem, pés que marcham muitos, alguns se desviam, mas tudo é caminho."
(Carlos Drummond de Andrade)

Sim, "tudo é caminho", os pés são muitos, mas o chão é o mesmo e a ruptura se dá neste chão, chão que todos pisam. E para nós o momento da ruptura da nossa pesquisa começou em junho de 1993, na primeira reunião pedagógica que participamos na escola e na qual pudemos partilhar com professores e direção dos resultados da nossa pesquisa. Nesse momento rompíamos com todas as pesquisas, que viam a escola pública apenas como "campo de prova" das teorias elaboradas a milhares de "anos-luz", no topo da academia e que sonegavam à escola, aos seus profissionais, o direito de debaterem as análises, hipóteses, seja concordando ou discordando, mas participando, não como objetos, mas como sujeitos:

... sujeitos construídos em e por relações sociais específicas, por tradições e histórias variadas que amiúde carregam também normatividades diferentes. (Ezpeleta e Rockwell, 1989:92)

No entanto, mais do que partilhar os resultados das análises, queríamos participar da escola, do seu cotidiano, estar imersas nele, pisar no mesmo chão. Enfim, queríamos romper também com a primeira fase da nossa pesquisa, que se constituía numa fase mais exploratória, para tentarmos atingir um equilíbrio entre pesquisa e participação.

Agora, para que essa ruptura ocorresse foi necessário conhecer a "outra margem", foi necessário que ela nos incomodasse e nos deixasse a sensação de "quero mais". Se não tivéssemos tido a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica e com ela a possibilidade de explorar outras realidades fora das paredes da academia, não haveria ruptura. Romper para nós não significa excluir, apagar da memória, mas evoluir. Portanto, sentimos que era chegada a hora, pois a participação num projeto histórico é uma condição de existência da teoria e da pesquisa social. (Ezpeleta e Rockwell, 1989)



A direção da escola se mostrou aberta à realização desse nosso desejo:

Disse que abriria um espaço para nós na próxima reunião pedagógica, para explicarmos nosso envolvimento na 1ª fase da pesquisa e os nossos objetivos nesse segundo momento. (DC: 66)

E apontou-nos algumas opções, alguns projetos que vinham sendo desenvolvidos, nos quais nossa participação seria importante:

- o Projeto Biblioteca, que estava no início;
- o Projeto Evasão:

... operacionalização da permanência do aluno adulto na escola. Estão trabalhando o problema da evasão, através de compensação de ausências (...) e trabalho individual, onde o professor verificará se o aluno não ficou truncado no processo. (DC:64)

- o Projeto Horta:

... tem como objetivo fazer com que as aulas de ciências se tornem mais práticas. (DC:66)

- ou também trabalhar questão do "ensino e pesquisa" com os professores, no sentido de que ambos devem caminhar juntos:

O professor deve ensinar e fazer pesquisa sempre. (DC:67)

Pois bem, muitos foram os caminhos apontados e, como diz o poeta "tudo é caminho". Assim, como mencionamos na introdução, durante a reunião pedagógica de 29/07/94, ficou decidido que iríamos colaborar no Projeto Biblioteca e foram passados para nós alguns dos objetivos deste Projeto:

- após a estruturação do espaço físico, o objetivo é levar o aluno para a biblioteca, através de um horário de atendimento fixo;
- incentivar o aluno a ler, através do apoio fundamental de todos os professores;
- o incentivo à leitura deverá ultrapassar as aulas de português;
- fazer da biblioteca um espaço cultural, onde os alunos se sintam à vontade. Com promoção de eventos: feira do livro, noite de autógrafos, etc. (DC: 68)

Ficamos entusiasmadas com as idéias, mais que isso pudemos perceber que o Projeto na verdade era mais um caminho para se trabalhar melhor o próprio Projeto Pedagógico da escola. Um Projeto que, como já vimos no capítulo anterior, tem sua proposta curricular baseada na linguagem específica de cada componente curricular e cuja unidade básica de trabalho é o texto:

Textos, como indicadores de um currículo oculto (bagagem cultural dos alunos) para se chegar a seleção de conteúdos programáticos acessíveis ao nível de conhecimento e limitações da clientela atendida: - textos extraídos de revistas, jornais, músicas, de livros (didáticos ou de literatura), produções individuais, trechos mimeografos, exposições orais ou escritas sobre uma determinada profissão, etc. (Projeto Pedagógico: 05)

Reportando-nos a esse trecho do PP¹¹, podemos concluir que a necessidade de uma Biblioteca na escola era, não só urgente, mas também imprescindível para o bom desenvolvimento do mesmo. Na verdade, percebemos que os vários projetos desenvolvidos pela equipe mostravam um forte empenho de todos na construção conjunta do PP, bem como uma opção política, como ressaltou o diretor numa Reunião Pedagógica posterior, em dezembro de 1994:

Ser professor, assinar o livro-ponto, preencher o diário de classe, dar a sua aulinha e ir embora, é fácil. Agora, ser educador ... envolve uma opção política. (DC:115)

Assim, nós também sentimos que a nossa participação no cotidiano da escola, através do Projeto Biblioteca, iria exigir de nós também uma opção política, pois ele representava uma tentativa de colaborar na viabilização do trabalho proposto pelo PP, bem como de possibilitar ao aluno-trabalhador o acesso à leitura, ao mundo da leitura, leitura do mundo, onde nunca se sabe onde acaba um e começa a outra (Lajolo, 1993).

Na qualidade de pesquisadoras estaríamos integrando o cotidiano da escola, mas de uma forma diferente, vivenciando o conteúdo histórico que impregna este cotidiano, sendo sujeitos nele (junto aos outros), engajadas na educação, experimentando, reproduzindo, trabalhando, conhecendo e transformando de alguma forma a realidade escolar (Ezpeleta e Rockwell, 1989).

¹¹ "PP", abreviatura de Projeto Pedagógico.

Assim, começamos a reconhecer que há vida cotidiana em toda parte e que o nosso próprio processo de pesquisa pode ser visto também sob este aspecto. (Ezpeleta e Rockwell, 1989: 22)

Aliás, esse foi um fato observado pela equipe de ensino da escola, na reunião pedagógica de junho de 1993 (aquela que gerou o processo de ruptura!): a nossa ausência no cotidiano da escola. Alguns professores disseram que o que havíamos observado era muito pouco, uma parte, um fragmento de todo um trabalho desenvolvido pelos professores ¹². Apesar de valorizarem o nosso retorno à escola, a troca de idéias proporcionada pelas análises de nossas observações e a devolução e exposição das mesmas; mostraram com esses tipos de questionamentos que identificar e compreender a "escola" é algo complexo, porque ela é, está sendo, de acordo com o lugar em que é vivenciada (Ezpeleta e Rockwell, 1989).

Essas idéias foram amadurecendo e vimos que a cumplicidade, a identidade que sentíamos pelos alunos do supletivo, trabalhadores-estudantes tal como fomos durante os quatro anos e meio do nosso curso; bem como pelos professores e direção, pois também estávamos e estamos estudando para sermos, como eles, profissionais da educação, buscando, através da pesquisa, não só o nível analítico da realidade escolar, mas também o compromisso político com essa realidade. Tudo isso nos impulsionava cada vez mais a conhecê-los melhor, trabalhar com eles e impulsionava também a conviver com eles, não como intrusos, mas como conhecidas, colegas, colaboradoras e também aprendizes ... E, participar da vida cotidiana do supletivo passou a ser para nós um convite e uma necessidade.

Não está absorto, porque sabe muito bem aquilo que faz: pretende observar uma onda e observa-a (...) não são as <ondas> que ele pretende observar, mas uma única onda e basta (...) Mas isolar uma onda, separando-a da onda que imediatamente se lhe segue e que parece empurrá-la, e que por vezes a alcança e a arrasta consigo, é muito difícil; assim como separá-la da onda que a precede e que parece arrastá-la atrás de si em direção à costa, salvo quando depois, eventualmente, se volta contra ela, como que para a deter. (Ítalo Calvino)

¹² Cf. DC, 06/93:62.

Por que falar do cotidiano? A partir do momento que a idéia da pesquisa participante foi tomando corpo, percebemos que era inevitável a nossa inserção no cotidiano da escola, era necessário que observássemos e mergulhássemos no mar por inteiro e víssemos que uma onda não é igual a outra, pois sempre está trazendo algo diferente (nem que seja um grão de areia) e quando quebra na praia, seu recuo sempre leva algo também diferente, formando um movimento dialético, um constante ir e vir.

Percebemos que a nossa inserção a nível de quantidade - estar presente todos os dias - não era o mais importante, mas sim estar presente qualitativamente trabalhando no projeto, buscando aprimorar o relacionamento com as pessoas que compõem o cotidiano da escola: direção, funcionários, professores e alunos; refletindo e desvendando um pouco essa trama peculiar. O tempo para isso era pequeno, mas propiciava visitas semanais sistemáticas, o que era um salto em relação a outra fase da pesquisa. O estabelecimento desta certa "rotina" foi importante para mostrar um pouco que nosso objetivo não girava apenas em torno de visitas esparsas e "relâmpagos", mas uma tentativa de aproximação maior com a escola, através da participação em seu cotidiano, fato este que foi observado em reunião pedagógica da escola durante avaliação do Projeto Biblioteca:

... o diretor fez questão de frisar que estávamos na biblioteca todas as quartas-feiras.(DC:114)

Neste sentido, há uma reflexão que exprime bem esse nosso desejo e essa necessidade advinda com a pesquisa participante:

*Aproximar-se da escola com a idéia de "vida cotidiana" significa algo mais que "chegar e observar" o que ali ocorre diariamente. Antes é a orientação de uma certa busca e de uma certa interpretação daquilo que pode ser observado na escola (...)
Assim, começamos a reconhecer que há vida cotidiana em toda parte e que o nosso próprio processo de pesquisa pode ser visto também sob este aspecto.(Ezpeleta e Rockwell, 1989:21 e 22)*

Ou seja, a nossa idéia seria não só observar o cotidiano da escola, mas vivenciá-lo no Projeto Biblioteca e no relacionamento com as pessoas e, a partir da riqueza que o impregna, tentar compreendê-lo. Interessante lembrar que essa idéia criou raízes também a partir de algumas orientações para nossa pesquisa, que recebemos de uma pessoa da própria escola, em julho de 1994:

Ele ressaltou alguns itens referentes à pesquisa que já realizamos, bem como ao relatório apresentado:

-não participamos do cotidiano da escola, por isso levamos uma impressão que à primeira vista é imparcial;

-pesquisa e ensino devem caminhar lado a lado, algo que muitas vezes a universidade desconhece;

-por outro lado, o professor que está na escola tem que ser um pesquisador, sempre.

Disse que achava importante o nosso retorno e o nosso interesse para:

-especificidade do curso;

-captação de Recursos Humanos que atuem e entendam de supletivo;

-frequentes pesquisas e estudos da clientela atendida

(...)Contudo, essas pesquisas exigem que a pessoa mergulhe no cotidiano da escola. (DC:63 e 65)

Sentimos que deveríamos reconquistar um espaço - o mar poderia estar bravo - mas tínhamos apoio. Assim surgiu o projeto de continuidade da nossa pesquisa como uma inserção ativa na escola, partilhando e construindo também seu Projeto Pedagógico.

O início foi árduo e difícil, ajudar na organização de uma biblioteca requer bastante trabalho manual e repetitivo, o que não é nada prazeroso.

Concretamente falando, iniciar um movimento a favor da dinamização da biblioteca é, fundamentalmente, uma tarefa de cunho político (...) A implementação de um serviço bibliotecário na escola vai exigir "suor" - um suor que é o resultado de uma opção política e da tentativa de melhorar a qualidade do ensino. (E.Silva,1982:136 e170)

De fato, exigiu muito suor e continua exigindo. Nosso trabalho não se encerra aqui com a entrega desta monografia, ainda há muito que ser organizado, criado e dinamizado na Biblioteca. Por hora, gostaríamos de contar um pouquinho da nossa história, do nosso trabalho nesta pesquisa participante.

Bem, em primeiro lugar, gostaríamos de elencar algumas atividades que desenvolvemos no Projeto:

- Organização do Banco de Textos¹³;

- Organização parcial do acervo de livros, pois quem encabeçou este trabalho foi a Coordenadora do Projeto na escola;

- Elaboração e aplicação de um questionário que procurou configurar as expectativas e necessidades dos alunos com relação à Biblioteca, bem como conhecer um pouco o universo dos nossos leitores;

- Campanha de doações de livros na Faculdade de Educação/UNICAMP (Anexo 1), que, infelizmente e para nosso espanto, não surtiu efeito, foram raras as doações e as que ocorreram eram mais de livros didáticos do que de livros de leitura. Mas também conseguimos boas doações através de solicitações e conversas informais com conhecidos e colegas;

- Atendimento aos alunos na Biblioteca, através de orientações de leitura; auxílio nas pesquisas solicitadas; solicitações de opiniões sobre livros para o painel "O Leitor Opina"; e mesmo uma "bate-papo" sobre o livro lido ou qualquer outro assunto¹⁴;

- Conquista e dinamização de um momento cultural da Biblioteca - o Projeto "Curta às 18:30" - e também a conquista da doação de alguns vídeos (curta-metragem) para compor o acervo da Biblioteca.

Elencadas dessa forma podem parecer simples, mas nós, que desta vez estávamos do outro lado do rio, sabemos que "o capinar é sozinho", como diz Guimarães Rosa. Ainda mais quando nessa história, como em todas, aparece um vilão ... um vilão marcante e insistente, presente desde o início do Projeto. Esse vilão é nada mais, nada menos que a "malvada" ... falta de recursos econômicos, que se tornou um entrave constante para o desenvolvimento do projeto. Apesar dos esforços da equipe da escola, foi driblado em alguns momentos, mas jamais vencido:

"Ficamos sabendo da realização do bingo na escola para aquisição de mais livros, pois, o acervo era pequeno e constituído por doações em sua maioria. Cada professor daria uma prenda para que cestas básicas fossem montadas -elas seriam o prêmio. Nós também colaboramos com prendas. E os

¹³ Atualmente estamos organizando com os professores o banco de textos produzidos pelos alunos.

¹⁴ Este tópico será trabalhado no Capítulo 3, que aborda a questão da leitura (Monografia da Célia Maria)

alunos colaboraram comprando as cartelas e participando do bingo. (DC: 107)

Vemos aqui a falta de apoio, os recursos escassos, a participação mínima do Estado no ensino. Ou seja, um aspecto particular da vida de uma escola revela todo o desinteresse pela educação e, mais especificamente, pela Educação de Jovens e Adultos.

Há um crescente descompromisso do Estado com o Ensino Supletivo, seja na instância federal ou estadual, deslocando tal responsabilidade quase que totalmente para a esfera municipal. E, assim, o Ensino Supletivo fica condicionado aos recursos disponíveis nas Administrações Municipais, atado às suas estratégias e ao compromisso político daqueles que a compõem.

A escola se esforça para sobreviver a isso. É a comunidade escolar que pega a dianteira para fazer valer um direito seu - ter uma Biblioteca que irá dinamizar mais seu Projeto Pedagógico. Todos colaboram, ela é assumida coletivamente e

*... por servir a todos, transforma-se numa obra de todos.
(Theodoro Silva, in Garcia, 1989:31)*

Mesmo porque não adiantaria esperar pelos recursos públicos, pois a espera é longa e frustrante. As verbas, além de serem escassas, perdem-se muitas vezes nos trâmites burocráticos do próprio sistema de ensino. Dessa forma o Estado delega às escolas a formação, organização, e implantação das Bibliotecas (Lopes Silva, 1984). Repete o gesto de Pilatos - "lavo as mãos" - e se veste de vítima por não ter recursos, tentando disfocar o problema, que não é a "falta", mas a má administração do dinheiro público.

Assim, a comunidade escolar vai tentando superar as limitações impostas, driblando o vilão,

"...conseguimos ir ampliando o acervo fazendo rifas e mais rifas. Rifas que os próprios alunos ajudam a vender. E não é fácil" (DC: 159)

Lutando de todas as formas para desenvolver um trabalho transformador. Isto também faz parte da sua trama particular e fará parte enquanto existirem homens no poder que ainda pensam dessa forma:

O Banco de Textos

O trabalho com o Banco de Textos foi desgastante e repetitivo:

Etiquetamos, etiquetamos, etiquetamos ... (DC: 81)

Levamos cerca de um mês para organizá-lo, pois íamos à escola apenas uma vez por semana¹⁶, pois nos outros dias tínhamos aulas na UNICAMP. Havia momentos que sentíamos um vazio, parecia que a nossa pesquisa participante consistia apenas em etiquetar textos e arrumá-los em caixas. No fundo também estávamos "viciadas" em separar o fazer do saber. Na verdade, o trabalho de organização do Banco de Textos propiciava uma melhor utilização dos mesmos, que eram instrumentos do Projeto Pedagógico:

Textos que levem o aluno ao nível de discussão e reflexão sobre um determinado assunto, desenvolvendo-lhe, assim, uma forma de participar, usando a sua fala ou a sua maneira de ser, num trabalho de grupo. (Projeto Pedagógico:05)

Assim, estávamos participando da construção do Projeto, ainda que nos bastidores:

Mas voltando ao trabalho ... Ela pediu que a gente etiquetasse os textos. Pois é, eles têm um acervo de textos mimeografados ou xerocados que usam nas aulas. Cada grupo de textos fica numa caixinha e, cada texto fica num saco plástico grampeado, para durar mais e não estragar conforme vai sendo manuseado. Bem, como essas caixas de textos vão fazer parte do acervo da Biblioteca, eles precisariam ser numerados para adquirirem uma certa organização e não terem seu número reduzido (demandando mais gastos para a escola). (DC:71)

E aí? "Lá vão as Célias a colar ..." Mas valeu a pena, porque através dos textos pudemos ter um contato maior com o trabalho desenvolvido pelos professores. Líamos os textos e víamos que cada um

¹⁵ Luis Ferreira Martins, Ex-Secretário da Educação do Estado de São Paulo (in Lopes Silva, 1984)

¹⁶ Isto no semestre passado (1994). Durante este semestre (1995) íamos à escola duas vezes por semana, nas segundas e terças-feiras.

reservava um aspecto interessante a ser trabalhado com os alunos. Temas como: mulher, preconceito, infância, política, entre outros:

*De repente eu peguei uma caixa com um texto muito legal, que trabalhava a idéia da solidão, do abandono dos velhos...
(DC:74)*

Assim o trabalho não ficou tão cansativo, afinal não estávamos na fábrica, não tínhamos horários a cumprir. Criamos o nosso próprio ritmo; ora etiquetando e arrumando, ora "viajando" com a leitura dos textos. E em meio a etiquetas, plásticos, caixas e "viagens" ... organizamos o Banco de Textos, que ficou assim¹⁷ (use a sua imaginação):

BANCO DE TEXTOS

- TXT - 001 - A Cigarra e a Formiga Boa
- TXT - 002 - A Estranha Passageira
- TXT - 003 - A Lógica do "Impeachment"
- TXT - 004 - Angélica
- TXT - 005 - Ao Doutor Delegado
- TXT - 006 - A Participação
- TXT - 007 - Aprende a Escrever na Areia
- TXT - 008 - A Velha Contrabandista
- TXT - 009 - A Vida dentro de um ovo
- TXT - 010 - Bom mesmo é mulher
- TXT - 011 - Brasileira / 25 anos
- TXT - 012 - Caramujo / A máquina da felicidade
- TXT - 013 - Carmela / O Grande Mágico
- TXT - 014 - Carta Verde
- TXT - 015 - Caso de Chá
- TXT - 016 - Cecília / O Caseiro
- TXT - 017 - Chico Bento e a Redação
- TXT - 018 - Cidadania
- TXT - 019 - Democracia
- TXT - 020 - Democracia Alienada
- TXT - 021 - Direitos e Deveres
- TXT - 022 - É possível não fazer papel de bobo
- TXT - 023 - Ela tem alma de pomba
- TXT - 024 - Espinha de Peixe

¹⁷ Que já está um pouco desatualizada, pois foram incluídos novos textos.

TXT - 025 - Exterior: porta de saída para um futuro melhor
TXT - 026 - Falta do que fazer / Da dignidade e da vida
TXT - 027 - Fizeram você de bobo
TXT - 028 - Gravata colorida / O trabalho do homem
TXT - 029 - Jardins e Sonhos
TXT - 030 - Mapa da Mina
TXT - 031 - Medo de Viver
TXT - 032 - Momento exige reflexão profunda
TXT - 033 - Mulheres, salvem-nos!
TXT - 034 - Nem com dicionário
TXT - 035 - Nesta data querida
TXT - 036 - O alto preço de perder o controle
TXT - 037 - O assalto
TXT - 038 - O bicho
TXT - 39A - O Caso da Mulher Maravilha
TXT - 39B - O Casa da Mulher Maravilha
TXT - 040 - O Dia da Inflação
TXT - 041 - Olhos abertos para tudo
TXT - 42A - Os direitos da mulher
TXT - 42B - Os direitos da mulher
TXT - 42C - Os direitos da mulher
TXT - 043 - O lixo
TXT - 044 - O perigo de mais uma dose
TXT - 045 - O que você está comendo?
TXT - 46A - O Segredo da Propaganda
TXT - 46B - O Segredo da Propaganda
TXT - 47A - Pena de morte soft
TXT - 47B - Pena de morte soft
TXT - 048 - Política e Politicalha
TXT - 049 - Sobre o experimento e a Felicidade
TXT - 050 - Televisão a dois
TXT - 051 - Tio Baltazar / As aventuras de uma fuga
TXT - 52A - Um papagaio falador
TXT - 52B - Um papagaio falador
TXT - 52C - Um papagaio falador
TXT - 52D - Um papagaio falador
TXT - 053 - A moça e a varanda
TXT - 054 - Sertão Verde / Ao cair da noite
TXT - 055 - O Trem - de Olavo Romano / Exterior, porta de saída para um futuro melhor.

Prezado usuário:

Pedimos a sua colaboração para conservar o BANCO DE TEXTOS sempre em ordem:

** ao guardar as caixas procure sempre observar se estão na ordem correta, para tanto siga a numeração correspondente;*

** após utilizar os textos, procure verificar se estão todos na caixa;*

Obrigada!!!

(Biblioteca do 2º Centro Supletivo Municipal)

O Questionário (Anexo 02)

A idéia de conhecer melhor as expectativas dos nossos alunos com relação à leitura, surgiu na Reunião Pedagógica em que ficou decidido que participaríamos do Projeto Biblioteca:

Por fim ficou definido que iríamos ajudar no Projeto Biblioteca (...). Foram propostas algumas tarefas iniciais:

- verificar propostas de leitura com os professores;*
- perguntar para os alunos que tipo de assunto gostam de ler;*
- ajudar na organização. (DC: 69)*

Pensamos, então, em fazer um questionário para conhecer melhor o perfil do nosso leitor. Queríamos conhecê-los melhor, saber de seus desejos e interesses com relação à leitura e a Biblioteca, para que pudéssemos desenvolver um trabalho que realmente atendesse as suas necessidades:

Ao distribuir o questionário, a professora deu algumas explicações e nós também. Falamos que queríamos uma Biblioteca com "a cara deles". (DC:97)

Antes de elaborarmos o questionário, traçamos os nossos objetivos, ou seja, aonde queríamos chegar com ele:

- 1) Conhecer um pouco da objetividade e da subjetividade da vida do aluno do supletivo: seu cotidiano, seu dia-a-dia e seus desejos, seus sonhos.

Pois, para nós, a leitura é um mundo mágico que desvenda para o leitor a concretude da vida, ao mesmo tempo que mexe com o imaginário, com o nosso mundo de sonhos.

2) Saber, em meio a esse cotidiano e a esses sonhos, onde entra a volta aos estudos, a opção pelo supletivo.

Nós já desenvolvemos uma pesquisa neste supletivo, através de P.P.P.II, III e IV, e nela pudemos perceber que a volta à escola possui dois lados: o credencialismo, que é mais imediato - ter um diploma para conseguir uma qualificação um pouco melhor; e o lado simbólico, se sentir menos marginal perante a sociedade "adquirir ao menos algum conhecimento"(aluna da 7ª série - 1992). O que a gente pode perceber é que, muitas vezes, o credencialismo e este lado mais simbólico da volta aos estudos se mesclam, ou seja, eles querem o diploma sim, é a questão da sobrevivência, mas eles também querem aprender, conhecer, "recuperar o tempo perdido", como costumam dizer.

3) Delinear a relação desse aluno com a leitura, ou seja, até que ponto a leitura faz parte da sua vida, quais os motivos que levam esse aluno a ler, com que frequência e qual é o seu ritmo de leitura; também verificar o que é leitura para este aluno, se ele acha que leitura é só o que está na biblioteca ou o que ele vê na escola, isto é, até onde ele se considera um leitor.

Gostaríamos com esse objetivo de conhecer o perfil do nosso leitor no atual momento.

4) Fazer com que os alunos conheçam a biblioteca e façam dela um espaço seu.

Com esse objetivo queremos que o aluno não sinta a biblioteca apenas como um local de uso didático, ou seja, onde pode encontrar subsídios para fazer os trabalhos propostos pelos professores, mas um local que possa também satisfazer suas aspirações enquanto leitor (não somente aluno), seus desejos, enfim, que seja um constante convite a leitura.

Depois veio a dúvida. Todos os alunos responderiam o questionário ou apenas uma "amostra"? Como escolher essa "amostra"? Em meio a essas e outras dúvidas começamos a sentir o clima da pesquisa participante ...

Para que os alunos respondessem o questionário, era necessário que algum professor cedesse uma parte de sua aula. Quem cedeu? Uma professora de português, mas não ficou só nisso ... Além de ceder a aula, discutiu com a gente quais seriam os alunos que responderiam:

Conversando algumas vezes com ela na Biblioteca, decidimos que dois grupos responderiam o questionário: uma 5ª e uma 8ª série. Resolvemos trabalhar com esses dois grupos, porque representavam duas populações diferentes: quem chega e quem parte (...)

- 5ª série: entrevista escrita e individual com toda classe.

Depois teremos uma conversa com um pequeno grupo de 05 alunos (com gravador), a fim de tentar superar as limitações impostas pela escrita; (Anexo 03)

- 8ª série: faremos a entrevista escrita e individual (o questionário) apenas, pois o nosso tempo e o deles é curto; além do mais eles já passaram por todo um processo e já têm uma familiaridade maior com a leitura e a escrita.(...)

Totalizando, 59 alunos responderam o questionário, sendo, 31 da 5ª série e 28 da 8ª série (DC: 99 a 101). Conforme a tabela a seguir.

TABELA 5

SÉRIE	Masculino	Feminino	Total de alunos
5ª	19	12	31
8ª	10	18	28
Total	29	30	59

Também nos orientou na elaboração das perguntas de uma forma que os alunos entendessem melhor o que queríamos saber:

Depois que lhe mostramos as perguntas, ela deu algumas sugestões para melhorar o entendimento e disse que da forma que as perguntas estavam colocadas daria para eles responderem sim.

O clima mudou, não eram mais as Célias apenas, mais pessoas estavam participando. Esta professora estava construindo a pesquisa conosco:

Neste trabalho há uma pessoa que teve e está tendo um papel fundamental, tem nos orientado muito - a professora de Português. Ela já vem desenvolvendo um trabalho legal com os alunos, ou seja, está mais próxima deles, já tem um relacionamento, uma familiaridade, afetividade. Ela irá nos ajudar na aplicação dos questionários. (DC:100)

Percebemos que a elaboração desse questionário, os seus resultados, a tabulação (Anexo 04), a quantificação (Anexo 05), não serviram somente aos nossos objetivos. Descobrimos coisas novas, vivenciamos a experiência de sermos sujeitos interagindo e construindo uma pesquisa participante. A solidão do "Banco de Textos" foi substituída pela certeza de que:

*Um galo sozinho não tece a manhã ...
(Guimarães Rosa)*

Projeto : "Curta às 18:30"

Antes de começar o relato do primeiro semestre de 95, preciso contar o que fizemos entre Dezembro de 94 a Janeiro e Fevereiro de 95.(...) queríamos promover, via Biblioteca, eventos culturais, lazer, confraternização de experiências, etc. A Corinta nos orientou para fazermos uma sessão de cinema. Mas como fazer uma sessão de cinema, se o tempo no Supletivo não corre, voa...Logo, veio a idéia do "curta": O curta tem o tempo ideal para os alunos terem um evento cultural dentro do espaço-escola e sobretudo não há necessidade de locomoção. (DC:137)

Primeiro informamos à Direção e aos docentes o nosso projeto para a sua aceitação ou não, durante a Reunião Pedagógica de dezembro de 1994 (Cf.DC:114) . Todos foram receptivos e ficaram entusiasmados.

Enfatizamos que seria o primeiro de muitos, promovido pela "Biblio" (DC:138).

"Via Sacra"

Até chegarmos em instituições ou centros culturais que dispunham de um "acervo de curtas" e que houvesse empréstimo, caminhamos...em plenas férias:

- SENAC¹⁸ - contatamos o responsável pela sala de cinema e a resposta foi negativa, o que ocorreu foi uma indicação sobre o MIS¹⁹, pois segundo esse funcionário, o museu dispõe de um acervo de curtas.

¹⁸ Serviço Nacional de Aprendizado Comercial.

¹⁹ Museu da Imagem e do Som.

- Instituto Cultural Itaú - A resposta foi positiva. No primeiro contato, via telefone, uma funcionária informou-nos que a instituição tinha projetos destinados às escolas:

Um, a escola vem ao Instituto e usufrui dos recursos que oferecemos - banco de dados sobre vários assuntos. O ônibus é oferecido às escolas. Um segundo projeto é o de Doação de Vídeos Institucionalizados, com três séries:

- Panorama Histórico do Brasil,*
- Aspectos Culturais do Brasil e*
- Encontros com autores, personalidades.*

Fomos convidadas a conhecer o Centro Cultural. Na visita conhecemos o Banco de Dados, atualizadíssimos sobre: artistas plásticos e Pintores brasileiros, desde a vinda da família real; o de literatura brasileira, incluindo compositores como Chico Buarque de Holanda, Caetano, etc; e o Banco de Dados da Arquitetura do Estado de São Paulo, desde o fim do século passado. Há ainda uma sessão de "curtas" exibida ao público às terças-feiras.

Quanto a questão do Projeto "Doação de Vídeos Institucionalizados", perguntamos qual seria o procedimento para a aquisição das séries - Panorama Histórico do Brasil e Aspectos da Cultura Brasileira: "Vocês fazem o pedido Via ofício da escola ou da UNICAMP, solicitando as séries.

Endereço correto tanto da instituição educacional como do centro cultural. Vocês podem mandar direto para São Paulo, ou trazem aqui e enviamos pelo malote".(D.C.139-141).

Obviamente optamos pelo Supletivo. Assistimos a um filme de 15 minutos da série Aspectos da Cultura Brasileira , tema - A Mulher - interessantíssimo: o vídeo aborda o papel social da mulher no século XIX, na sociedade rural do sudeste do País. Mostra sua participação na família patriarcal da época e as transformações ocorridas na primeira metade do século XX, em decorrência da industrialização e da urbanização crescentes.

O desejo, a intenção, era encaminhar o ofício o mais depressa possível, estávamos fascinadas em concretizar a aquisição desse acervo ao Supletivo. Mas:

As solicitações haviam se encerrado. Só a partir de 16 de janeiro de 95. Ai,ai, ai,ai, ai... é dezembro, é mole...(DC:141).

A funcionária do Instituto Cultural Itaú orientou para ligarmos nos Cines Paradiso e Vitória, Vídeo Clube Campinas, Secretaria Estadual da Educação e o MIS (citado pelo SENAC).

Estavam as Célias a ligar, para ver se conseguiam os tais curtas, veio o Cine Paradiso e disse não...

Estavam as Célias a andar, para ver se conseguiam os tais curtas, veio o Cine Vitória e disse não...

Estavam as Célias a andar, para ver se conseguiam os tais curtas, veio a Secretaria Estadual de Educação e nos disse não...

Andamos, andamos... Tudo bem, "os curtas" que o Supletivo adquiriria do Centro Cultural Itaú era um ganho, mas percebemos que eram de conteúdo mais didático, pedagógico. Pretendíamos "curtas", que falassem sobre a vida, o cotidiano, enfim, que abordassem questões sempre atuais - morte, vida, amor, relações, sexo, etc. Em toda essa caminhada fomos sempre bem recepcionadas.

O "MIS":

"Acho relevante, altamente significativo, o projeto de vocês. É necessário que a faculdade promova eventos culturais à população, sobretudo, vindo de uma universidade pública. Acho que o educador ou qualquer pessoa que esteja envolvida com cultura, educação, deve socializar conhecimentos, projetos culturais, principalmente, aos que têm pouco ou nenhum acesso a esses espaços culturais". [Responsável pela Sala de Cinema do MIS] - (DC: 143).

O primeiro contato que tivemos com o Museu da Imagem e do Som foi pelo telefone. Nele registramos a citação acima com o responsável pela sala de cinema. Agendamos uma visita para o dia 17 de Fevereiro às 9:30 horas.

Tivemos que entrar em contato com o diretor da escola para levar o ofício ao Centro Cultural Itaú.

"Constrangimento:"



O diretor estava de férias. Nos dias 12 e 13 de janeiro de 95 conseguimos conversar com o diretor.²⁰ Primeiro pedimos desculpas por estarmos invadindo a sua privacidade, depois contamos do porquê do telefonema. Ele gostou, sentimos que ficou entusiasmado. Quem fez o ofício foi a vice-diretora. Entregamos o ofício no dia 17 de janeiro.

“Visita ao MIS”

Conhecemos o Museu da Imagem e do Som, no dia 17 de Fevereiro. Conversamos com o responsável pela sala de cinema.

Há no MIS, dois tipos de acervo: um de interesse histórico para estudos acadêmicos, que interessa à pessoas que desenvolvem um projeto ou tese na área. São de conteúdo árido para o espectador comum, em sua maioria, são produzidos pelo MIS / material bruto. O segundo acervo são doações, cujas produções tem origem nas décadas de 50, 60, 70.²¹(DC:145)

Alertou-nos que a maioria do acervo não era interessante para os objetivos do nosso projeto, que apenas duas séries seriam mais interessantes: “Brasil Corpo e Alma” e “Aspectos Culturais do Brasil”.

Assistimos a um “curta” de 15 minutos - Tereza - relato sobre o mundo do presídio, narrado pelos próprios presidiários (Produção Campineira). Inclusive, soubemos que Campinas, tem um certo pioneirismo no cinema nacional, em produção nas décadas de 20 e 30 na região.

Sugeriu-nos que procurássemos o CEDAP - Centro de Estudos e Desenvolvimento ao Apoio Popular:

Eles tem um acervo muito bom de “curtas” e que trata sobre questões que são mais interessantes aos alunos do Supletivo.(DC:149).

Grande parte do acervo do MIS está sendo catalogado, registrado, por essa razão, o conteúdo ainda não é conhecido. Há na verdade um patrimônio histórico, de enorme valor cultural desse material. A possibilidade de empréstimo ou cópia dos filmes mais interessantes, ao nosso projeto foi aberta. A visita foi instigante...

²⁰ A conversa foi por telefone.

²¹ O acervo é constituído de “curtas e longas”.

Felizmente há profissionais que tem uma consciência sobre o seu papel com “os outros”. Em todo contato que tivemos, via telefone ou pessoalmente, fomos bem recepcionadas, mesmo sendo a resposta negativa. Indicações, sugestões vieram consolidar a concretização do nosso projeto. Apesar dos diferentes espaços culturais, públicos ou particulares, percebemos que essas “vozes” caminham numa mesma direção, e em uníssono, pois nos incluímos nessas vozes;

“Que os espaços culturais devem ser acessíveis a todos. Acesso no querer ou não, em apreciar essa ou aquela forma de arte, de literatura, de som, imagens, etc. A construção cultural possa ser um direito de todos e não apenas momentos das elites. Inclusive, no direito de dizer não a tudo isso, no direito de expressar a sua própria arte, o ser cultural que há em nós”.(Célia Maria e Célia Regina - DC:151)

Ligamos para o Centro de Estudos e Desenvolvimento ao Apoio Popular - CEDAP -informamos sobre e o por quê do nosso projeto. Imediatamente, fomos convidadas para conhecer o acervo de curtas.

Finalmente, encontramos “os curtas” que tanto procurávamos - história de amor, ciúme, sexo, política, saúde, fatos, enfim, histórias que falavam sobre a vida, de forma bem humorada.

O procedimento para o empréstimo das fitas é de deixar o endereço de contato e localização do interessado e uma taxa de R\$ 1,00 ao dia, pelo uso da fita. E até hoje, a “Sessão de Cineminha” (Anexo 06) do Supletivo acontece, graças ao CEDAP.

No retorno à escola neste semestre, conversamos com a direção e professores para a realização da sessão cineminha: horário, lugar, televisão e vídeo a disposição, etc.

Discutindo com a direção o melhor horário para a apresentação dos filmes, formou-se: a sessão de cinema. Seria quinzenal, meia-hora antes do início das aulas, às 18:30 , na sala dos professores.

Pretendíamos inaugurar a sessão cineminha , dia 15-03-95, mas por motivo de tempo, a data foi mudada para o dia 28-03-95.

“Propagar , propagar...”

Fomos às salas , informando aos alunos sobre a sessão de cinema, espalhamos cartazes por toda a escola. Enfim, fizemos toda a preparação para o grande dia.

“Acorda Raimundo, Acorda !!!”

Optamos por esse filme, graças ao humor e a abordagem inteligente do tema tratado: o Machismo . Sonhando, um homem assume o papel de “dona de casa” e sua mulher a do “marido/macho”, e a partir daí todos os conflitos que a mulher, a dona de casa, vivência nessa relação. A opção também se fez, porque pretendíamos e pretendemos, relacionar o trabalho dos professores com esse evento cultural. No caso, uma professora de português, estava trabalhando a relação homem/mulher, mais especificamente o papel da mulher.

A sala ficou cheia, mais ou menos de 25 a 30 alunos, enquanto eram instalados vídeo e televisão, reforçávamos a propaganda aos alunos presentes. Percebemos, que essa meia-hora, antes do início das aulas, é para jantarem (a escola serve uma merenda), conversarem. Muitos optaram e optam por essas duas alternativas.

“Luzes, câmera, ação...”

A sala estava cheia. Risos, olhares e ouvidos atentos a história narrada por gestos, fala dos atores. O filme suscitou identificação, questionamento por parte dos alunos, principalmente as mulheres. Há um trecho, no filme, em que “o dono da casa” faz café, costura roupas; nesse instante um grupo de alunas disseram:

*É isso mesmo, tem mais é
costurar, cozinhar (risos). (DC:143)*

E ainda:

Uma das cenas que pude perceber que causou mais espanto e risos, foi quando “Raimundo” (Paulo Betti) confia ao “Vizinho” (José Mayer) que está esperando “outro menino”. (DC:144)

“Acorda Raimundo, Acorda !!!”; “Balzaquiana”, “Amor Vida, Viva!!!”, “Olha, isso pode dar bolo...”. Esses foram os filmes que

apresentamos neste projeto. Muitas vezes, percebíamos que 5 minutos antes do término do filme, os alunos iam saindo, ora para a aula ou para o jantar.

“Um minuto e acabou. Relógio solto, indistinta visão em céu revoltado, um minuto me baste, e as minhas obras” (Drummond, “A distribuição do Tempo”).

Novamente o tempo: mais filmes para oferecer aos alunos, mas o horário era, e é, difícil para nós e eles; tempo para comer; daqui a pouco começa a aula, bate o sinal. Mínimo tempo para falar sobre o que trata o filme. Nenhum tempo para discutir com o alunos.

Pouco tempo para os professores sentarem. A possibilidade de todos apreciarem, discutirem o filme, sem pressa, com calma, é praticamente nula. Mas fica o real, e a riqueza, mesmo com todos esses contratempos - de oferecer aos alunos, professores, funcionários, direção e nós - a nossa “sessão de cinema”.

*“Texto e Audio-Visual não se Excluem, se Complementam”
(Responsável pela Sala de Cinema no MIS).*

É um campo novo, muito a ser explorado, mas na nossa experiência, percebemos que enriquece o processo de aprendizagem, de vivências e possibilita novas linguagens. Um pode levar ao outro e vice-versa. Ou mesmo: o filme pode ser preferido do que a obra literária e também ao contrário. A realidade trabalhada na tela , suscita a arte, a fala, os sonhos , a reflexão:

“Há algo de muito peculiar nessa indústria - em - Imagens: ela vende instantes de tempo em histórias. Instantes eletrônicos de luz, formas que passam num ritmo fora da vontade do espectador, não voltam a não ser que você pague novamente. Produtos que buscam a necessidade / desejo de ouvir / dizer histórias, histórias faladas, contadas para serem ouvidas. É esta a sua força. O cinema e a televisão tem sua origem na fala, na oralidade, na corporalidade da voz e do corpo, da natureza, da imagem do mundo.”(Almeida, 1992: 29)

Capítulo III: "NÃO TIVE OPORTUNIDADE QUANDO ERA CRIANÇA" (Joana - 8ª série - 27 anos)

"Vamos mudar tudo, para que tudo permaneça igual."
(O. Leopardo)

A participação num trabalho conjunto na escola exige também que nos inteiremos do contexto em que a mesma é produzida, mesmo sabendo que cada escola constrói a sua versão local e particular dentro de um movimento histórico mais amplo (Ezpeleta e Rockwell, 1989). Para isso, seria interessante conhecermos um pouco melhor esse "movimento" em que se desenvolveu e vem se desenvolvendo o Ensino Supletivo no Brasil. Para tentarmos dimensioná-lo (ou redimensioná-lo) melhor, podemos partir das vozes dos próprios protagonistas do supletivo:

*O supletivo não é uma segunda chance, mas é um direito.
(Diretor do Centro Supletivo)*

*Escolhi o supletivo porque foi a única chance que tive.
(Marcia - 5ª série- 49 anos/1994)*

E aí? Ficamos num impasse, é um direito ou mais uma chance, ou melhor, a única chance? Vamos ver, então o que diz a Lei 5.692/71, através da qual o Ensino Supletivo adquiriu um estatuto próprio legal, diferenciando-se do ensino regular básico:

Capítulo IV

Do Ensino Supletivo

Artigo 24 - O ensino supletivo terá por finalidade:

- a) suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não o tenham seguido na idade própria;*
- b) propiciar mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.*

Parágrafo único: O ensino supletivo abrangerá cursos e exames a serem organizados nos vários sistemas de acordo com as normas baixadas pelos respectivos Conselhos de Educação.

Muito bem, essa é a Lei. É engraçado, mas a sensação que a lei passa é de frieza, como quando a gente sobe uma montanha e quanto mais alto se sobe, mais a temperatura cai. Pois é, quanto mais nos aproximamos das resoluções dos altos escalões do poder, mais frio e indiferente o clima fica. Mas será que não é essa a idéia?

Pensando um pouco sobre o momento histórico em que a Lei 5692/71 foi redigida e aprovada, podemos afirmar que jamais o interesse da mesma, ou melhor, o interesse dos responsáveis, direta ou indiretamente, pela sua tramitação e aprovação estavam centrados no brasileiro concreto, histórico (Esaú, 1989), no aluno que foi historicamente excluído da escola

Com dois ou três anos incompletos foram expulsas, obrigadas a sair para entrar precocemente no mercado de trabalho, por falta de condições materiais, psíquicas, motoras e outros condicionantes tão pesquisados. Saíram porque o lugar delas não era esse, seu destino é o de trabalhadores desqualificados. (Arroyo, 1986:16)

Mas sim, visavam o desenvolvimento econômico e tecnológico para o qualurgia que o "homem bruto" fosse lapidado. O novo modelo econômico exigia dos trabalhadores²² uma nova qualificação, que pressupunha uma formação escolar, afinal, as "ordens" chegavam via impresso! Portanto, havia necessidade de uma política que inserisse o contingente populacional dentro da "normalidade" escolar.

Temos então uma lei, um tanto ampla (e isto pode ser perigoso). Uma lei para o Ensino Supletivo, onde tudo passa a ser considerado "suprimento", têm-se tudo e ao mesmo tempo não se tem nada. Ela passa a abarcar a alfabetização e a escolarização em qualquer nível para os que não tiveram acesso na idade própria, mas inclui também o aperfeiçoamento e a atualização de conhecimentos, através da "repetida volta à escola", visando uma possível "reciclagem" para assimilação das inovações tecnológicas (Barreto, 1989). No fundo, percebe-se que, abarcando a dupla função de aprendizagem e qualificação, o que se visa mesmo é apenas a formação sistemática para o trabalho.

Impositiva, a Lei 5692/71 acaba legando ao Ensino Supletivo o nível (óbvio) de atividade "supletiva" - "suprir a escolarização"; bem como ao provável aluno do mesmo, a culpa por não ter "seguido ou concluído na

²² Entre eles muitos trabalhadores rurais, que migraram do campo para a cidade, expulsos de suas terras. Era necessário domesticar este trabalhador de hábitos tão diferentes.

idade própria". Para ela, o aluno evadiu, não foi excluído. É bom lembrar que "os conceitos são importantes no ocultamento do real" (Arroyo,1986:21). Se formos dar "voz aos silenciados" (Esaú:1989), veremos que eles assumem a culpa sim, mas também podemos observar nas entrelinhas da sua decisão, que há toda uma estrutura que o deixa sem saída, sem opção:

É porque não tive oportunidade na época, né! Por caso que eu perdi meu pai muito cedo, minha mãe tinha três filhos, então, a gente teve que ir trabalhar e aí eu deixei os estudos de lado. (Sonia -5ª série- 30.11.94)

Porque aonde eu morava só fazia até a quarta série. E tinha de quinta a oitava, mas em outra cidade, né, a gente não tinha condições. (Solange -5ª série- 30.11.94)

Eu parei pelo mesmo caso das duas. Porque eu morava no norte, lá né. Pernambuco (...) É. Aí o meu pai morreu em 86, 87 ... Bom, antes ele era vivo e nós morava no sítio, nós morava longe da escola, andava mais ou menos umas duas léguas prá escola. Estudei até a quarta série também, né, há doze anos atrás. Aí, depois que ele morreu não teve condições, né, aí nós mudamos prá cidade. (Fábio -5ª série- 30.11.94)

Podemos chegar à conclusão, de que o supletivo é um direito, assegurado por uma lei, mas nos dizeres dessa lei ele adquire um caráter de segunda chance e, para o seu aluno, ele se constitui na única chance palpável que teve. Na verdade, se formos observar as vozes desses alunos, veremos que uma fatalidade, a morte de um ente querido, direcionou-os precocemente para o mundo do trabalho, mas, mais que isto, a estrutura social na qual estamos inseridos provocou a necessidade de uma opção, ou melhor, um deslocamento de uma dupla atividade - escola e trabalho - a uma atividade única -escola ou trabalho. (Sposito,1992)

Experiências escolares fracassadas, dificuldades produzidas pelo trabalho, pelo cansaço, pelo volume de responsabilidades, acabam por criar impeditivos reais na capacidade de aproveitamento escolar. (Haddad,1992:10)

E acabam por ocasionar a evasão, a imposição de uma atividade - escola ou trabalho - e é óbvio que não há uma escolha, o que há é a necessidade de garantia da própria sobrevivência e da família. Enquanto a porta da escola se fecha, a porta da fábrica permanece aberta, pois a

sobrevivência é o principal controle. Ninguém vai "evadir" do trabalho sob pena de morrer de fome, como constata Arroyo:

Os índices de evasão das fábricas, das casas de detenção e correção são mais baixos que os índices das escolas do povo. Lá são obrigados a permanecer para ser explorados ou reeducados para o trabalho. Na escola são forçados a sair por incapazes para a educação ou por necessidade de bater na porta da fábrica, ou de lutar por comida no subemprego. (Arroyo, 1986:22)

Sérgio Haddad afirmou em uma palestra, proferida na Faculdade de Educação da UNICAMP, em 27.10.93, que não há possibilidade de se resolver o problema educacional se não se resolve o problema econômico e social. Não há democracia educacional sem democracia social e isto pode ser legitimado pelas vozes desses alunos do supletivo, que não tiveram "condições" de continuar estudando e que agora carregam a culpa por terem parado de estudar, quando os verdadeiros culpados acham que fazem muito quando aprovam uma lei, que dará uma "nova chance" a este aluno. Mas afinal, qual é o objetivo básico dessa lei senão educar o povo para que dele possa sair trabalhadores eficientes para o desenvolvimento econômico?

No início da década de 70, quando a 5692/71 foi aprovada, em pleno regime militar, num clima de tensão, censura, prisões arbitrárias, linha dura, o ideal era promover o desenvolvimento do país através da educação do povo ignorante, que se constituía no principal entrave para um Estado em vias de desenvolvimento. A educação precisava estar em harmonia e coerência com o Modelo de Desenvolvimento Econômico, e foi isso que a Lei procurou fazer, outorgando uma "segunda chance" aos marginalizados da escola; com isso apagou o passado em nome do futuro, transformou-os em um problema do passado, uma "fase vencida" (Esaú, 1989).

Mas será que em algum momento foi questionado o porquê do Ensino Supletivo? Será que em algum momento se perguntaram, por que essa modalidade de ensino tem uma clientela tão grande (algo que pudemos vivenciar no decorrer da pesquisa)?

Quando cheguei, o diretor estava tendo que dizer que não havia mais vagas para um rapaz. Normalmente as inscrições para o Supletivo começam com bastante antecedência, porque a procura é grande. E os alunos já estavam com quase um mês

de aulas. O diretor aconselhou o rapaz a procurá-lo já em novembro para se inscrever para o próximo semestre em 1995. (DC: 75)

Será que, por alguns segundos, alguém pensou nesse brasileiro, nesse trabalhador de carne e osso que foi obrigado, a bem da verdade, a não concluir seus estudos e que por isso carrega os fantasmas da culpa e do fracasso? Não, tenho certeza que ninguém pensou nesse brasileiro, pois ele apenas constitui um número, um índice no "ranking" dos analfabetos e dos semi-analfabetos, que precisa ser "erradicado" para o bem da nação! É como eu disse anteriormente, quanto mais se sobe nos altos escalões do poder, mais as pessoas deixam de ser pessoas para se tornarem números, números esses que só se tornam interessantes quando se convertem em força de trabalho.

Na verdade, o Supletivo passa a ser um direito à medida em que a Constituição Federal (Lei maior) não é cumprida, pois esta prevê a obrigatoriedade de oito anos de escolaridade gratuita aos jovens cidadãos brasileiros a partir dos 7 anos. Contudo, já vai abrindo brechas para que essa dita obrigatoriedade não seja cumprida de fato, como relata Esaú:

Contraditoriamente, contudo, esses mesmos jovens podem trabalhar a partir dos 12 anos, e nesse caso as empresas empregadoras deverão cumprir requisitos facilitadores para que seu empregado menor possa trabalhar e estudar. (Esaú, 1989:13)

Como canta Caetano Veloso em "Fora de Ordem":
*Aqui, tudo parece que é ainda construção e já é ruína ...
Nada continua.*

Torna-se necessário estabelecer mais garantias caso essa "obrigatoriedade" não se efetive, caso as empresas não falitem a dupla jornada de trabalho e estudo para o aluno-trabalhador; porque no fundo todos sabem que a lei sem estar aliada à vontade política não provoca mudanças, não sai do papel e, assim, os dispositivos vão sendo criados buscando contornar a situação nesse jogo de contradições, é o que exprime o artigo 208 da Constituição Federal:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I- Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que dele não tiveram acesso na idade própria.

Aqui e agora temos de estar atentos, o ensino é obrigatório inclusive para quem esta garantia não surtiu nenhum efeito; como o Fabio, um entre tantos exemplos, que no final de uma entrevista que participou conosco, após um certo silêncio de sua parte, em meio as nossas falas nos questionou:

Vocês tiveram oportunidade de estudar, né!?
(Fabio -5ª série- 30.11.94)

Percebe-se na fala desse aluno que, talvez ele possa desconhecer as leis, os trâmites, os interesses escusos, mas presente, ou melhor, vivencia, "sente na pele" as diferenças sociais existentes, que fazem com que uns tenham oportunidade e outros não, e que estes últimos sofram as conseqüências por algo que não tiveram. Assim como o Fabio, há a Maria:

Voltei a estudar porque agora que tive oportunidade, e também porque gosto muito da escola e de estudar também. (Maria -5ª série- 39 anos/1994)

A Joana:

Porque não tive oportunidade quando era criança.
(Joana -8ª série- 27 anos/1994)

O Mario e tantos outros:

Eu gosto de estudar, escolhi o supletivo porque foi a oportunidade que eu tive e estou gostando, tá muito bom.
(Mario -5ª série- 1994)

Tantos outros excluídos, tantos outros que compõem o universos dos que "não tiveram oportunidades" e que talvez nunca venham a ter, pois a demanda é muito grande, como vimos em exemplo anterior, e muitas vezes essas pessoas já se desistiram e acreditam ser tarde demais, no entanto:

Todos são força de trabalho normal. Explorados normalmente. Enquadrados na jornada de trabalho, salários, leis disciplina da fábrica. Todos são normais para a exploração. Porém, para os direitos ao saber, à saúde, à moradia, saneamento passam a ser tratados como anormais, objeto de políticas especiais. No

social são carentes psíquicos, culturais, biológicos, porém, são normais para criar a riqueza do país. (Arroyo,1986:40)

Novamente retomo as palavras de Haddad, não dá para haver democracia educacional, sem democracia social; não adiantam leis se não há vontade política que faça delas mais do que meras escamoteadoras da situação real, exposta acima pelas vozes desses alunos de "carne e osso", sujeitos de uma história e não, índices. Pessoas com as quais tivemos um maior envolvimento durante a pesquisa participante, que conversamos mais ou menos, que conhecemos um pouco da sua história de vida, das suas dificuldades do dia-a-dia e também dos seus sonhos; que chegavam na biblioteca para pegar um livro, contar um livro, para conversar um pouco, ou, simplesmente dizer um "oi". Por eles que não tiveram acesso em outros tempos, por aqueles que não tiveram e que ainda não têm ... são tantos. Incomoda, revolta ver que as coisas não mudam e que o Estado friamente sempre acha que faz mais do que deveria fazer pelas pessoas, ou melhor, no fundo sabe que não faz quase nada, mas o importante é a aparência, mostrar aquilo que as pessoas querem ver, falar aquilo que as pessoas querem ouvir, portanto:

Para este adulto, o Estado reservou o Mobral e depois o supletivo. Alfabetização, primário, ginásio, colégio, escolas isoladas, o caminho do sucesso novamente garantido, para aqueles que não tiveram oportunidade em outros tempos. Mais uma chance para começar tudo de novo. Se depois ainda fracassar, é porque não merece mesmo mais do que tem. (Haddad,(ano):25)

A idéia do fracasso é algo que mexe muito com todos nós, ela traz junto de si a humilhação, o estigma, a vergonha e tantas outras sensações desagradáveis. O aluno do supletivo traz junto de si, quando volta a estudar, um misto dessas sensações e, caso ele "fracasse novamente", as sensações passam a ter uma conotação dupla e a marca da incapacidade de aprender se acentua ainda mais, fazendo com que ele assumira de vez a culpa pela sua "ignorância" e pelos efeitos sociais que ela lhe trará ao longo da sua luta pela sobrevivência. (Arroyo,1986) Através do nosso contato, pudemos vivenciar várias experiências que retratam essas inseguranças desse aluno. O medo de ocupar novamente o espaço escolar é real, principalmente no caso dos alunos de mais idade, e essa questão foi discutida durante uma reunião pedagógica que participamos, na qual se discutia a questão do trabalho em grupo:

O diretor chamou a atenção para a questão do "senso do ridículo" que é muito forte no aluno do supletivo. Havia uma senhora que chorava nos trabalhos em grupo, sentia muita vergonha, achava que riam dela, debochavam, etc. (DC:111 e 112)

Pensando nisso, no fracasso e em suas seqüelas, a escola "C&C", através de sua direção e professores, vêm desenvolvendo um trabalho conjunto tendo em vista a redução do quadro de evasão e repetência, sendo que já conseguiram reduzir em 16% a taxa de evasão e repetência, com uma promoção de 84% dos alunos²³:

O Índice de evasão deste ano foi semelhante ao do ano passado. Isso significa que ainda nós estamos falhando em alguns pontos e é preciso pensar.

A retenção (reprovação) foi mínima, o problema maior continua a ser a evasão. Há fatores internos (da própria escola) e externos, é necessário trabalhar melhor essas questões. (DC: 109 e 110)²⁴

Segundo o diretor da escola "C&C", deve-se operacionalizar a permanência do aluno-trabalhador na escola, de forma a procurar interferir e esgotar todas as possibilidades da mesma não ocorrer:

A gente está tentando entrar até nestes fatores externos. O professor tem que se intrometer também. (DC, 1994:65)

O que a equipe vem realizando é um trabalho de compensação de ausências, através de:

- Trabalho Docente Extra-Classe, que ocorre entre professores e alunos fora do horário das aulas (às 18:20 Hs.);

- Trabalho Individual, que ocorre entre professor e aluno e do qual resultará um trabalho feito por este último, de forma que o professor possa acompanhar a sua situação e verificar o processo de aprendizagem:

Verificar se o aluno não ficou truncado no processo. (DC, 1994:64)

Percebemos que não se trata de "provas", nem facilitadores para a promoção, mas uma tentativa de trabalhar com a realidade desses

²³ Cf. DC, 07/94:63

²⁴ Registro feito durante Reunião Pedagógica da escola, em 22/12/94.

alunos que enfrentam diversos problemas, entre eles, as constantes mudanças de turno no trabalho, que tornam-se impeditivos reais na continuação do estudo:

*A existência de quase um milhão de trabalhadores que frequentam cursos noturnos é sinal de uma aspiração de massa: fugir à condição operária voltando à escola. Mas essa tentativa quase sempre acaba em fracasso, pois não há vínculo entre escola e fábrica, entre a necessidade de mudar a natureza e a organização do trabalho e o que a escola ensina.
(Lettieri, 1980:202)*

A escola "C&C" está tentando por seus meios evitar esse "duplo fracasso"; além do mais, já expusemos em capítulo anterior, que através dos esforços de sua equipe, ela procura trabalhar acima de suas contradições buscando uma transformação social. Muitos podem dizer acerca do "Projeto Evasão" (exposto acima), que esta é uma solução paleativa e imediatista e não resolverá o problema real. Ora, o supletivo também é um paleativo, ele é produto não do desenvolvimento de um país, mas da sua miséria social (Haddad, 1992) e, no entanto, está aí, é a única chance que muitas pessoas tiveram. Às vezes é necessário partir do atendimento das necessidades imediatas do aluno, no caso a realização do curso, apesar dos entraves e obstáculos; para se poder discutir com esses mesmos alunos o porquê de tantos entraves, o porquê do atendimento dessa necessidade e mesmo o porquê do Ensino Supletivo. Ora, isso só será possível se o aluno permanecer na escola.

O ideal seria a redução da semana de trabalho para trinta e seis horas, e o estabelecimento da jornada contínua de seis horas para todos os trabalhadores-estudantes, tal como os sindicatos italianos vêm lutando (Lettieri, 1980). Aí, este problema estaria resolvido, bem como muitos outros que veremos no capítulo posterior. No entanto, no Brasil este ideal está um tanto distante, o que vemos muitas vezes na empresa é uma escola paralela que disputa com a escola pública e que visa unicamente a formação sistemática para o trabalho²⁵ e, quem sabe, garantir uma maior permanência do trabalhador nas suas dependências:

Aí eu peguei, trabalhei aqui na Bendix, aí a Bendix me mandou embora. Aí eu entrei numa firminha aqui, na TORMEP (...) Aí

²⁵ Cf. Durval de Carvalho durante a palestra "Aluno-trabalhador: um marginal da cidadania?", em 27/10/93, que fez parte da Semana de Pedagogia "A Educação e os marginais da Cidadania".

tive que voltar a estudar. Agora, esse ano parece que vai ter supletivo lá. (Fábio -5ª série- 1994)

Ou então, vemos que aquela empresa que exige uma qualificação melhor do empregado, um nível de estudo mais alto, é a mesma que não lhe oferece condições para que ele continue desenvolvendo a dupla atividade de trabalhar e estudar. Quer um empregado com uma qualificação melhor, mas desde que isso não lhe acarrete nenhum ônus.

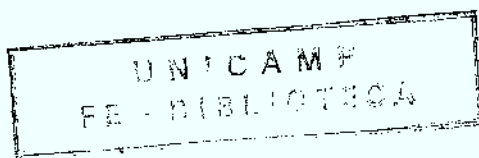
É interessante notar que o mesmo trabalho que colaborou um dia, junto com outros fatores, para que o aluno saísse da escola, deslocando a dupla jornada (trabalho e estudo) para a jornada única; é aquele que exige do seu empregado hoje, o diploma e, portanto, empurra-o novamente à escola, sem, no entanto, dar garantias para sua permanência, vendo isso como problema do aluno apenas e, no nosso caso, da escola, pois ela tem uma preocupação real com esse aluno.

*Porque só a profissão não resolve, tem que ter o maldito diploma, senão eles acham que você não é capaz de cumprir com suas obrigações no trabalho.
(Marcos - 5ª série- 25 anos/1994)*

Assim como Marcos, cerca de 13,84% (vide tabela 2 - Anexo 05) dos 59 alunos que responderam o questionário que propusemos, afirmaram que voltaram a estudar por exigência do trabalho. Agora, desses alunos, quantos será que estão fazendo um horário especial por estarem estudando? Com certeza, nenhum.

No entanto, pode-se visualizar que, a idéia dos sindicatos italianos desse horário especial de trabalho, da jornada única de seis horas, seria muito viável no Brasil, principalmente com o grande número de desempregados. Com os funcionários trabalhando seis horas, seria necessário aumentar o quadro e assim os trabalhadores desempregados seriam absorvidos pelo mercado, e não cairiam no subemprego e na miséria, como vem ocorrendo há muito. No supletivo, o desemprego também é uma realidade gritante, por exemplo, se formos pegar a Tabela 7 (Anexo 05), veremos que 16,94% dos alunos que não responderam o número de horas diárias de trabalho eram, em sua maioria, desempregados:

*O meu dia-a-dia é levantar cedo e procurar trabalho.
(Armando -5ª série- 32 anos/1994)*



Segundo Lettieri, o aumento do número de empregos está ligado a uma utilização mais intensa das instalações da fábrica, da empresa, e para que isso ocorra é necessário um maior número de equipes de trabalho, trabalhando menos horas, mais intensamente e de forma mais produtiva, permitindo "unir operários e desempregados" e criando uma proposta social e política "ao sacrifício que o trabalho do sábado e do turno da noite representa para os trabalhadores." (Lettieri,1980:207)

Alguém pode dizer que tudo isso é muito bonito, mas utópico. Mas se existe uma utopia é porque existe uma realidade que a provoca, a instiga, e é em meio a essa realidade que podem ocorrer as transformações. Podemos perceber que a escola "C&C" luta por essas mudanças, dentro dos seus limites, tentando superá-los. Na sua trama local e particular verifica-se o trabalho conjunto para vencer as dificuldades (como o Projeto Evasão mencionado anteriormente); o trabalho e esforço de alguns professores²⁶, que preocupam-se em não produzir "superalfabetizados" (Lettieri,1980), mas sim formar o cidadão:

Educar e elevar o indivíduo ao nível de ampla participação cultural, intelectual, política e profissional. (Projeto Pedagógico)

Nota-se que, mesmo o supletivo se constituindo amplamente mais como "fruto da miséria social do que do desenvolvimento" (Haddad,1992:03); ele pode construir-se em meio à sua trama local e particular, passando de mal necessário para agente transformador.

Muitos dizem: "Educação de adultos é uma perda de tempo, com ela há um gasto maior"; outros são mais ardilosos e afirmam: "O adulto já está acostumado com o analfabetismo"²⁷. As coisas não são bem assim, quer queiram quer não queiram, o supletivo é um direito assegurado por lei e

Se levamos em conta que somente uns 20% dos alunos de 1º grau chegam a completá-lo, que a taxa de escolarização obrigatória não atingiu ainda os 70%, que o índice de analfabetismo sobre a população de 15 anos ou mais estaria por volta dos 25%, e assim por diante, é fácil vislumbrar a enormidade da clientela potencial do supletivo. (Demo,1985:64)

²⁶ Não conhecemos o trabalho de todos os professores da escola.

²⁷ Sérgio Costa Ribeiro.

Portanto, os dados nos levam a crer que as saídas não devem ser abruptas e insensatas (como a citada há pouco). Para se solucionar o problema da educação de adultos e adolescentes devem ser estabelecidos programas de longo prazo, ao mesmo tempo em que deve haver no supletivo, por parte do poder público e das entidades de classe, uma preocupação paralela com o ensino básico e regular, para que as próximas gerações não venham precisar dessa escolarização.

A bem da verdade, o supletivo é ainda entre nós "supletivo". Irmão pobre das Secretarias de Educação, filho relegado de Ministérios e de programas extensionistas, sua persistência se deve, em última instância, ao fato sarcástico de que ninguém pode concorrer com ele em clientela especial. Quando abre a boca, é quase um país todo que grita. Embora tal clamor se perca em seguida na esplanada, deixa o rastro de um vazio preocupante. (Demo, 1985:70)

... Vou te mostrar o mundo,
se é que não preferes vê-lo do teu reino profundo.
... Os olhos se inflamam depressa, e do mundo
o espetáculo é vário e pede ser visto e amado.
É tão pouco, cinco sentidos.
... Mas há que tentar o diálogo, quando a solidão é vício.
... o tempo que fazer dele?
... Há de aprender o tempo ... E há de ser tua ciência
uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência.
... É preciso criar de novo.
... de tal maneira a vida nos excede
e temos de enfrentá-la com poderosos recursos
Mas seja humilde a tua valentia. Repara que há veludo nos ursos."
(Carlos Drummond de Andrade)

Você leitor, que agora está lendo essas linhas, sabe que o tempo está passando, sabe que este momento é único, um momento que nunca mais será. Eu também leitor, quando me debrucei para escrever essas linhas vi que o tempo passava, passava vorazmente, toda hora me cobrando, toda hora me lembrando:

*Um minuto e acabou
Relógio solto, indistinta visão em céu revoltado.
(Drummond - "A distribuição do tempo")*

Estranha coincidência que me levou a falar do "tempo", do tempo na vida do aluno-trabalhador; do tempo no supletivo; do tempo passado, presente e futuro. Não é tarefa fácil, principalmente para quem também é um aluno-trabalhador e vivencia todas as limitações e cobranças que o "passar das horas" impõe. Sim, talvez tenha sido esta identificação o estímulo para esta reflexão; e também o fato de que a questão "tempo" era recorrente em todos os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pela nossa turma em 1991, através da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica, isto porque as pesquisas versavam sobre os cursos noturnos, nos quais a falta de tempo é uma constante, pois representa:

... o lugar de escolarização dos que não podem ter o "privilégio" de dedicar-se apenas ao estudo. (Carvalho, 1989:30)

E que, portanto, vêem sua vida girar em torno do trabalho, ou seja, na hierarquia da vida cotidiana, o trabalho está no topo, apesar do trabalhador-estudante não a ter definido desta forma. No entanto, a moral do tempo, a idéia de que "tempo é dinheiro" e também sobrevivência já foi assimilada por ele, por todos nós. Quantas vezes nos pegamos fazendo cobranças semelhantes a esta?

Não durmas mais do que o necessário para a tua saúde; porque o precioso tempo não deve ser desperdiçado em preguiças desnecessárias; não percas muito tempo a vestires a tuas roupas; e aplica uma diligência constante nas tuas tarefas. (Baxter in Thompson, 1991:74)

É, séculos de propaganda sobre a economia do tempo surtiram efeito, segundo Thompson, "através de todo o século XIX, a propaganda da economia do tempo continuou a ser dirigida para as classes trabalhadoras" (Thompson, 1991:75), e até hoje sentimos seus reflexos, muitas vezes na nossa conduta, atitudes ou mesmo na nossa própria personalidade. Felizes os "aldeãos da Cabília (Argélia)", que não internalizaram esses valores e cantam:

Não vale a pena perseguir o mundo. Nunca ninguém o apanhará. (Thompson, 1991:47)

Pois é, no Supletivo as coisas são diferentes, bem diferentes. Não há esta atitude desdenhosa, indiferente com relação a passagem do tempo, pois o próprio Ensino Supletivo é legalmente definido pelo tempo, o curso é completado em dois anos (metade do tempo), o que se mostra vantajoso para quem chega com a idéia de que já "perdeu muito tempo" e que agora precisa recuperá-lo, numa velocidade ainda maior. A mesma idéia da moral puritana do século passado:

Esta é a corrente de ouro de onde está suspensa a sólida eternidade; não podemos perder tempo, pois trata-se de uma perda irrecuperável. (Thompson, 1991:74)

Percebe como este trecho se assemelha muito ao que uma aluna escreveu no painel "O Leitor Opina"²⁸ :

²⁸ O painel "O Leitor Opina" pertence a Biblioteca da escola e é o lugar onde o aluno pode expressar sua opinião sobre os livros que leu, ou mesmo recomendá-los.

Faça como eu, leia bons livros na nossa biblioteca: Dom Casmurro, Helena, A Cartomante, de Machado de Assis; e muitos outros bons livros.

Queridos colegas, temos obrigação de nos instruir e o prazer de ler bons livros. Já perdemos muito tempo, não deixem para depois. Venham! (Alzira -6ª série- 55 anos/1995)

Quando Alzira fala aos colegas "temos obrigação de nos instruir", e relaciona esse obrigação com o prazer, faz lembrar a figura da mulher do século XIX, que Thompson retrata:

Tantas horas só poderiam ser suportáveis porque parte do trabalho com os filhos e a tratar da casa, era uma necessidade que se impunha, por si mesma, em vez de ser uma imposição do exterior. E isto ainda hoje é assim ... (Thompson,1991:65)

Mulher e mãe que já impôs a si mesma tantas tarefas e que, se questionada, dirá que faz as "obrigações com prazer". Aluno que já impôs a si mesmo a "obrigação" de estudar, porque já "perdeu muito tempo". Recuperar este "tempo perdido" é essencial, portanto, é necessário aproveitar cada momento, como sugere o apelo da aluna: *Venham!*

El sentido de la irreversibilidad, del que ya hemos hablado, es sentido a menudo precisamente cuando se ha perdido el momento justo y se sabe que ya no volverá. (Heller,1987:392)

Se observarmos a Tabela 1 (abaixo), veremos que 60,48% dos alunos que responderam o questionário, optaram pelo Supletivo, entre outros fatores, pela rapidez do curso:

TABELA 1

MOTIVOS	%
CURSO RÁPIDO	47,0
CURSO RÁPIDO E DEVIDO A IDADE	8,40
CURSO RAPIDO E NOTURNO	5,08
DEVIDO A IDADE	6,7
OUTROS	6,7
NÃO RESPONDEU À PERGUNTA	25,4

Na verdade o "tempo perdido" está vinculado à idéia de pouco futuro. Ou seja, o passado, que atrapalha o futuro, precisa ser trabalhado no presente:

Comecei pelo supletivo para chegar ao meu objetivo mais rápido. (Alzira -5ª série- 55 anos/1994)

Escolhi o supletivo porque eu posso fazer dois anos num só! (Alberto -5ª série- 27 anos)

Escolhi o supletivo para adiantar os estudos que estão muito atrasados. (Roberto -5ª série- 19 anos)

Escolhi o supletivo porque é um curso mais rápido e voltei a estudar porque achei que já perdi muito tempo na vida, deveria ter voltado antes. (Silvia -8ª série- 34 anos)

O que leva essas pessoas a imporem para si tantas obrigações, a buscarem um curso rápido, a subestimarem suas experiências de vida, senão o medo de perder para sempre o que não conseguirem hoje (Heller,1987)? É como se o tempo que ficaram longe da escola não tivesse valor. Isso acontece porque há toda uma ideologia secular que instiga um confronto entre os que fazem (Erga) e os que pensam (Epea). Na sociedade capitalista este confronto se acentuou ainda mais, ou seja, trabalho manual e intelectual negam-se mutuamente (Lettieri,1980), com vantagem explícita para os detentores do "saber, pois também detêm os meios de produção:

O esforço dos trabalhadores para terem poder sobre o processo de trabalho esbarra com a rápida obsolescência do seu saber técnico e com a insuficiência dos conhecimentos obtidos. (Lettieri,1980:201)

Assim, ao verificarmos os motivos que impulsionam os alunos do Supletivo a voltarem a estudar, vemos que "sentir-se menos à margem" é um motivo forte (conforme tabela 2 a seguir):

TABELA 2
A VOLTA AOS ESTUDOS

MOTIVOS	%
Realização do seu sonho	6,15
Sentir-se menos à margem (informação/conhec.)	38,46
Gosto pelos estudos	7,6
Para melhorar no trabalho e/ou por exigência do mesmo	13,84
Conseguir um trabalho melhor	12,3
Fazer outros cursos	10,76
Outros	7,6
Não respondeu à pergunta	3,0

* Totalizando 65 respostas dadas pelos 59 alunos da amostra.

Mas o que seria esse "sentir-se à margem"? Esse termo foi recorrente na fase anterior da pesquisa e foi utilizado novamente para tentar abranger as várias respostas dos alunos, que mostravam uma necessidade grande de conhecimento e informação, como se isto os fizesse sentir, partes de uma sociedade em constante evolução. Sabem que essa sociedade que um dia os excluiu, negando-lhe o saber formal, é a mesma que cobrará esse saber com juros e correção monetária:

*Voltei a estudar porque a vida lá fora sem estudo... é muito difícil para quem estudou e pior para quem parou.
(Jonas -5ª série- 21 anos)*

Percebe-se na fala de Jonas o conhecimento, a vivência da exclusão do mercado de trabalho. O mercado de trabalho não absorve totalmente a mão-de-obra existente. O que Jonas fala é uma verdade, que todos conhecemos: quem se forma hoje numa faculdade não tem muitos horizontes. O nível de desemprego é alto e permite que ocorra um barateamento da mão-de-obra, aliás essa é uma das estratégias do capitalismo (seja ele selvagem, monopolista, "neoliberal", o que for): a baixa oferta de trabalho acoplado a sua alta procura, permitindo a desvalorização da mão-de-obra e o aumento dos lucros.

Ninguém se arriscará a sair do seu trabalho, ninguém evadirá, porque sabe que se arriscar não fará falta. No capitalismo há muito do "descartável", logo colocam outra pessoa no lugar", ganhando, muitas vezes menos para fazer o mesmo serviço. Por isso, como trabalhadora, tal como Jonas, posso dizer que sua afirmação é sábia: se os que estudam já vão ficando à margem, imagine "quem parou".

Como Jonas, há tantos outros que exprimem em suas respostas o desejo de fazer parte, ser reconhecido. Sabem que o seu trabalho não é valorizado, não recebem uma remuneração justa...mas quem sabe não valorizem seu trabalho, mas valorizem seu estudo?! Suas vozes clamam uma integração na "sociedade do saber formal":

Voltei a estudar porque eu preciso estar mais informada, conhecer melhor o mundo lá fora ... (Telma -5ª série- 31 anos)

Estava encontrando muita dificuldade para desenrolar certos assuntos. (Judite -5ª série- 49 anos)

O estudo estava me fazendo falta, eu estava meio desatualizado. (Francisco -8ª série- 32 anos)

Voltei a estudar porque algo começou a me incomodar, acho que foi o fato de me sentir meio à margem de coisas que nem sequer consigo explicar. Talvez a desinformação, a "alienagem" em que me via, tenha me levado a volta à escola. (Marta -8ª série- 24 anos)

Diante das palavras de Marta, que hoje não está mais na escola, porque o tempo no supletivo passa muito rápido:

O Supletivo começa hoje e termina amanhã. (Diretor - DC:135)

Podemos dizer que seu desejo, e o de todos que clamam essa integração na sociedade em constante evolução; que tentam expurgar as marcas do passado, do "tempo perdido", do fracasso escolar, ou melhor, da exclusão da escola²⁹, fazem coro em uníssono ao pensamento de Arroyo:

O povo percebe sua condição de ignorância, os motivos porque é mantido ignorante, e tenta sair de sua condição (...)

²⁹ Segundo Arroyo, ao usarmos o termo "exclusão", definimos melhor o problema, pois a exclusão implica num responsável ou responsáveis por ela. Ninguém exclui a si mesmo.

A negação da educação escolar para as classes subalternas interessa a quem? Não a essas classes que demandam escola, que se sacrificam como podem para manter seus filhos na escola e que voltam aos cursos noturnos e supletivos após a longa jornada de trabalho. (Arroyo, 1986:12)

Mesmo aqueles alunos, como mostra a Tabela 2.2 a seguir:

TABELA 2.2
SÍNTESE

DIMENSÕES	TER	SER
- Sonhos	-	6,15%
- Sentir-se menos à margem	-	38,46%
- Gosto pelo estudo	-	7,6%
- Exigência do trabalho	13,84%	-
- Conseguir trabalho melhor	12,3%	-
- Fazer outros cursos	10,76%	-
TOTALIZANDO	36,9%	52,21%

* Outros = 7,6%

** Não responderam = 3%

que voltaram a estudar movidos mais por necessidades externas (exigência do trabalho, busca de um trabalho melhor, continuação dos estudos), que abarcam mais a dimensão do "ter", do credencialismo:

Resolvi voltar porque no local onde trabalho há muitas exigências da chefia, em matéria de estudo, para que eu mude de cargo. (Tereza -8ª série- 26 anos)

Também estão sendo marginalizados, se sentindo à margem no trabalho por não terem o diploma. Portanto, apesar das duas dimensões da volta ao estudo (ser e ter) estarem separadas na Tabela, para uma melhor visualização das tendências, percebe-se que elas se imbricam, se relacionam. Assim como o Décio afirma que voltou a estudar:



A negação do saber interessou sempre à burguesia que vem submetendo o operariado ao máximo de exploração e de embrutecimento. Interessou ao Estado excludente que prefere súditos ignorantes e submissos. (Arroyo, 1986:12)

Assim, chegam na escola dispostos a recuperar esse "tempo perdido", perdido porque permaneceram um certo tempo excluídos dos benefícios da educação. Sentem que perderam o bonde e a vez, mas não a esperança. (Esaú, 1989)

E o que a escola "C&C" será justamente aproveitar o momento de esperança, que os faz voltar à escola, para trabalhar a idéia do "tempo perdido". Mostrar para os alunos que o seu passado, suas experiências de vida são muito importantes e irão complementar o processo de aquisição do saber sistematizado, que é por eles tão valorizado. Isso faz parte do Projeto Pedagógico da escola, é sua premissa básica:

Aproveitamento do currículo oculto de nossos alunos (adolescentes e adultos trabalhadores), ou seja, a sua bagagem cultural, dentro de uma nova proposta pedagógica para o ensino formal.

(...) passagem gradativa da educação informal (com predominância) rumo à educação formal, onde os conteúdos selecionados e nascidos das experiências dos alunos, surgirão no momento oportuno. (Projeto Pedagógico: 02 e 04)

Essa premissa é dinamizada durante as aulas de alguns professores, dos quais pudemos conhecer melhor seu trabalho durante o período que estávamos na escola, mais especificamente na Biblioteca. Como vamos organizar o Banco de Textos dos Alunos, no semestre que vem, já tivemos contatos com algumas de suas produções, que revelam bem o trabalho desenvolvido.

Para se ter uma idéia, vou citar o exemplo de uma professora de português, que está trabalhando com os alunos as diferentes fases da vida (infância, adolescência, fase adulta). O trabalho foi iniciado com um texto que fala sobre a infância e narra histórias da infância (Cf.DC:159). Esse texto é lido, discutido com os alunos, até que eles cheguem a produção do seu próprio texto, com a história da sua infância. Percebe-se, então, o desenvolvimento de todo um processo para mostrar para o aluno que seu passado não é "tempo perdido", que as suas experiências de vida têm um valor muito grande. Apesar de não serem valorizadas pelo capital,

elas são de grande valia nessa escola, pois se constituem no caminho para se chegar ao saber sistematizado, sem que um negue o outro.

O "tempo perdido" não tem mais razão de ser, é agora "tempo vivido". E para ilustrar melhor o trabalho desenvolvido, transcrevo agora (na íntegra) um texto do Banco de Textos dos Alunos, cuja autora é aluna da 7ª série:

Da minha infância passada uma parte na fazenda e outra na cidade de Santa Gertrudes, pouco há a lembrar, além do trabalho .

Minha infância foi conturbada e um tanto mista, pois foi dividida entre cuidar de meus irmãos mais novos, escola e o trabalho na floricultura.

Enquanto cuidava de meus irmãos, ensinava-lhes, entre muitas molecagens, subir em árvore e comer frutas do pé, pescar de peneira, brincar de boneca, jogar bola, entre outras tantas brincadeiras.

Tenho um irmão que se chama José e quando pequeno era muito chorão, só que minha mãe não gostava de vê-lo chorar, pois era o xodó dela, por ser o único filho homem. Quando ele chorava minha mãe logo queria saber o que houve.

Certa vez, ele queria engolir um pedaço de cana, como não deixei, ele abriu o bocão. Minha mãe vendo-o chorar ficou muito brava comigo. Então eu disse:

- Se quiser engolir, engula.

E ele engoliu, se engasgando e pondo minha mãe desesperada Ela correu e conseguiu salvá-lo desta. Hoje quando lembramos disso, ele dá boas gargalhadas.

Já a minha irmã, Izildinha, tinha o apelido de Nega, era mais dócil e meiga. Não que com isso fosse um anjo de candura, aliás, estava longe disso. Era inteligente e aprendia tudo com incrível rapidez. Certa vez, ensinei-a a pular de cima do rancho onde meu pai guardava milho ela pulou e deu mal jeito no pé e ficou muitos dias sem poder andar. Enquanto não podia andar, eu aprendi a pentear seus cabelinhos compridos e fazia todos os dias um penteado novo.

Enquanto isso, minha irmã mais velha, cuidava da casa. Maria José, de apelido Fia, era quem cozinhava e nos chamava quando o almoço estava pronto.

E quando fomos a escola, ela era sempre a mais quieta enquanto eu era a mais sapeca. Portanto cabia a mim defendê-la quando alguém a maltratava.

Quando crescemos, ficamos confidentes uma da outra, só nos separamos quando ela foi para São Paulo morar com minha tia, onde estudou até o primeiro ano de Direito, antes de se casar.

Hoje, ela se casou e tem um filho, o Marcos Paulo de sete anos.

A Izildinha se casou e teve cinco filhos, a Eliane, o Diógenes, o Vitor Hugo, o Cristian e o Allan James, que é o mais lindo de todos.

O José, bem, ele continua solteiro, pois costuma dizer que não vai se casar enquanto mamãe for viva, para não ver ninguém falar mal dela.

Eu também me casei, e comecei trabalhando como telefonista, em Campinas onde moro até hoje.

De tudo e de todos os que passaram pela minha infância, e adolescência, a única coisa que me dá saudade às vezes, é a união e a cumplicidade que tínhamos um com o outro.

Ana - 7ª série - 1995.

Lindo não! Pois é, mas o trabalho não para aí, por isso vamos organizar com os professores o Banco de Texto dos Alunos, para que essas "jóias" possam ser lidas por outros alunos e trabalhadas, nos diversos aspectos que apresentam, pelos professores de outros componentes curriculares. Para tanto, é necessário registrar esse "tempo vivido", a memória desses alunos, como diz Heller:

El tiempo de la memoria es la más subjetiva de las experiencias interiores temporales. Lo que yo revivo, en efecto es irreversible; el recuerdo es simplemente um momento de esta irreversibilidad. (Heller, 1987:393)

Trabalhar a irreversibilidade do tempo de uma forma profícua, sem o fantasma da perda. Fantasma, aliás, presente na vida de todos nós que já internalizamos em nossas vidas "a moral do tempo" e que não conseguimos ficar sem as "batidas do relógio":

*... utiliza cada minuto como se fosse a coisa mais preciosa, e gasta-o totalmente no cumprimento do dever.
(Baxter in Thompson, 1991:73)*

Vivemos num clima de constante maratona, numa sociedade tecnologicamente avançada, e acabamos perdendo, muitas vezes, a sensibilidade para com os momentos passados, a memória, momentos esses que "se producen aquellos instantes cargados de contenido más largos que los años." (Heller, 1987:393)

Portanto, trabalhar o "tempo perdido" com os alunos, redimensioná-lo, vai exigir do coletivo dos professores e de todos nós, que

nos interessamos e participamos dessa realidade, uma postura de pesquisador (Fischer, 1992) e muita sensibilidade, além de:

... a capacidade generosa de estabelecer uma relação político-pedagógica amorosa com esse adulto-aprendiz, percebendo-o em toda a sua dimensão humana, como sujeito frente à vida que busca, na sobrevivência cotidiana, o respeito à sua dignidade de cidadão. (Fischer, 1992:72)

O Cotidiano

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã.
(Chico Buarque de Holanda - "Cotidiano")*

A vida cotidiana é a vida de todos nós. Todos vivem o seu cotidiano independente do seu lugar na divisão do trabalho intelectual e físico (Heller, 1992). O que vai diferir são as atividades que compõem o cotidiano de um e de outros, bem como o significado dessas atividades na vida de cada pessoa.

Como diz a música do Chico, a maioria dos trabalhadores brasileiros acordam "as 6:00 horas da manhã". Na sociedade em que vivemos, o trabalho ocupa um lugar dominante na hierarquia da vida cotidiana, e as demais formas de atividade agrupam-se em torno dele, numa gradação hierárquica (Heller, 1992).

Observando a Tabela nº 6 abaixo:

TABELA 6
HORAS DIÁRIAS DE TRABALHO

Horas Diárias	Nº de Alunos	%
Mais de 8 horas	27	45,76
Até 8 horas	22	37,28
Não responderam	10	16,94

Vemos que 45,76% dos alunos que responderam o questionário trabalham mais de oito horas por dia; e os 37,28% que estão entre aqueles que trabalham até oito horas por dia, na verdade não trabalham menos de seis horas. E aqueles que não responderam, não o fizeram por estarem desempregados, ou seja, o seu cotidiano está desestruturado, pois ele gira em torno do trabalho e, no momento, não há trabalho. A procura de emprego não é vista como um trabalho, porque não há venda da força de trabalho, mas apenas oferta. Mesma coisa as donas de casa, que não responderam, como não recebem um salário pelo que fazem, não consideram como trabalho, apesar da labuta ser intensa, sem direito a finais de semana, feriados ou férias.

Só o fato de trabalharmos oito horas por dia já demonstra que o trabalho é realmente o centro da nossa vida cotidiana. Se formos ver, passamos mais tempo trabalhando do que convivendo com a nossa família, por exemplo:

*Levanto às 6:00hs. Arrumo as coisas para minha filha ir para escola. Saio para o trabalho. Saindo do trabalho às 18:00hs, vou direto para a escola e saio da escola às 22:25hs. Chego na minha casa às 23:20hs., tomo um banho, como alguma coisa, converso alguns minutos com minha filha e vou dormir.
(Lena -5ª série- 33 anos)*

A própria divisão do tempo diário é estabelecida em função do trabalho:

É muito corrido. Levanto à 7:00hs. da manhã, tenho que tomar o ônibus direto ao serviço. Tenho que por o uniforme e descer para sessão. Então, das 8:30 até às 5 horas da tarde, com um hora e dez de almoço; quinze (minutos) de café cedo e quinze na parte da tarde. (Manoel -5ª série- 27 anos)

E segue um ritmo alucinante:

6:30 acordo, tomo café, vou para o trabalho. Entro à 7:00hs., cinco minutos de percurso a pé. Marco cartão, faço um relatório de tudo, começo alguns trabalhos, 12:00 às 13:00hs almoço, saio às 16:00hs; após isto continuo meu trabalho em casa fazendo o meu próprio negócio, até 17:30, tomo banho e venho para escola e estudo até 22:30. (Jorge -8ª série- 21 anos)

Se formos observar todas as descrições, veremos que a divisão do tempo é marcante, inclusive para quem trabalha em casa:

O meu dia de rotina tem o título certo: rotina. Estou desempregada, agora virei só dona de casa, é uma rotina sem fim. Levanto às 6 e aí começa: limpa, lava, passa, cozinha, suja, limpa de novo, uma loucura, até a hora de eu vir para a escola, às vezes não dá tempo de jantar. (Jandira -5ª série- 38 anos).

Segundo Heller, a aceleração do ritmo de tempo é uma tendência geral da história, desde o surgimento do capitalismo:

Desde la aparición del capitalismo el cambio del ritmo de la historia afecta cada vez más a toda la sociedad. (Heller, 1987:390)

E este ritmo foi calando dentro da gente, se enraizando nas nossas vidas, não sem resistência. O povo resistia, as classes trabalhadoras resistiram ao máximo:

Em alguns casos foram precisas várias gerações (como entre os oleiros), e temos as nossas dúvidas se ela alguma vez foi totalmente conseguida: os ritmos irregulares de trabalho perpetuaram-se até o século atual, especialmente em Londres e nos grandes portos. (Thompson, 1991:77)

No entanto, a propaganda foi intensa. Reafirmo, séculos de propagandas, pregações metodistas, ensino, controles, exigências, folhas de ponto, supervisores, multas, descontos, incentivos monetários, tudo isso foi colaborando na formação de novos hábitos de trabalho e na imposição de uma nova disciplina do tempo (Thompson, 1991). Agora todos sabem e vivem a idéia de que "tempo é dinheiro", ou melhor, vira dinheiro ao ser vendido juntamente com a força de trabalho. Isso me faz lembrar um emprego que tive ... Tinha dezessete anos, estava no trabalho e como já tivesse feito todo o serviço que haviam passado, comecei a estudar. Qual não foi meu espanto, quando o chefe me abordou dizendo que eu não podia estudar. Aleguei que o serviço estava em ordem e ele respondeu que eu ficasse sem fazer nada, porque aquele tempo era da empresa. Moral da história, eu havia sido expropriada do meu próprio tempo e, portanto, perdido o direito de usá-lo como quisesse. Aquelas oito horas diárias deveriam ser utilizadas de acordo com a conveniência da empresa.

Sinto uma identificação muito grande com os alunos do Supletivo, trabalham durante o dia num ritmo desgastante para garantirem a sobrevivência cotidiana, e, ainda acham forças, motivadas por cobranças pessoais ou externas, para virem à escola, buscando o credencialismo e também algo mais ...

Acontece, às vezes, que o aluno acaba levando o ritmo do trabalho para a escola. Isto pode não gerar problemas quando a escola segue o mesmo ritmo da fábrica:

Há uma outra instituição externa à fábrica cujo auxílio teria de ser pedido para se inculcar a noção de "economia do tempo" - a escola. (Thompson, 1991:70).

No entanto, quando os professores desenvolvem um trabalho diferente, o aluno muitas vezes passa a ser o principal contestador, contesta esse novo ritmo que quebra o da sua cotidianidade. Foi o que aconteceu com uma professora do Curso Supletivo, que um dia foi surpreendida por um aluno:

Ele perguntava toda hora se eu não ia dar gramática, cobrava insistentemente. Eu disse para ele: Calma, você não está na fábrica, aqui é a escola, pare com esse ritmo acelerado que não é o meu ritmo. (DC: 160)

Essa professora desenvolve um trabalho de produção de textos com esses alunos, de uma forma gradual, procurando cada vez mais instigar sua criatividade e imaginação. E, embora na produção de textos a gramática seja trabalhada de forma indireta, sem imposições, num ritmo diferente; o aluno queria mais e mais rápido, talvez quisesse a lousa cheia, o caderno cheio, pouca conversa, mais exercício, regras, assim as coisas se assemelhariam mais à sua rotina, seu ritmo, e lhe passaria a sensação de estar aprendendo mais (produzindo mais). O medo de não estar empregando bem seu tempo, já tão escasso.

Trabalhar e estudar, eis a questão, o cotidiano desses alunos. Depois de no mínimo oito horas de trabalho e, em vez de descanso, alimentação, convívio familiar (Esaú, 1989) - escola:

Trabalho e escola se interligam de tal modo na vida desses meninos que é, por assim dizer, impossível falar de um sem

lembrar do outro, não porque se completam, mas porque constituem o cotidiano sofrido. (Carvalho,1989:87)

Mas e o descanso? O prazer, o lazer?

*Toda noite ela diz prá eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta até eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor.
(Chico Buarque - "Cotidiano")*

O descanso, o prazer, o lazer têm seus limites fixados pelo trabalho e, portanto, complementam este processo. As horas vagas, os finais de semana são, segundo Heller, momentos liberados para recuperar as energias, para produzir mais:

El ritmo de vida regulado y el descanso no son sinónimos de tensión y relajamiento. Estas dos categorias se refieren a la obrigatoriedad del trabajo alienado y al placer de estar liberados de él. (Heller,1987:391)

"Tempo, tempo para si, sem mais, apenas tempo" (Esaú,1989:405). Podemos observar na Tabela 3 a seguir, uma amostra das atividades que povoam as "horas livres" de nossos alunos, um tempo fixado e limitado, mas seu:

TABELA 3
HORAS VAGAS

ATIVIDADES	%
- LEITURA	18,08
- TV	13,82
- MÚSICA	13,82
- IGREJA/ORACÃO	3,19
- PRÁTICA DE ESPORTES/ JOGOS	10,63
- PASSEIO	12,76
- CONVIVÊNCIA C/ FAMÍLIA E AMIGOS	12,76
- NAMORO	4,2
- DESCANSO	4,25
- OUTROS	5,31
- NÃO TÊM HORAS VAGAS	1,06

* Totalizando 94 respostas dadas pelos 59 alunos da amostra.

Percebemos que a convivência familiar, social, é importante para esses alunos, pois o cotidiano de trabalho não lhes permite isso:

Minhas horas vagas são poucas, mas sempre procuro passar com minha família para compensar a ausência que temos um do outro. Passeamos sempre juntos, discutimos os acontecimentos semanais, etc. (Fernanda -8ª série- 34 anos)

Algo que pode ser considerado improdutivo, mas que tem um grande significado para as pessoas. Resguardar ao menos um tempo para o relacionamento humano, para o convívio, um passeio, a leitura do "Jornal de Domingo", praticar esportes:

... o modo de preencher os interstícios dos seus dias com relações pessoais e sociais mais ricas, mais repousantes; o modo de quebrar uma vez mais as barreiras entre o trabalho e a vida pessoal. (Thompson, 1991:82)

Mas, de repente, ouve-se a música da abertura do "Fantástico" que, como sirene de fábrica, avisa que o "tempo livre" acabou, que agora é hora de "começar de novo":

Levanto às 5:30hs., vou para o ponto de ônibus. Tomo o ônibus da firma 5:05hs.. Chego às 6:10hs. da tarde, tomo banho, como um pouco e venho ao supletivo. (Raul -5ª série- 37 anos)

Contudo, é hora de "vislumbrar a aurora". Apesar do tempo não parar, escorrer pelo vão dos dedos, irreversível e soberano. Apesar de vivermos imersos na loucura do dia-a-dia, há resistências, sempre há e são elas que fazem a gente não enlouquecer e continuar, estamos resistindo. Como diz o poeta:

*Flui a vida como água,
como água se renova.
Se a vida me foge, afago-a
em cada esperança nova.
(Drummond - "Flui a Vida")*

Sim, cada esperança nova é uma forma de resistir à massificação imposta pelo dia-a-dia. Resistência como a da professora, citada em exemplo anterior, que não aceitou na escola o ritmo incessante da fábrica. Resistência como canta o Chico na voz de todos nós:

*Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer "não"
Depois penso na vida prá levar
E me calo com a boca de feijão.
(Chico Buarque - "Cotidiano")*

Resistência como a de todos nós, que procuramos no nosso cotidiano renovar a "água da vida", porque apesar da disciplina do tempo ser imposta:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. (Heller, 1992:17)

Apesar de não termos tempo, muitas vezes, para vivermos os aspectos da nossa cotidianidade, em toda sua intensidade (Heller, 1992), buscamos caminhos para que isso aconteça.

A questão do "tempo para leitura" foi vista por nós durante a pesquisa: livros renovados, atrasados, livros com histórias curtas; formas que os alunos encontraram para "existir como pessoa e leitor" (Lopes Silva, 1984:83), apesar das amarras. Como um aluno do Supletivo que, por não ter tempo para ler, mas não querendo deixar de fazê-lo, arrumou o seu jeito, resistiu de alguma forma:

*Hoje veio um aluno aqui, da 7ª C. Ele vem sempre a Biblioteca, gosta de conversar e adora ler poesias (já leu praticamente todos os livros de poesia da "Biblio"), porque a poesia é uma das poucas leituras que se encaixa dentro da sua disponibilidade de tempo.
O seu trabalho lhe impõe um horário maluco, que o obriga a entrar na aula todos os dias às 20:10Hs.. Se não fosse o Projeto Evasão, que propõe uma compensação de ausências, esse aluno provavelmente teria que deixar a escola pela segunda vez. (DC: 158)*

Assim:

*Criam e recriam formas de resistência. Reinventam na educação solta pelo mundo suas práticas de vida e trabalho (...)
Aprendem e transmitem suas experiências de vida e amor,*

independentemente de outras classes, transmitindo ainda restos de uma cultura resistida. (Haddad, 1985:35)

O Capitalismo cria uma estrutura cotidiana tão massacrante, que impede que muitas pessoas, entre elas o aluno-trabalhador, existam "literariamente" e não apenas "funcionalmente". Mesmo assim, elas resistem, à sua maneira. Desde o início, já resistiam:

Simple resistência passiva para começar. Porém, na fase seguinte, quando a nova disciplina dos horários começou a ser imposta, os trabalhadores começaram a lutar, não contra o tempo, mas acerca dele. (Thompson, 1991:71)

E esta luta acerca do tempo, pela redução de horários no trabalho, perdura até hoje. Reafirmando o que foi dito no capítulo anterior e segundo Lettieri, a jornada única de trabalho de seis horas é uma prática eminentemente atual e mostra uma nova visão do trabalho e da disciplina do tempo. Do mesmo modo que o capitalismo impôs hábitos de trabalho, podem surgir outros e com eles uma nova disciplina do tempo:

A redução da jornada de trabalho a seis horas implica por si mesma uma relação diferente entre tempo de trabalho e trabalho livre, entre trabalho prático e trabalho intelectual. (...) Isso implica numa abertura recíproca dessas duas instituições que o sistema capitalista busca manter separadas. (Lettieri, 1980:208)

Pode parecer utopia, sonho, mas lembremos que o sonho também é uma forma de resistência, pois ele é antagônico a realidade que se vive, uma realidade almejada, e, só é possível se atrelada a ela. Se em alguns países essa idéia já foi concretizada, foi através da luta de todo um coletivo que um dia sonhou ...

Todo sonho alimenta a história e a vitória do povo ao chegar. É no cotidiano que os sonhos se concretizam, tomam forma:

Meu sonho é de conseguir uma vida que não preciso de sacrifícios muito. É ter uma vida mais facilitada, mesmo de trabalho, um trabalho mais leve, menos correria. (Gilmar -5ª série- 21 anos)

Nunca me esquecerei desse acontecimento, na vida de

*minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que
no meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra
no meio do caminho. No meio do caminho tinha uma pedra.
(Drummond)*

Enquanto existirem pedras no meio do caminho haverá resistência, haverá sonhos, haverá lutas, esforço coletivo para que sejam removidas. Agora, quando passarmos pelo caminho e não virmos as pedras, ou é porque já conseguimos removê-las; ou, então, já nos acostumamos a elas e não nos incomodam mais ...

*O tempo era bom? Não era.
O tempo é, para sempre.
A hera da antiga era
roreja incansavelmente.
(Drummond - "Duração")*

Leitor, "há uma pedra no meio do meu caminho" - o tempo. O tempo que "roreja incansavelmente". Gostaria de falar mais, de refletir mais, mas:

*A máquina do tempo nos tritura ...
(Drummond)*

O nosso material, as experiências que vivenciamos, o trabalho que desenvolvemos, as pessoas com as quais convivemos, tudo tem uma riqueza muito grande, daria para "fazer uma tese"

Mas no meio do caminho das pesquisadoras tem uma pedra. Aliás uma pedra constante durante todo o percurso da nossa pesquisa participante. Lembro da nossa correria: sair rápido do serviço, para dar tempo de jantar, e ir para o Supletivo e lá trabalhar, conviver com pessoas que partilham a mesma "pedra", nossos cúmplices ... Hoje também, o incessante "passar das horas" incomoda, angústia, cobra, lembra os prazos. Espero que a continuação desse trabalho iniciado possa suprir nossas falhas e que a gente possa continuar convivendo, lutando e sonhando junto com os alunos, professores, direção e funcionários do supletivo. Agora ...

*Um minuto não mais, que o tempo cansa ...
mais um minuto só e chega a tarde.
(Drummond - "A distribuição do tempo")*

ANEXOS

DOE LIVROS !!!

**Estamos ajudando o
"2º CENTRO SUPLETIVO MUNICIPAL"
no desenvolvimento do seu
"PROJETO BIBLIOTECA"**

**Contamos com sua colaboração na doação
de livros de histórias (ficção, romance,
aventura, contos, poemas,
crônicas, gibis, etc.)**

**Precisamos da sua ajuda neste processo
de dinamização da leitura.**

Obrigada,

Célias (4ª. Ano - Noturno).

Obs: entregar na Coordenação de Pedagogia.

2º CENTRO SUPLETIVO MUNICIPAL

Estamos passando este *questionário* para conhecer melhor cada um de vocês, a fim de que num futuro bem próximo a *biblioteca* da escola possa atender bem às suas necessidades escolares, bem como suas necessidades de lazer e diversão.

Não escrevam o nome no questionário, não estamos preocupadas em saber quem escreveu, mas o que escreveu e o que pensa.

Por favor, não deixem de responder a nenhuma pergunta, qualquer dúvida, perguntem!

Obrigada!

1) Como é o seu dia-a-dia? Faça uma breve descrição de como é um dia da sua rotina.

2) Nessa vida, mesmo na correria do dia-a-dia, todo mundo alimenta vários sonhos. Quais são seus sonhos? _____

3) Por que você resolveu voltar a estudar? Por que escolheu o supletivo?

4) O que você costuma fazer nas horas vagas?

5) No seu trabalho, no seu dia-a-dia, quais são as situações de leitura que mais aparecem? Por exemplo: em casa, na fábrica, no hospital; ou em outros locais como na igreja ou num passeio.

6) QUE TIPO DE LEITURA VOCÊ MAIS GOSTA? POR QUÊ?

Por exemplo: Você gosta de livros de amor, ou livros que tenham histórias de sexo, livros que tenham histórias de tramas policiais, livros de violência, livros de terror, etc. Você não gosta de livros e prefere outro tipo de leitura. Você não gosta de ler.

7) Você já conhece a biblioteca da escola? Como ficou conhecendo?

8) Escreva o nome de um livro (ou autor) que você leu, ou gostaria de ler, e deseja recomendar para nossa biblioteca.

ALGUNS DADOS ...

9) - Idade: _____

- Sexo: _____

- Profissão: _____

- Número de horas diárias de trabalho: _____

- Bairro que você mora: _____

ENTREVISTA GRAVADA REALIZADA NO DIA 30.11.94 COM 03 ALUNOS DA 5ª SÉRIE DO 2º CENTRO SUPLETIVO MUNICIPAL.

TRANSCRIÇÃO

CM: A gente também não era muito de conseguir fazer recadinho, a gente foi aprendendo com o tempo, não é Célia?

ALUNA S: É?

CM: É. A gente faz uma comparação dos nossos bilhetes de quando a gente começou a fazer o curso. Eu acho que hoje a gente é muito mais coerente quando a gente escreve, a gente tem que se dá.

ALUNA S: Tem que ler e escrever ...

CM: É. Você tem que se colocar quando você escreve. Isso que é o interessante.

ALUNA S: Por isso que eu voltei a estudar ... Eu não consigo assim falar ... na cabeça. Para falar assim você pode falar bastante, mas por no papel já é um documento, já é uma, né ... Por isso que eu voltei a estudar, porque eu não consigo ... eu escrevia bilhetes para minha filha quando eu ia trabalhar, tudo diretinho assim, sem vírgula, sem acento (rindo)

CM: A gente tem muito medo de escrever, né!

ALUNA S: É, muito medo!

CM: Até hoje a gente tem né. Aquele medão! Eu vejo a gente na escola. Eu tenho muito medo, a Célia também.

ALUNA S: Curso de bibliotecária?

CM: Não. A gente faz pedagogia, a gente está em educação, mas a gente tem medo de escrever.

CR: Principalmente quando alguém vai ler o que a gente escreve, aí a coisa muda de figura. Porque você fica preocupado. O que a pessoa vai achar de você na hora? A nossa preocupação com o questionário foi isso: que vocês ficassem preocupados com o que a gente fosse pensar de vocês. Por isso que a gente falou que era para responder com sinceridade, que a gente queria conhecer vocês mesmos. E dentro desse conhecimento, a gente já ficou sabendo tal, um pouquinho dos sonhos de vocês. Todo mundo tem um dia super-corrido. A gente tava lendo lá, é uma correria e tanto.

Eu queria saber: vocês voltaram a estudar. Qual foi o motivo assim que levou vocês...porque todo mundo tem uma história para contar do porquê parou de estudar também. Tem o motivo da volta né: voltei a estudar porque eu quero melhorar no emprego; ou porque eu resolvi que sem estudo não dava para ficar, tal; ou para ajudar meus filhos tal. Mas todo mundo também teve um motivo do porquê parou de estudar, né! Vocês não queriam falar um pouquinho?

ALUNA S: É porque não tive oportunidade na época, né! Por caso que eu perdi meu pai muito cedo, minha mãe tinha 03 filhos, então, a gente teve que ir trabalhar e aí eu deixei os estudos de lado. E também não tinha aquela cobrança da mãe não: se trabalhar de dia e estudar de noite, sabe!?! Não tinha aquela

cobrança que eu tenho hoje com a minha filha, por exemplo. Hoje eu sei cobrar mais elas, né. Porque minha mãe não incentivou a gente né, fala: - Não, tem que trabalhar sim, mas tem que estudar também né! Então eu não tive, não tive oportunidade também. O que aconteceu? Eu comecei a ficar muito atrasada, sem poder ajudar elas (as filhas) na escola, não tinha nem como, porque eu não sabia, não entendia nada. E talvez ... o que pouquinho, no início, eu conseguia ensinar, elas tinham um método de fazer, principalmente conta: aumenta de um lado, empresta de um lado, tira de baixo, sabe? Não consegui. Então tem que deixar elas fazer do jeito delas, porque aí eu atrapalhava, inclusive elas, né. E por outro lado também, pelo meu serviço, que eu tive um espaço maior, né.

CR: Trabalha aonde?

ALUNA S: Trabalho na EMDEC. E eu tive uma oportunidade muito boa, passei para auxiliar de escritório, então...mas eu fiquei com vontade de estudar para gente ficar assim mais informada, né! Mexer com outras coisas e também aprender a escrever bem o português...melhor um pouquinho né, as coisas.

Porque, que nem esse semestre, a gente faz prova de matemática e a minha filha da 5ª série fez também - fatoração, né! E, inclusive, caiu fazer uma fatoração de 45, e eu acertei e minha filha errou. Deu para eu cobrar dela (risos). Porque eu chego lá (a casa) à noite. Às vezes quando tem algum recado, ela resolve esperar, quando entro no banho ela fica lá fora conversando comigo até eu tomar banho. Daí ela pega (*não dá para entender - trecho não transcrito*) ... mas você errou Priscila ... "-Ah mãe, não consegui, eu errei. - Ah, a mãe acertou!" Agora eu posso falar para ela o porquê que ela errou, porque agora eu tô entendendo, eu sei. Agora, olha você, se eu não tivesse voltado ela ia...ela errou e eu não tinha como mostrar para ela onde tava errado, nem ... porque apesar que a gente fica meio nervosa né (referindo-se a prova), né, o prazo é curto, você tem que fazer tudo (*não dá para entender - trecho não transcrito*).

CR: E prova é uma situação muito estressante, né!?

ALUNA S: Mas é bom voltar a estudar. Eu gostei demais da atenção dos professores daqui. Inclusive eu já havia falado, que se tivesse escola municipal, da prefeitura, perto da minha casa... minha filha, eu tirava da rede estadual e ponia na municipal, eu acho mais boa. Ah! Eu gosto, tenho amiga que tem lá no Bandeira II, filho na municipal, ela fala bem demais, eles aprende coisa mais assim do que a do governo. Eu acho que a do governo tá muito desgastante, mas o que nós pode oferecer para elas é isso.

CR: Todos sempre estudamos em escola do governo.

CM: Nós estudamos em escola do governo.

ALUNA S: A minha de 14 anos vai fazer agora vestibulinho, 6ª feira, aqui no CEFAM, para ir pro 1º colegial, mas ela, graças a Deus, aprende assim um pouquinho melhor do que a pequeninha, ela capta bem melhor do que a pequeninha. Então, ela não precisa tanto da gente, a pequeninha precisa.

CR: Ah! Porque a criança pequena precisa.

ALUNA S: Ah! Pequenininha para mim né, porque ela tem 12 anos! (risos)

CM: Mãe é mãe, né!

Dirigindo-se a outra.

CR: Você também é casada?

ALUNA X: Não.

CR: Tem namoradinho. Você é solteirinha

ALUNA X: Desimpedida.

CR: Livre e desimpedida?

ALUNA X: Vou dá um tempo de namorado agora.

CR: Se você diz isso é porque já teve um (risos).

ALUNA X: É, já tive.

CR: Você acha que atrapalha o estudo?

ALUNA X: Não, é só saber levar.

CR: Tem gente que fala que atrapalha.

ALUNA X: Atrapalha não.

ALUNA S: Tem que saber dividir né, o serviço, a casa, a escola.

CR: Você parou assim, por quê?

ALUNA X: De estuda?

CR: É.

ALUNA X: Porque aonde eu morava só fazia até a 4ª série. E, tinha da 5ª a 8ª, mas em outra cidade, né, a gente não tinha condições.

CR: Que cidade você morava?

ALUNA X: São José do Rio Pardo. A gente não tinha condições da onde a gente morava para chegar lá pra estudar. Aí depois eu vim pra cá e fiquei uns tempos sem estudar.

CR: Você saiu de lá pra cá por que tinha parente por aqui?

ALUNA X: Tinha parente aqui.

CR: Resolveram vir para uma cidade maior.

ALUNA X: É, porque lá a cidade era muito pequena e as coisas tava muito difícil lá e a gente resolveu ... Meu irmão morava aqui, né, eu tinha terreno, tudo, então a gente resolveu vir pra cá. Eu fiquei um bom tempo, trabalhei, mas pra falar a verdade não me deu vontade de estudar, não me deu vontade de voltar a estudar, não meu deu vontade de estudar. Foi passando o tempo e eu, sei lá, vi minhas irmãs né, começar a estudar, sei lá, me deu vontade de estudar. Me deu uma vontade, assim.

CR: E agora você tá contente, né? Porque partiu de você.

CM: Você tá gostando?

ALUNA X: Tô.

CR: Tem saudades de São José? Olhe, lá é uma cidade bonita, né?

ALUNA X: Mais ou menos, eu não gostava muito de lá não.

(RISOS)

CM: Não? Por quê?

AX: Lá é bonito, é pequeno, mas eu não gostava muito de lá não.

CR: Prefere mais a agitação daqui.

AX: Prefiro mais a agitação (risos)

AS: Essa agitação tem hora que cansa, né!?

CR: Tem hora que cansa, mas tem hora que é bom também.

AX: É bom.

CR: E você? Você também ...

AF: Eu? Porque eu voltei a estudar ou porque eu parei, sei lá.

CR/CM: Por que você parou?

AF: Eu parei pelo mesmo caso das duas, porque eu morava no norte, lá né.

CR: Ah, você é do nordeste?

AF: Pernambuco.

CM: Pernambuco! A terra do meu pai.

AF: É. Aí o meu pai morreu em 86, 87 ... Bom, antes ele era vivo e nós morava no sítio, nós morava longe da escola, andava mais ou menos umas 2 léguas pra a escola. Estudei até a 4ª série também, né, há 12 anos atrás. Aí depois que ele morreu não teve condições, né, aí nós mudamos pra cidade.

CR: Vieram pra cá, pra São Paulo?

AF: Não, na cidade lá no Recife.

CM/CR: Ah!

AF: Em Olinda. Depois eu vim pra cá.

CR: Você veio porque tinha alguém aqui já ou você veio ...?

AF: Meu tio mora aqui. Vim pra cá e comecei a trabalhar na BENDIX ...

(Interrupção: a inspetora de alunos entrou para entregar um livro ...)

AF: Aí eu peguei, trabalhei aqui na Bendix, aí a Bendix me mandou embora. Aí eu entrei numa firminha aqui, na TORMEP, no Parque Industrial; e aí tive que estudar né, tinha que fazer pelo menos até a 8ª série, porque senão não pega o R96 lá.

CR: Que é um encargo?

AF: É. Aí tive que voltar a estudar. Agora esse ano parece que vai ter supletivo lá.

CR: Na Tormep?

AF: É. Você conhece lá?

CR: É, eu tive alguns amigos que já trabalharam lá.

AF: Só que eu saí de lá. Eu saí de lá hoje.

CR/CM/AX/AS: Ah é?!!!

AF: O dia todo. Porque eu tô voltando aqui pra Bendix.

CM: Ah, você tá voltando? AX: Ah!

CR: É, a gente deve sempre procurar melhorar. Se vai melhorar a sua situação aqui, né.

AF: Aí eu fiz acordo, vou acertar amanhã.

CR: Ahn! Você tá gostando do supletivo? Tá gostando?

AF: Eu tô gostando, só que é muito puxado né.

CM: É, você trabalha ...

CR: Mas você sabe que esse daqui é um dos ...

CR/CM: ... melhores supletivos!?

AS: É um curso assim , rápido né!?

AF: As aulas também é muito rápida, né. Eu acho que fosse melhor se estudasse 1 ano, né, você aprenderia mais né ...

CR: Mas você sabe ... Qual é seu nome mesmo?

AF: Francisco.

CR: Francisco, que a nível de qualidade esse supletivo dá de 10 em muitas escolas regulares, em muitas escolas noturnas regulares que têm: 1 ano 5^a, 1 ano 6^a, 1 ano 7^a e 1 ano 8^a; às vezes não pega a bagagem que vocês pegam aqui! As idéias, os debates que os professores fazem, todo o conteúdo que eles passam, sabe? Às vezes não pega ...

CM: Tem professores muito bons.

CR: Tem escola que deixa muito a desejar.

AX: É verdade. Uma tia que estudou aqui disse que gostou demais também.

AS: Tem sim, é muito bom aqui.

CM: Você tem uma tia que estudou aqui? Foi ela que indicou a escola?

AX: Foi.

CM: Foi? Através dela?

AX: Foi.

CR: Gente, vamos fala um pouquinho de sonho. O que vocês acham do sonho? Porque eu vi o sonho ... a gente andou dando uma lidinha no questionário, o sonho de vocês tá muito ... tá bem atrelado à realidade, sabe. Muitos puseram o sonho da casa própria, o sonho de ter uma vida melhor pra ele, pros filhos; de melhora de vida, de terminar os estudos, né. Então, eu queria que vocês aprofundassem mais isso, né, porque lá a gente pediu um sonho para vocês escreverem, tal. O que que vocês acham do sonho? O que que é o sonho prá vocês? É uma coisa inatingível? É uma coisa que se pode alcançar?

CM: Que a gente pode batalhar?

AX: É, é uma coisa que pode batalhar e que pode vencer também, né! Geralmente as pessoas sonham, né, ... pra... geralmente... porque você quer saber se vai dar certo, né!

(Todos ficaram ansiosos e pensativos para falarem sobre seus sonhos, percebe-se as interrupções frequentes)

CR: É, ah ... na verdade acho que tem...tem um tipo de sonho que é aquele que a gente sonha de olho fechado, dormindo, né. Normalmente, esse sonho é super-confuso.

AX: Ah, credo ... esse sonho aí eu já num ... né, esse sonho não vale.

CR: Por que não vale?

AX: Porque dá muita canseira ... quando o pessoal tá muito cansado, começa.
(risos)

AS: Só ao poder de vela

AX: Não gosto não.

CM: Todo mundo gosta de ter sonhos e querer contar.

AF: E às vezes acontece, né, você sonha com uma coisa, acontece, né.

CR: É?
AF: Você sonha às vezes ... às vezes acontece né.
CM: E tá acontecendo com você o que você sonhou?
AS: Ah ... eu queria ter um pouquinho mais de ...
AX: Ah ... às vezes eu, eu mesmo ...
AF: Bom.
AX: Eu mesmo, eu mesmo tive vários sonhos que deu certo.
AF: Bom, uma vez aconteceu ...
AX: Na realidade?
AF: Eu sonhei e aconteceu o que eu sonhei no sonho, aconteceu tudo o que eu sonhei.
CR: Hum! Assim que é bom, principalmente se o sonho for bom.
AX: Num duvido não. Acredito, porque ...
CR: É, porque quando a gente sonha é tão ... não sei, pelo menos nos meus, eu tô falando... é super-confuso os meus sonhos. Tipo assim: você tá num lugar que você nunca viu, de repente você tá num outro lugar, de repente você tá com uma pessoa, de repente você tá com outra.
CM: Pessoas que você nunca viu, não reconhece.
CR: É ... como não deve ser isso né!? Agora, quando a gente sonha acordado (risos) que a gente ...
CM: Aquilo que a gente deseja né?
CR: É, que não ...que não é aquela coisa inconsciente, né, que é ... que você deita, dorme, aí você vai entrando em órbita (risos) E a cabeça vai indo, vai indo...
CM: É o que você quer lutar, que você quer batalhar, que você quer ter. Sabe aquela coisa assim...da conquista? Não ...
AS: Troca um carro.
CM: Eu consegui tanto o que eu queria. É trocar um carro, conseguir uma casa, consegui tá ser mais feliz, né.
(Toca o sinal do término da 1ª aula e início da 2ª)
CR: Hum .. hum.
AS: Toda mulher tem... principalmente uma casa terminadinha. Ai (esse "Ai" da aluna dava a impressão que ela estava visualizando a sua casa pronta, do jeito que ela queria). Mas custa tanto terminar.
CR: Ai.. a minha também parece ...
AX: É, as coisas são assim mesmo, nem tudo cai do céu.
AF: Tudo tá caro, né (barulho). Quem pode construir a dele, né ...
CR: E você. Não perguntei Francisco, você é solteiro ou é casado?
AF: Casado.
CR: Ah.. Ela falou da filha, já imaginei...
AS: É.
CM: Falou que é solteira, que é casada
CR: Tem filhos?
AF: Tenho.
CR: Quantos?
AF: Uma menininha.

CM: Uma menina, quantos anos?

AF: 1 ano e 8 meses.

CM: Ah, é novinha.

CR: Novinha. Sua mulher estuda também?

AF: Não, ela não estuda, porque a casa não pode ficar sozinha, né. Ela fez...parou na 5ª série, ela tem que volta, quando eu acaba a 8ª ela vai voltar pra estudar.

CM: Ah, isso é legal.

CR: bom.

AF: Aí eu fico com a menina, aí ela vem estuda né.

CR: Isso prova que você não é machista.

AX: Marido democrático. (risos)

(Interrupção: A inspetora de alunos abre a porta novamente, mas rapidamente a fecha)

CR: Eu queria perguntar ... você.... Algum de vocês aqui já leu algum livro?

AF: De Geografia?

CR: Algum ... Algum livro assim, vamos supor...um livro de história. que tenha alguma história, vamos supor este que está aqui (pega o livro que está sobre a mesa e mostra) - Clarissa-Érico Veríssimo... não esse (risos). Algum livro que conte uma história, ou livro de poemas.

AS: Eu nunca li não sabe. Nunca li...Inclusive, meus filhos estão com alguns, que vieram do Círculo do Livro, me oferece todo dia (risos) sabe. Amigo meu...não li não, nunca... Assim, encomendo... um dinheiro também pra deixar, pra comprar...Pra falar a verdade eu nunca peguei a lê. E lê é muito bom, porque através da leitura que você sabe escrever, né. Através da leitura que você consegue escrever.

CR: Você já leu?

AX: Não, eu não conheço nenhum. Eu não sou muito chegada a lê também. O que eu gosto mais de lê é a Bíblia.

CM: Você gosta de lê a Bíblia?

CR: Olha, nós arrumamos um Novo Testamento aqui.

(risos - pega o livrinho que estava sobre a mesa)

CR: Se vocês quiserem emprestar (risos). E você?

AF: Eu também gosto de lê a Bíblia, bastante.

CR: É!

CM: Você gosta?

AF: Gosto.

CR: E aí? Vocês não sentem dificuldade pra lê, vamos supor, quando lêem a Bíblia!?

AX: Sinto, ô!!!

AF: Eu tenho mais dificuldade na hora de escreve.

CM: Prá escreve?

AF: É, prá escreve eu sinto mais dificuldade.

CR: Vocês sentem facilidade para entender a Bíblia?

AF: Não.

CR: Porque ela é em si ... Eu leio também. Ela é um livro muito complicado, na minha opinião, prá entender.

AX: É complicado, é complicado sim.

CR: Por quê? Porque é um livro que foi escrito há muitos anos atrás, quando as gírias que eles usavam não eram as nossas gírias. Então não prá entender ...

CM: Tem parábolas né, tem passagens. Vocês fazem esse tipo de viagem?

AF: Bom, quem é pastor né ... Que tipo de viagem você fala?

CM: Assim, às vezes você tem uma passagem na Bíblia, uma leitura que fala de um, de uma certa pessoa, de um certo lugar, né. Vocês conseguem imaginar este lugar? Como se vocês tivessem uma história na cabeça, como se vocês assistissem um filme, mas você cria na sua cabeça, as pessoas, o lugar...

AF: Bom, porque a Bíblia, ela que...ela que ... se nós é...continuar a lê a Bíblia, ela que dá sabedoria prá nós. Ela dá entendimento, quando você lê a Bíblia Deus fala com você. Tudo é...se você teve fé, né. A Bíblia tudo é pela fé, né. Se você teve fé.

AX: É porque cada pessoa tem a sua interpretação, né. Você pode ver, cada religião fala uma coisa. A Bíblia é uma só, né.

CR: Então, então, ela é um livro super importante. É aí que eu acho a magia dela. Várias pessoas, às vezes numa frase dela, falam coisas completamente diferentes (risos)

AX: Porque cada um entende de um jeito.

CR/CM: Entende de um jeito.

CR: E ela não tem assim, acho que uma interpretação universal.

CM: Cada um entende de um jeito também né, e as religiões mostram isso.

CR: Agora, a nível de imaginação assim...porque, eu não sei, quando eu leio um livro, vamos supor...hum, mesma coisa...ela pensou em ver a casa dela acabada, você não imagina, mais ou menos, como é que você quer que ela fique?

AS: Imagino.

CR: Ah, sei lá, com aquela porta envernizada. Sabe, você tá imaginando, é, curtindo.

AS: Daquele jeito.

CR: É, você chega até a imaginar! Você vê na sua cabeça como é que é, não é?

AS: Vejo.

CR: Então, o que ela falou foi tipo assim, você pega uma passagem da Bíblia tipo, Cristo quando ele ...

AF: Ressuscitou.

CR: Não, manja quando ele quis, quando queriam apedrejar...

CM: Madalena.

CR: Não era Madalena, era uma prostituta...

AF: Jesebel?

CR: Não lembro o nome dela. Queriam apedrejar e ele falou: "Quem tiver pecado atire a 1ª pedra.

CM: Madalena.

AX: Madalena, não é?

AF: Madalena.

CR: O evangelista não fala o nome dela.

CM: Então, você não imagina essa cena quando você lê esta passagem? Você não imagina Cristo, né. A gente tem uma imagem de Cristo na ... É esse tipo de viagem que eu tava falando, né, pra vocês pensá melhor. Vocês não imaginam, assim, a cena na cabeça de vocês? Uma mulher sendo apedrejada, um homem assim na figura de Cristo, vocês não imaginam quando vocês lêem?

CR: Porque na imaginação da gente, cada um tem o seu Cristo, certo.

AX: A Bíblia é assim... Justamente, tudo que tá na Bíblia tá acontecendo realmente hoje, de verdade.

AF: Tá acontecendo aqui na face da terra.

AX: A gente vai, a gente vai lendo, já vai ... o que atrapalha a gente quando a gente vai lendo né e já vai vendo: "Nossa, meu Deus, o que está escrito aqui realmente tá acontecendo mesmo.

AF: Tá acontecendo. Então, aí Deus fala que passarão... Você falou que as palavras, é, foi de tempos antigos, mas a palavra de Deus é assim: "Passarão a terra e o mar mas as palavra de Deus nunca há de passar." Sempre é nova, né!

CR: Ah, sim claro.

CM: É verdade.

CR: Eu concordo, por isso que eu falo que até hoje ela é um livro lido, sei lá, daqui uns anos, daqui uns 100 anos pode ser que não leiam mais Agatha Christie e a Bíblia vai continuar sendo lida; daqui ha 1000 anos isto aqui já ... (um livro que estava sobre a mesa) mas a Bíblia vai continuar sendo lida. Cert? Só que aí, o entendimento que eu quis dizer foi o seguinte: é... cada um entende de um jeito, vamos supor; nos tempos de hoje a gente fala assim - "Ah, o Francisco entrou pelo cano." - uma expressão, uma gíria. Daqui há 500 anos, vamos supor que eu escrevi isso - "O Francisco entrou pelo cano"- vão falar assim: "Meu Deus, as pessoas entravam pelo cano naquela época. Em 1994, as pessoas entravam pelo cano, inclusive o Francisco entrou pelo cano. Outros dizem, "a vaca foi pro brejo", todas essas expressões que a gente usa. A Bíblia deve ter expressões desse tipo que às vezes a gente ... Que eles usavam... Eu não sei, é uma maneira que eu tenho de ver também, porque eu também tenho a minha religião, tudo né, mas pode ser que ela (Bíblia) tenha expressões que às vezes a gente leva ao pé da letra.

CM: E não é aquilo que a gente pensa.

CR: E ele está querendo passar uma mensagem prá gente. Não é bem aquilo que está exatamente escrito, mas é uma mensagem que ele está querendo passar - como "entrar pelo cano". Uma forma de falar, entendeu!

CM: Agora, assim é ... Vocês gostam de ler a Bíblia, né? Livros, assim, vocês leram pouco. Que outro tipo de leitura: revista, jornal ...

AX: Jornal também, de vez em quando eu gosto de ler.

CM: Você gosta de ler! O que você gosta de ler no jornal?

(risos)

CM: Esporte, violência...?

AX: Violência, eu gosto de vê, gosto de lê.
CM: Você lê sempre, sempre que tem oportunidade.
AX: Sempre que eu tenho uma oportunidade. Sempre, sempre não, porque eu não sou muito chegada, não gosto muito de lê.
AS: O ano passado eu até assinei "Globo Ciência", mas não li nenhuma revista.
CM: Não leu?
AS: Falta de tempo, né.
CM: Falta de tempo.
AS: Não assinei mesmo. Guardei os outros exemplares, não deixei estragar, porque ... acho certo que as meninas em casa (*não dá para entender*) ... prá trabalho, recorte, alguma coisa. Agora, esse ano eu assinei o Diário, porque eu tô aqui na escola, não posso ver jornal, fico desinformada, não sei o que acontece... Só no serviço né, aí começa aquele bate-papo, então eu fico meio de lado. Quer dizer, agora eu chego lá (em casa), um pouquinho, dou uma folheada à noite!
CM: Tá sendo bom?
AS: Tá.
CM: Tá gostando?
AS: Tô, tá sendo bom.
CM: É outra visão né! É diferente da gente ver um jornal na televisão, tipo da Rede Globo, né ... primeiro que não fala muito as notícias locais, não dá notícia de Campinas é mais assim do Brasil ...
AS: Eu gosto mais de Boris Casoy. Eu acho que ele é muito bom.
CM: Eu também. Ele dá opinião, né.
AS: Ele dá, de maneira (*não dá para entender*) ... Eu gosto mais. Então, de sábado eu vejo a TVS.
CM: Tem bons jornais: TV Cultura, Bandeirantes, né. Agora, você falou do tempo. Você acha que o tempo impede a gente de lê, de adquirir o gosto de lê?
AS: Ah, não sei.
CM: Porque é uma correria, né!?
AS: É, o tempo é você quem faz ele, né. Às vezes você tá assim tão cansada que você fala -"Não vai ter tanta importância, parar só por 15 minutinhos" - Você acha que não, mas tá sendo importante. Mas quando você vê que 5 horas tem que estar em pé de novo...então você não lê muito. Mas as 2 horas de almoço que eu tô tendo, quando eu não saio prá lado nenhum, eu também leio. Apesar que eu tenho uma amiga que ela é hiper em leitura, aquela menina lê! Ela lê andando lá no escritório. Ela assina a Veja, ela lê de ponta a ponta a Veja. Lê todos livros assim sabe!? Ela fica: "Vamô Sandra, vamô lê" (risos).
CM: Ficam trocando idéias?
AS: É.
CM: E ela te conta o que ela leu?
AS: Ô! Depois ... ontem, o Pedro Collor, os tumores dele, saiu na Veja de 2ª feira, aí ela tava comentando sobre o Pedro Collor, falando ...
CM: É interessante porque vocês trocam as coisas, as informações, né.
AS: É. Ela lê todo dia na hora do almoço dela.

CR: Você disse que não é muito chegada, né!? Mas, assim, no seu trabalho aparecem situações de leitura? Que coisas que você precisa ler?

AX: É, eu trabalho no salão de cabelereiro.

CR: É.

AX: Tem revistas.

CM: O que você gosta mais de lê nas revistas?

AX: Revistas?

CM: É.

AX: Ah, novelas (rindo). Eu adoro novela.

CM: Novela?

CR: Tem alguns livros que parecem uma novela. (risos)

CM: Verdade, tem livros que são muito, muito novelísticos

AX: Então, aí eu gosto.

CR: Então ,vamos ver ... Ó, nós temos "Gabriela Cravo e Canela", que já foi uma novela.

AX: Tieta?

CM: Tieta não.

CR: Ainda não. Nós temos os livros de Jorge Amado, alguns, que também são como, como uma novela né. Tem inclusive um livrinho de novela, aí.

CM: Tem, "Vale Tudo"

CR: Tem "Éramos Seis"que virou uma novela agora.

AX: Uma novela.

CR: Então, você pode, pode descobrir que você gosta de lê e ainda não sabe (risos). É que às vezes a gente tem que lê...sabe o que é ...

AX: Eu gosto de escrever.

CM: Você gosta?

AX: Gosto de escrevê, bastante, mas lê eu já não gosto muito de lê.

CR: Talvez porque você tenha sempre que lê coisa chata.

AX: É.

CM: Você escreve sobre você?

AX: É, geralmente escrevo mais sobre mim.

CM: Você tem essas confidências? A escrita te possibilita isso, você sempre escreve sobre você? Você sempre teve diário?

AX: Sempre.

CR: Diário? É um diário?

AX: Mais ou menos.

CM: Olha!

CR: Que legal! Então qualquer dia você edita e doa uma cópia para a Biblioteca do Supletivo.

CM: É

AX: Opa!

CR: Acho super interessante ... E aí quem quiser ver... Porque a gente não tem nenhum aqui de diário.

CM: Não, não temos.

CR: Uma leitura estilo diário!... E você Francisco? Por que você não curte muito a leitura? Ou você curte?

AF: Porque o tempo é pouco.

CR: Humm..

AF: Muito pouco, muito corrido. Eu trabalho na Igreja, sabe!? Eu não tenho tempo assim, muito suficiente para parar e ler um livro assim. Nem em casa eu tenho tempo. Eu trabalho de 2ª à sábado, quer dizer, eu trabalhava né, trabalhei 3 anos lá. Agora, chega em casa de domingo, eu tô construindo, então faço uma coisa faço outra; quando não é isso eu vou na Igreja, aí não sobra tempo prá nada.

CM: Você já sabe quando vai começar trabalhar no outro, ou não?

AF: Não, eu acho que eu vou começar 6ª feira, não, 2ª feira eu acho que eu vou começar.

CM: Nesse serviço que você tava, que que você tinha de leitura? Você trabalhava com que?

AF: Trabalhava com (*não dá para entender*), "paquímetro", "micrometro" (*não dá para entender*), com máquina, não tem desenho ...

CM: Não tinha informe do sindicato, nada? Assim, você tinha um sindicato que mandava jornalzinho pra vocês lerem, nada, nada?

AF: Não, lá não fala de sindicato no trabalho...

CM: Não. Então sua leitura assim é mais assim aquela da Igreja, né!?

AF: É, através da Bíblia né.

CM: Livros, assim, bíblicos, livros da sua Igreja você lê também, fora a Bíblia?

AF: Leio (*não dá para entender*), prego a "palavra" também na Igreja.

CR: Ah, então você lê, não só lê como se expressa.

CM: É

AF: É, eu leio a Bíblia e expresso o que ela tá falando, né.

CR: Dentro do seu entendimento.

AF: É den... Não...É dentro do meu entendimento, que Deus dá entendimento pro homem, né, e eu tô falando com esse povo, né, o que Deus faz na vida do povo.

CR: Você prega assim fora ou ...

AF: Na Igreja.

CR: Ahn!

CM: E a biblioteca? Que vocês estão achando da biblioteca aqui da escola? Como é que vocês conheceram?

CR: Se não conhecia ainda?

CM: É.

AX: Na verdade é a primeira vez que eu venho aqui é com vocês...

(risos)

CR: É, pode dizer que tá meio precário ainda ...

CM: É...

AX: Ah, mas tá bom, nossa ...

AS: Eu fiquei sabendo através do bingo, né, pra comprar mais livros, comprar outros livros, mas eu não sei se ela já existia antes, ou o ano passado, há tempo né.

CR: Não começou esse ano.

AS: Esse ano?

CM: Esse ano.

AS: Então.

CR: Esse semestre.

AS: Através da compra do bingo, que a Ana (professora) falou pra gente, né, aí nós compramos pra ajudar a biblioteca.

CR: E vem uns livros legais aí, viu gente.

AS: É ela tava falando (a professora). Porque eu vou almoçar no Carrefour, né, eu até tava falando pra ela que lá tem livros a 3,50; um dia eu falei que tava 2,90 e depois o infantil 1,90. Depois eu falei pra ela: "Amanhã eu vou almoçar lá de novo, e vou confirmar direitinho porque eu vi no cartaz grande de promoção, mas eu não fui lá pertinho". Aí ela falou pra mim ver, mas eu não sou muito, não conheço muito nome assim, mas dei uma olhadinha pra ela. Daí um outro dia que eu fui verificar mesmo se realmente era aquele valor tava 2,50, de 2,90 por 2,50, mas é da Melhoramentos.

CR: Hum, mas deve ter livros bons. Agora ... Porque o nosso interesse é o seguinte: vocês tão na 5ª série, então quem vai curtir mais essa biblioteca são vocês. Então sabe, é interessante que vocês venham aqui, tipo assim; você falou que não curte muito livro e tem livro que é um porre pra lê, um saco, sabe aquele livro que você começa e não dá vontade de continuar, sabe. Então, sabe a minha arma é fazer o seguinte: porque às vezes você quer continuar (a ler), mas o livro às vezes no começo é chato, então você pula prá partes melhores, procura partes melhores. Se você pega um livro do Jorge Amado que você falô que gosta do tipo novela, ele vai começar a falar ... porque na novela as cenas não acontecem ao mesmo tempo?

AX: Hum!

CR: E no livro não dá prá acontecer ao mesmo tempo, então, às vezes cada capítulo ele fala de um personagem. Um capítulo ele fala de um, um capítulo ele fala de outro, outro capítulo ele fala de outro; então às vezes quando você tá no 5º, você esqueceu do personagem do 1º capítulo, depois que ele começa a juntar, como na novela, todos os personagens.

AF: Hum!

CR: Então, às vezes a gente tem que, sei lá usar um jeito...

CM: Um trabalho mais, mais assim devagar, mas quando chega assim onde você tem que chegá, o livro corre.

CR: E quando ele começa assim, a te pegá, aí você não consegue larga dele. E é a mesma coisa, porque quando a gente assiste uma novela...

AX: É a novela também...

CR: Você vê, você tá vendo ... só que tem um fator a mais quando você lê, porque quando você tá assistindo novela você tá vendo todos os atores, tá vendo todas as cenas. Quando você tá lendo um livro, você tem que imagina cada personagem, tem que imagina cada cena...

CM: Cada lugar...

CR: Então fala, por exemplo assim: ela encostou a barriga gorda no tanque; você tá imaginando uma mulher com a barriga gorda no tanque, né. E começou a cair aquela chuva torrencial, pá, pá, pá, com raios; você tá imaginando a cena, aquela chuva forte, o raio caindo, sabe. Então... e a imaginação da gente, gente, dá de dez! Porque cada um tem a sua imaginação, dá de dez na imaginação de outra pessoa. Não que eu queira subestimar a imaginação de outra pessoa, o cara que fez a novela daquele jeito tal, teve a imaginação dele, mas às vezes a sua tem até uns...algumas coisas a mais.

CM: É, às vezes a da novela tem aqueles padrões: loira igual, loira, bonita, tudo; a gente não, o nosso mundo é bem diferente, você ... às vezes na novela a gente queria ver gente diferente, gente como a gente, né, e quando a gente lê um livro a gente pode fazer isso, coloca as pessoas que a gente gostaria de imaginar em certas cenas que a gente vê na novela.

CR: É!

CM: E o livro possibilita essa viagem, foi nessa viagem que eu tava falando, sabe, de você imaginá os personagens, os lugares, os cenários... Eu acho que essa biblioteca vai ser assim muito bom, muito boa prá vocês porque vai possibilitar esse contato com a leitura, sabe! E em todo...olha, com a bíblia, com jornal, com a revista, com os livros. Você vê que tem livros interessantes, como a Célia falou, que parecem novela, mas que às vezes são muito mais interessantes. Vão ter livros muito chatos que a gente pula, pula. Mas, enfim esse espaço aqui tem que ser de vocês, vocês têm que conquistar, tem que ter a cara de vocês...

(Fim do lado A da fita)

AS: De vez em quando eu vejo encima da cama. Eu falo: Você está lendo, tá acompanhando, tá lendo mesmo, porque às vezes resolve vim pega e você talvez não lê. Então ela tem pego bastante livro prá lê.

CR: Então, mas eu acho que daqui... Quando vocês vierem visitar a gente, até mesmo você Francisco, mesmo você não tendo tempo quase, mas às vezes você pega um "fininho" aí (risos), às vezes numa hora do intervalo aí ...

AS: É. Precisa pegá prá lê.

CR: Porque às vezes chega uma hora que a gente num ... A gente perguntou prá vocês o que vocês fazem nas horas vagas, né, a gente perguntou no questionário, né.

CM: É, no questionário.

CR: Porque às vezes, por mais corrida que é a vida da gente, uma hora você dá um shiiii!

CM: Porque é uma coisa né Célia. Às vezes a gente fala, ai, ai eu queria ir prá tal lugar, e às vezes o livro te possibilita isso, você conhecer lugares que às vezes você quer conhecer, né.

AX: E não pode.

CM: Tipo livro da Bianca, livros de romance, né. A gente lê numa certa fase da vida, e continua lendo, por que não né! A gente continua lendo. Você vai a lugares, outro dia eu li um sobre a Grécia, nossa, aí ele descrevia um homem

grego, né (risos) que normalmente é muito bonito, a Grécia, os lugares, uma ilha maravilhosa, quer dizer, eu conheci uma parte da Grécia, que eu nunca ouvi falar dela, e eu fui capaz de imaginar isso na minha cabeça, né.

CR: Imaginar.

CM: Então o livro também possibilita essa viagem, você ir prá um lugar que talvez você nunca vá na sua vida. Eu acho que a biblioteca vai ser muito interessante prá vocês nesse sentido. Esse é um espaço de vocês sabe, não só assim do professor pedir que vocês venham aqui e peguem um livro, um texto prá fazer um trabalho.

CR: Também vai ter isso, né.

CM: É, vai ter isso, a Biblioteca é prá isso também, mas não só isso.

CR: Mas a gente espera também receber a visita de vocês: "Olha, a gente resolveu vir pegar um livro, quem sabe dá uma lidinha!"

AS: É.

CM: E pode contar com a gente, sabe: "Ó, indica prá gente um livro gostoso". A gente tá aqui prá isso, tem livros bons, porque é chato também: "Ai, lê" - e é um livro horrórico, né, a gente não gosta de ler coisa ruim.

CR: E a Bíblia também. A gente conseguiu este Novo Testamento aqui, agora a gente vai ver se consegue...

AS: Eu tenho desse Novo Testamento em casa.

CR: Ah, se você quiser doar.

AS: É eu tenho três.

CR: Porque ... vamos ver se a gente arruma uma bíblia mesmo, pra deixar aqui. O dia que vocês quiserem vir dá uma lidinha na bíblia na biblioteca pode vir também. Ou quiser emprestar prá dar uma rodada aí pela escola ...

AF: Eu trago a minha todos prá escola.

CR: Ô, beleza, então!

CM: Beleza.

AF: Eu saio do serviço vou prá escola. Não, eu saio do serviço vou prá Igreja, da Igreja eu venho prá escola.

CR: Você vai na Igreja todo dia?

AF: Todos os dias.

CR: Gente, eu quero saber...

AS: Deixa eu dar (*não dá para entender*) ... na resposta dele. Por causa que ele mora muito longe, que ele mora do meu lado, então prá ele não gastar muito ônibus, coitado, ele fica na Igreja, né, já ajuda lá, já trabalha lá e vem prá aula, então, a hora que ele vai 11:00Hs. ele vai de uma vez. Nós mora lá no DIC VI.

CR: Ah, compensa né, você trabalha por aqui ... Qual que é sua Igreja? É lá no Parque?

AF: Na avenida General Carneiro, lá no quartel ali, num tem um quartel!?

CR: Não sei. Que Igreja que é?

AF: "Deus é Amor", conhece?

CR: Num sei também, não conheço.

AS: Perto do Varejão.

CR: Ah, compensa você ficar por aqui mesmo, não!?

AF: Compensa, porque ir até em casa e voltar.
CR: Você vai perde tempo e passe também tá caro, né.
AS: Sabe o Terminal Ouro Verde.
CR: É, a sogra da minha irmã mora no III.
CM: É melhor, só o cansaço de ir e voltar.
AF: Às vezes eu vô, né ... às vezes eu tô com sono, porque eu chego em casa 11:30, né, (23:30), eu deito meia noite - até jantar, toma banho, aí eu deito meia noite e acordo 4:30 da manhã.
CR: Nossa!
AF: Aí eu tô cansado, né, aí eu revezo, vô prá casa dormi. Aí, chego em casa três horas, aí a menina não deixa eu dormi quando me vê em casa: "Papai, papai". Aí eu: "Tira essa menina daqui mulher, tira essa menina daqui prá mim dormi". Às vezes ela não sai, né. Aí eu vou prá casa prá mim dormi, porque às vezes eu não aguento, tô muito cansado. Eu caio da cama quase 5:30 (17:30) aí tomo banho e já venho prá escola.
CR: É uma vida de muito sacrificio, né... Gente, vocês quer deixar alguma mensagem prá gente, falar alguma coisa, o que que vocês não gostaram?
CM: É.
AS: Não, foi muito bom!
AX: Foi.
AF: Muito bom.
CM: Foi bom prá vocês fazerem o questionário, tá aqui?
AS: Foi muito bom, foi muito mais, assim, tranquilo do que fazê no papel. (risos)
CR: O papel preocupou você?
CM: O papel ti preocupou?
AS: É, ficou mais espontâneo.
AF: Surpresa, né!
AX: Prá mim não preocupou não, porque vocês deixaram bem claro lá, que era prá gente escreve né do jeito que...do jeito que...
AS: Como no meu caso, eu tive dificuldades prá responder, mas eu vou vir sim prá vocês darem um livrinho gostoso prá mim lê.
CM: Jóia.
AS: Fomos bem recebido.
CR: E você?
AF: Eu gostei da biblioteca, vou vê se dá tempo prá mim lê livro aí, porque eu tenho que aprendê viu, eu preciso aprendê, principalmente escrevê que eu sou muito enrolado prá escrevê, porque o professor dá na lousa... passa no quadro lá e eu ... eu sou o último a terminar.
CM: Ah, não se preocupe com isso não.
AF: E outra, também ciências não entra na minha cabeça.
CM: Cada um tem um ritmo, cada um tem... A gente vai fazer prova, é ou não é Cé?
CR: É.
CM: Nós somos as últimas a entregar.
AF: É.

CM: Isso não tem nada a ver não, cada um tem um ritmo. Tem gente que é rápido, tem gente que faz é...

CR: Por que que Ciências não entra na sua cabeça?

AF: Sei lá. Matemática prá mim (*não dá para entender*), mas Ciências... Apesar que eu tenho que fazer uma prova amanhã, né, de... prá não ficar em recuperação.

CR: Que que você tá vendo em Ciências?

AF: É, sobre solo.

CR: E não entra na sua cabeça!

AF: Não entra.

CR: Você não disse que morou em sítio?

CM: É.

CR: Você é o cara que mais entende de solo.

AX: Eu acho que ele, acho que é medo, um pouco é medo também.

AF: É medo, é. Mas se senta numa cadeira e a professora explicá prá mim... é a mesma coisa matemática eu já peguei a manha sabe, porque faz 12 anos que eu não estudo, passei 12 anos parado, mas tem muitas pessoas que voltou a estudá, muito tempo, mas vem naquele ramo ... sempre lê revista, lê livro né, não para e eu parei, sabe morava naquele mato lá, morava no sítio, é meio dificultoso de se vê as coisas, às vezes passa um carro se corria no mato, mas o carro não vê você

...

CM: Mas isso é uma vivência.

CR: Mas você não concorda Francisco, que você entende de solo?

CM: Melhor que todos nós.

AF: Entendo, só que prá mim eu acho que é medo né de fazê aquele negócio lá, mas eu vô chegá lá.

CR: Você entende de solo arenoso, não entende? O solo não era seco lá, ou não?

AF: Entendo.

CR: Ou lá chovia. Lá em Pernambuco chove?

AS: Não sei.

AF: Não lá não é seco não.

CM: Depende do lugar né.

AF: Depende do lugar.

CR: Acho que é mais o Ceará o sertão...

CM: Depende do lugar.

CR: É depende do lugar.

AF: Não, Pernambuco tem lugar que é seco, porque nós saia prá jogá bola nuns lugar lá e era bastante seco, mas onde eu morava lá, Olinda lá é água direto, tem praia, tem tudo lá.

CR: Ah, eu imagino! (risos)

AF: É um lugar de praia lá.

(risos)

CM: Então, você vê que você tem uma vivência, você é ... com o tempo você vai colocá isso prá fora, como disse a Célia, você é a pessoa que mais entende de solo, não tenha medo.

CR: Uma pessoa que morou no sítio, que plantou.

AS: E cada um é cada um, né!?

CM: Cada um é cada um.

AS: Não é igual. Eu tenho duas filhas, uma é diferente da outra, uma vai bem na escola e a outra não vai bem.

AF: Mas será que é difícil aprendê, por na cabeça isso aí?

CM: Não.

AS: Não, já pode por.

CM: É que quando a gente... a gente tem um certo medo quando a gente começa qualquer coisa, é difícil, tem medo.

CR: E às vezes a gente esquece que a gente sabe.

CM: É.

CR: O medo... a gente tá com tanto medo que o medo sufoca e faz a gente esquecê e que no fundo a gente sabe: "Poxa vida, eu morei em sítio lá em Pernambuco, lidava com terra." Não lidava?

AF: Huumm, cultura, lavoura, essas coisas.

CR: Sabia como deixar, vamos dizê, a terra mais fértil, o húmus né, esterco, essas coisas. Quando a terra tava mais seca, falta de chuva tal ... Quer dizer, você manja de solo.

CM: E você não parou.

CR: E você não falava solo, você falava chão (risos). Agora que o pessoal..."Você tinha que falá solo", mesma coisa pedra, fala rocha. É chão, tudo é chão. (risos)

AS: Foi muito bom, gostei. Fomos bem recebidas.

CR: Brigada gente, a gente espera ...

CM: Nós também fomos muito bem recebidos por vocês. Nós fomos muito bem recebidos por vocês. No questionário, aqui sabe, a gente tem muito a agradecer, a gente tá aprendendo muito com vocês.

AF: Vocês são da onde? Da UNICAMP.

CR: É.

CM: A gente faz pedagogia, a gente estuda à noite. Nós também estudamos à noite!

AF: Você trabalha na UNICAMP à noite ou de dia?

CR: Não, a gente estuda. A gente trabalha durante o dia, não na UNICAMP, cada uma tem o seu emprego e a gente estuda lá à noite.

AF: Ah! E vocês vem aqui. Vocês têm um emprego, né, pensa nisso, né.

AS: É um estágio?

CR: Aqui?

AS: É.

CR: É um trabalho

CM: É um trabalho

CR: Um projeto

CM: É, prá o final do curso, é um projeto.

AX: Que vocês apresentam lá?

CM: É, é a gente já tinha feito um trabalho aqui de pesquisa assim, né.

CR: Ah é que às vezes...se eles quiserem ver a gente apresentá, se eles quiserem...

CM: Vamos convidá-los.

AS: Vamos estar.

AX: Ah, vamos claro.

CR: Só que vai ser em junho do ano que vem.

AS: É

CM: A gente já fez um trabalho aqui, como no final do curso se tem que apresentar um trabalho escrito, a gente...a gente não queria só um trabalho escrito, a gente queria retribui de alguma forma o que a gente aprendeu com essa escola e por que não participar? E justamente foi no momento que a Biblioteca tava sendo montada.

CR: E a gente veio prá ajudar.

CM: É. Por isso que essa Biblioteca tem que tê a cara de vocês, sabe. Ajudá, porque olha ela tá sendo formada né, ela tá bem simples, tá começando agora, mas a idéia sabe, a gente tá aceitando...

AS: Isso é bom.

CM: ... prá que ela seja um lugar gostoso.

CR: E aí, quando começa as férias?

AS: Acho que até dia 13 a gente vai ter aula.

CR: Ah, vocês vão até 13 de dezembro?

AS: Hummm

CR: Nós vamos ter até dia 22.

AS: Nossa!

CR: Tem reposição de greve.

AS: Ah. A pedagogia abrange assim crianças, né. Ensina crianças?

CR: Nós é mais...A gente prefere mais o adulto.

CM: É, o adulto.

AS: Ah é.

CR: Criança a gente não dá muito certo. (risos)

CM: Melhor trabalhar com o adulto.

CR: A gente já fez estágio com criança tudo, mas a gente prefere mais trabalhar nessa área de educação de adultos.

AS: Seria assim, como se fosse uma professora, a pedagogia?

CR: Também. É, você se forma professor, você pode fazer outras coisas: pode tá trabalhando num projeto como esse.

AS: É!?

CM: Você trabalha a educação assim de uma forma mais ampla. Você pode trabalhar com adultos, você pode trabalhar com...em outros espaços fora a escola.

CR: Nos sindicatos.

CM: Sindicatos, em empresa.

AS: Nossa!

CR: Hospitais.

CM: Em núcleos também você pode trabalhar, que pega crianças de 7 a 14 anos.

CR: Se vocês quiserem fazer o curso (risos)

CM: É, tá aberto é à noite. A UNICAMP é nossa, é pública, a gente tem que conquistá.

AS: Mas é difícil de conquistá, entra lá né.

CM: Mas será que prá gente também não é difícil.!

CR: A gente estudou em escola pública também.

CM: Nós somos minoria lá, nós somos de escola pública a maioria é de escola privada. Por isso que a gente fica orgulhosa quando fala "escola pública". Semana passada foi feito um trabalho, um trabalho de uma apresentação de uma escola pública...

AS: O jornal apresentou o vestibulinho deles, todos eles sentados, no Diário né. Como é que eles conseguem entrá?

CR: É, mas se vocês tiverem afim, a gente torce por vocês. Sucesso prá vocês aqui do supletivo.

CM: É, sucesso.

CR: Prá frente depois né, no colegial. Quem não for vai continuá estudando do mesmo jeito.

CM: E que a leitura assim possa...

CR: Acompanhá.

CM: Acompanhá a vida de vocês.

AS: Tá bom.

CM: Porque lê assim traz muitos rumos, outras pessoas, outros rumos, outras idéias.

AS: Que jóia!

CR: Vocês vão dar uma viajada.

CM: É um convite que nós estamos fazendo à leitura, viu.

AS: Tá bom, eu agradeço vocês.

CM: Contem com a gente. Porque a gente gosta de lê, a gente aprendeu a lê também né. A gente tinha medo de lê, escrevê, a gente foi vendo que ...

AF: Vocês tiveram oportunidade de estuda, né!?

CR: Tivemos.

CM: Tivemos. A gente também assim teve uma vida meio difícil, tal, mas a gente teve, a gente não pode reclamar, né Célia.

AX: E tem muitas pessoas que tem oportunidade de estudá e não estuda.

AF: E não estuda, é.

AX: Não gosta.

AF: Se tem oportunidade ...

AX: Quem não tem qué estudá, e quem tem não qué estudá.

CM: É. A gente não faz o tipo do aluno rico da UNICAMP não, a gente assim né ... Nossos pais também trabalharam, tudo, nossos pais são pessoas simples, mas a gente teve oportunidade sim, a gente não pode reclamá, né Célia!?

CR: Não.

CM: A gente foi da escola pública, sabe. Porque eu acho assim que a UNICAMP é um espaço que tem que ser nosso, acho que a comunidade tem que lutar por aquele espaço, como acontece na PUCC; na PUCC, ela faz um trabalho mais com as pessoas, com as escolas, sabe, com os bairros, e eu acho que a UNICAMP deve um pouquinho isso prá gente, prá todo mundo.

CR: É, se algum dia vocês quiserem ir lá conhecê.

AF: A UNICAMP é grande?

CR: É, é uma cidade.

AS: Fui no hospital lá visitá lá.

AF: Lá tem de tudo na UNICAMP? Tem tudo o que você imaginá né.

CR: De curso tem bastante. Vocês vê se vocês quiserem ir lá com a gente.

CM: É, se vocês quiserem conhecê.

CR: Marca um dia e a gente vai à noite lá.

CM: É, se vocês quiserem...

CR: Faz um "tur", mais pela Faculdade de Educação, porque são várias faculdades só que cada faculdade é um prédio, tipo aqui que nem na escola né, é um prédio; lá, cada curso é um prédio, cada faculdade é um prédio, então, andá tudo por lá cansa prá caramba.

CM: Matemática, educação ... química.

CR: Mas se vocês quiserem a nossa lá, a gente leva vocês, falô!

AX: Humm.

CM: Engenharias.

CR: É bom que vocês já vão lá ver, porque aí quando vocês forem ver a gente for apresentar o trabalho vocês já sabem ir direto.

AS: Ah, então tá vendo.

CM: Porque a gente vai dar retorno desse questionário que nós fizemos prá vocês, das entrevistas tá, o ano que vem.

AS: Bom mesmo e eu torço por vocês viu!

CM: A gente também tá torcendo por vocês, muito obrigada. Nós que fomos bem recebidos, né, bem recebidos, vocês são muito simpáticos.

AS: Obrigada.

AX: Obrigada, vocês também.

CR: Curtam as férias gente.

CM: É, descansem. E o convite também fica aberto, nós estamos aqui todas as quartas.

CR: Se vocês quiserem levá um (livro) já, oh, pode levá! (risos)

AS: De quarta-feira?

**TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS POR
ALUNOS DO SUPLETIVO - 5ª E 8ª SÉRIE
2º SEMESTRE DE 1994**

ESTE QUESTIONÁRIO FOI RESPONDIDO POR 59 ALUNOS, SENDO 31 ALUNOS DE UMA 5ª SÉRIE E 28 ALUNOS DE UMA 8ª SÉRIE.

O CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DA RESPOSTA CORRESPONDE: 1º NÚMERO = SÉRIE DO ALUNO; 2º NÚMERO = Nº DE ORDEM; LETRA = SEXO; 3º NÚMERO = Nº DE HORAS TRABALHADAS DIARIAMENTE; E O 4º NÚMERO = IDADE DO ALUNO.

1.) Como é o seu dia-a-dia? Faça uma breve descrição de como é um dia da sua rotina.

Eu acordo de manhã, levo a filha na escola, trabalho em casa: lavo, passo, limpo a casa. E a noite venho para escola. Nas horas vagas aproveito para fazer bolo doce, ou qualquer coisa, eu gosto muito de cozinhar. (5.1.F.10.34)
Meu dia-a-dia é bom, só que às vezes eu canso de todo o dia a mesma coisa, mas não tenho o que reclamar, porque o mais importante é a saúde e isso eu tenho, graças à Deus. (5.2.F.11.29)
O meu dia-a-dia, o que eu tenho a dizer: é muito corrido, sempre foi. Trabalho fora e em casa também, e as correrias. Venho para a escola. Tenho muita coragem e disposição, estou na luta, mas muito contente e feliz. (5.3.F.10.39)
Levanto cedo - 6 horas da manhã - faço o desjejum e vou fazer uma hora de caminhada. Depois, chego em casa, tomo um banho e vou ver quais os serviços marcados para o dia, e depois saio para atender os meus clientes (conserto de refrigeradores). Às 13 ou 14 horas volto para almoçar e depois saio novamente até, aproximadamente, 17:30 hs. (5.4.M.0.59)
Levanto às 6:00 hs. Arrumo as coisas para minha filha ir para escola. Saio para o trabalho. Saindo do trabalho às 18:00 hs., vou direto para a escola e saio da escola às 22:25 hs.. Chego na minha casa às 23:20 hs., tomo um banho, como alguma coisa, converso alguns minutos com minha filha e vou dormir. (5.5.F.8,5.33)
Levanto às 5:30 hs., vou para o ponto de ônibus. Tomo o ônibus da firma 6:05 hs. Chego às 6:10 hs. da tarde, tomo banho e como um pouco e venho ao supletivo. (5.6.M.10.37)
Levanto às 6:00 horas, junto com meu marido, faço uma caminhada de 1 hora. Tomo meu café. Leio o jornal todos os dias para saber as notícias do dia-a-dia, não dá para ler todo o jornal, leio o que restou à noite, quando volto da escola. Trabalho das 8 horas às 6:00 Hs. da tarde, atendendo fregueses no telefone e pessoalmente, pois a oficina técnica de consertos de geladeiras, o barracão é nos fundos da minha casa. Também faço costuras para fora. (5.7.F.11.55)

<p>É muito corrido. Levanto às 7:00 horas da manhã, tenho que tomar o ônibus direto ao serviço. Tenho que por o uniforme e descer para sessão. Então das 8:30 até as 5 horas da tarde, com uma hora e dez de almoço, quinze de café cedo e quinze na parte da tarde. (5.8.M.8,5.27)</p>
<p>Levanto-me às 8:00 horas da manhã, cuido dos afazeres de casa, deixando tudo pronto até às 11:00 horas. Às 11:20 hs. vou para o meu trabalho, pois entro às 12:00 horas e saio às 18:00 horas, pois faço horário especial para estudar. (5.9.F.6.49)</p>
<p>Eu saio de casa quatro e meia da manhã. Entro no trabalho às 6:00 hs. e vou até 13:35 da tarde. 7 horas saio do serviço e vou para igreja e da igreja eu vou para os estudos. (5.10.M.7.26)</p>
<p>O meu dia-a-dia é muito corrido. Levanto-me às 6 horas da manhã e logo vou ao trabalho; e tenho lutado muito para que não venha a faltar nada na minha casa, por isso tenho corrido muito em meu trabalho, pois trabalho para mim. (5.11.M.7,5.26)</p>
<p>Levanto cedo, tomo dois ônibus para ir e tomo 3 ônibus para voltar do trabalho. Trabalho em uma metalúrgica, meu serviço é de muita responsabilidade, pois trabalho como inspetor de qualidade. Saio do serviço, vou direto para a escola. Vou chegar em casa às 23 horas, é muito sofrido, mas preciso de estudo porque a minha profissão exige. (5.12.M.10.38)</p>
<p>Levanto às 6:30. Levo as crianças na escola e logo em seguida retorno ao trabalho, onde trabalho das 8 às 18:00 hs. Daí venho direto para escola, só vou retornar a minha casa às 23:00 horas. (5.13.M.8.42)</p>
<p>Bem, eu acordo cedo, trabalho das 7 às 17 horas e tenho só uma hora de descanso. (5.14.M.0.0)</p>
<p>Meu dia-a-dia é tão corrido que não tenho tempo nem para descansar. Só correria o dia todo, sem parar, das 6 às 18 horas e mais as horas que fico na escola, das 17 até as 22:30, por acaso chego em casa para dormir às 23 horas, para aliviar um pouco a "caxola". (5.15.M.12.21)</p>
<p>Estou sem emprego. (5.16.M.0.25)</p>
<p>Eu saio às 6 hs. e 40 minutos para trabalhar na EMDEC, de Campinas a Valinhos onde ela se localiza. E só retorno às 11 horas e 15 minutos. Além do meu trabalho eu sou uma dona de casa que se preocupa com o dia-a-dia, tenho dois filhos que estudam. (5.17.F.8.34)</p>
<p>Acordo às 7:30 horas, entro no trabalho às 8:00 horas, saio para o almoço às 11:30, volto 1:30 e saio às 6:30 para vir embora para minha casa. Chegando em casa, tomo banho e vou para escola sem jantar, só janto, a maioria das vezes, quando chego às 11:30 da noite, logo após vou dormir para um novo dia de trabalho. (5.18.M.10,5.19)</p>
<p>O meu dia-a-dia. Levanto às 6:30 da manhã, faço caminhada até às 7:30, às 8:00 horas vou para o trabalho e volto prá casa às 5:30 da tarde. Tomo uma ducha, preparo o jantar e cinco para às sete vou para escola. Sábado, faço ginástica. Aos domingos vou a igreja, duas vezes ao dia. (5.19.F.8.53)</p>

Eu levanto às 6:30 da manhã para começar às 8:00 e paro de trabalhar às 17 horas. O meu dia-a-dia no trabalho é muito cheio de problemas, trabalho com o público e por isto é difícil quando se encontra pessoas educadas, se encontra pessoas mal educadas. (5.20.M.8.55)

Levanto às 6 horas da manhã e saio para o trabalho. Tomo o ônibus as 7 hs. e 15 minutos e entro no serviço as 8:00 horas. Trabalho no salão de cabelereiro, gosto muito do meu trabalho, eu me sinto como se estivesse num lazer, às vezes não considero que é um serviço, mas sim uma diversão. Conversamos bastante durante o trabalho, mas isso não é tudo, pretendo atingir o alvo que eu desejo ainda ser. (5.21.F.8.31)

O meu dia-a-dia é levantar cedo e procurar trabalho. (5.22.M.0.32)

Bom, meu dia-a-dia é bastante corriqueiro. Trabalho muito e tenho uma vida muito agitada. Tenho meu pequeno negócio, fica localizado em São Paulo no interior, conhecido como Barueri, sentido Via Castelo Branco. (5.23.M.12.30)

Corrido, com muitas coisas para resolver, passa o dia e nem consegui resolver. (5.24.M.8.34)

Levanto às 6:00 hs. , trabalho até às 5, chego em casa, tomo banho e vou para a escola, fico até 10:25 hs., chego em casa às 11:00 hs. e vou dormir. (5.25.F.7.22)

O meu dia-a-dia é uma correria. Acordo 6 horas para o serviço e logo após o serviço, que se encerra às 5:30 horas, venho para o curso de supletivo. (5.26.M.8.21)

Corrido. Um dia de minha rotina é viajando Campinas e Região. (5.27.M.8.27)

Bom, ao amanhecer me coloco de joelho e agradeço a Deus pelo dia que amanheci vivo e com saúde. Depois de orar, me levanto, vou ao banheiro, escovo os dentes e penteio o cabelo. Antes de ir ao trabalho, leio o "livro dos livros" a bíblia sagrada, enfim, vou ao trabalho, trabalho 8 horas por dia e venho a escola. Enfim, minha vida é servir a Deus, saiba vocês também, que Jesus Cristo te ama. (5.28.M.8. 23)

O meu dia de rotina tem o título certo: rotina. Estou desempregada, agora virei só dona de casa, é uma rotina sem fim. Levanto às 6 e aí começa: limpa, lava, passa, cozinha, suja, limpa de novo, uma loucura; até a hora de eu vir para a escola, às vezes não dá tempo de jantar. (5.29.F.15. 38)

Acordo às 7 horas, tomo um café, saio para o trabalho e só volto às 18 horas para minha casa. (5.30.M.10. 34)

Segunda-feira: levanto às 5 horas, limpo a casa, lavo roupa e à noite vou à escola. Terça-feira: levanto às 5 horas, faço caminhada, faço ginástica, à tarde faço relaxamento e à noite vou para a escola. Quarta-feira: levanto às 5 horas, faço café, limpo a casa, lavo a roupa, quando é preciso vou a cidade e à tarde faço janta e à noite vou para escola. Quinta-feira: levanto às 5 horas, faço café, faço caminhada, faço ginástica, volta para casa, faço almoço e à tarde faço relaxamento e à noite vou pra escola. Sexta-feira: faço faxina o dia todo. E no sábado faço caminhada, hidroginástica; e no domingo, caminhada e ginástica; e na segunda-feira começa tudo de novo. (5.31.F.13.33)

O meu dia começa às 6:10, quando saio p/ trabalhar, passo o dia inteiro e à noite venho direto p/ escola. (8.1.F.9.34)
Trabalho fora, tenho pouco tempo para dedicar a minha casa e a minha filha. Nos finais de semana procuro dedicar mais à casa; lavo, passo, limpo a casa, faço alguma coisa diferente para comermos. Depois de tudo pronto, vou cuidar de mim. Faço mão e pé, cuido do meu cabelo, enfim de todo o meu visual. É o que mais gosto de fazer. Me sinto feliz quando olho p/ o espelho e me vejo linda e animada. (8.2.F.6.34)
Eu levanto de manhã, levo meu filho para a escola. Depois, ao chegar ligo o rádio e vou fazer meus deveres de casa. Os dias de dona de casa não muda, todos os dias é uma rotina, principalmente quem tem filhos, tem roupa para lavar, para passar, cozinhar, etc. (8.3.F.0.0)
Trabalho das 6:00 às 12:00 horas, e no período da tarde fico em casa descansando, ouvindo música e sempre que posso leio um bom romance. (8.4.F.6.27)
Levanto entre 9:00 e 10:00 horas da manhã, faço alguns serviços caseiros. Depois tomo um banho, me troco, almoço e saio para trabalhar. Trabalho com pessoas enfermas em hospital, há alguns casos que me emociona e outros que me causa curiosidade, com relação as doenças dos enfermos. Me aborreço algumas vezes com fatos que não posso resolver, brinco um pouco e assim as horas vão passando. (8.5.F.6.33)
Um dia cansativo. Levanto cedo, vou ao trabalho; no trabalho resolvo "1001" coisas. Volto, ou paro direto na escola, ou vou para casa deixar a bolsa e jantar. Quando chega ao fim do dia estou um "caco", mas sinto, que valeu a pena toda a energia gasta. (8.6.F.8.24)
6:30 acordo, tomo café, vou para o trabalho, entro às 7:00, cinco minutos de percurso a pé, marco cartão, faço um relatório de tudo, começo alguns trabalhos, 12:00 às 13:00 almoço, saio às 16:00 hs.; após isto continuo meu trabalho em casa fazendo o meu próprio negócio, até 17:30, tomo banho e venho para escola e estudo até 22:30. (8.7.M.10.21)
Acordo às 5:30 hs.; 6:00 hs. pego o ônibus; 6:30 hs. chego ao trabalho, onde coloco as correspondências do dia anterior nas mesas designadas, passo pelo distribuidor de processos e pego os protocolos e alguns protocolos que estão para seguir destino. 12:00, almoço, e o resto da tarde só empurro com a barriga, até às 17:00 horas, que venho para a escola. (8.8.M.8.36)
Trabalho das 7 às 6 da tarde e venho direto prá aula, sem janta e nem almoço, mas o lanche da escola me mantém viva. (8.9.F.11.26)
Levanto às 7:00 hs., entro no meu trabalho às 8 hs. (trabalho numa recauchutadora de pneus de nome "Supertyres"), saio às 18:00 hs.. Entro no colégio às 19:10 e saio às 10:25, vou para casa. No outro dia a mesma tarefa. (8.10.M.10.24)
------(8.11.M.9.22)
É um dia bem movimentado, café da manhã, arrumação de casa, enfim, o dia-a-dia de uma dona de casa. (8.12.F.0.45)
Eu fico em casa. Cuido da casa, lavo roupa, vou aos bancos para meu esposo e a noite venho para escola. (8.13.F.0.22)

<p>Meu dia é bem corrido. Todas as manhãs levanto bem cedo, para fazer o café para meu marido trabalhar, e saio de casa 6:30 e chego às 6 hs. da tarde e não faço janta, só vivo de lanche, e saio 15 para às 7 para ir ao colégio das 7 às 10:25. Mas gosto do que estou fazendo, para mim é um sonho, que eu tive de parar cedo de estudar para poder ajudar minha mãe em casa. E agora estou recuperando o tempo perdido. (8.14.F.11.26)</p>
<p>Levanto, vou para o trabalho, saio do trabalho e já venho para escola. Chego em casa na base de onze hora, tomo um banho, janto, assisto um pouco de televisão e vou dormir. (8.15.M.8.24)</p>
<p>Bom, no momento eu não estou trabalhando; me levanto tarde; arrumo a minha casa e depois do almoço leio revistas como a Veja, Isto é, entre outras; e procuro assistir a todos os jornais para me manter atualizada, e sempre que posso procuro ler também os diversos jornais como Correio Popular, Estadão e outros. (8.16.F.0.21)</p>
<p>O meu dia a dia não chega a ser uma rotina, pois ao passar de cada dia sempre tem algo diferente. Como trabalho de Enfermeira, o meu dia não é fácil, mas gosto de cada minuto que trabalho. (8.17.F.6.36)</p>
<p>Bem, levanto às seis e meia da manhã, tomo café e vou para o ponto de ônibus. Chego ao meu trabalho às sete e meia e começo meu serviço, trabalho até às 15:00hs. Chego em casa às 16:00 hs., tomo banho, descanso um pouco e às seis e meia da tarde venho para a escola, estudo até às 22:30 minutos, chego em casa, janto e vou dormir e assim termina o meu dia. (8.18.F.0.25)</p>
<p>Meu dia começa um pouco tarde, pois eu só acordo depois das 11 horas. Então, eu tomo café e depois começo a arrumar a minha casa, quando eu termino eu vou para sala assistir alguma coisa na televisão. Quando tenho algum livro ou revista, aí eu fico lendo até quase a hora de vir a escola. E quando eu volto para casa à noite, gosto de ver os jornais na TV. (8.19.F.0.33)</p>
<p>Trabalho na maior parte do dia e a tarde eu vou estudar. (8.20.M.9.22)</p>
<p>O meu dia começa às 8 horas da manhã no meu trabalho, que é uma loja no centro de Campinas. Trabalho de segunda a sábado até às 18 horas, de onde venho direto para a escola. (8.21.F.9.33)</p>
<p>Bastante ocupado, o que na verdade cansa um pouco por causa da escola (bastante agito, dúvidas na minha profissão). (8.22.M.8,5.23)</p>
<p>O meu dia-a-dia é corrido. De manhã faço alguma coisa, o que dá tempo, faço almoço, tomo banho e vou trabalhar. Saio do trabalho e vou prá escola, depois da escola vou para casa, jantar, fazer mais alguma coisa que precise e dormir. (8.23.F.6.40)</p>
<p>Acorde cedo e vou trabalhar, e quando volto vou direto p/ escola. Nos finais de semana eu saio com a minha esposa. (8.24.M.10.22)</p>
<p>Como sempre, muito corrido, pois trabalho e estudo, sobra muito pouco tempo para o lazer. (8.25.M.9,5.32)</p>
<p>Acordo bem cedo: trabalho das 8:00 às 17:00 no hipermercado Enxuto. Trabalho no Depto. Pessoal e é um serviço bem cansativo, mas gosto do que faço. (8.26.F.8.23)</p>
<p>Eu acordo mais ou menos 04:45 e 05:00 hs. da manhã, vou trabalhar. Por volta das 11:40, vou almoçar e recomeço o trabalho às 12:40, e saio do trabalho às 05:0 da tarde. Venho a escola, fico até 10:25, chego em casa às 11:00 e janto, depois dou um tempo e durmo. (8.27.M.12.22)</p>

Trabalho de doméstica não tem muitas novidades do que o normal da rotina de uma casa. Trabalho durante todo o dia, saio do serviço direto prá escola. (8.28.F.9.27)

2.) Nessa vida, mesmo na correria do dia-a-dia, todo mundo alimenta vários sonhos. quais são seus sonhos?

Eu pretendo trabalhar fora e terminar meus estudos e ter minha própria independência. (5.1.F.10.34)
Meu sonho é um dia ser uma boa profissional de cabeleireira. (5.2.F.11.29)
Os meus sonhos é vencer na vida; com que imagino, em primeiro lugar, terminar os estudos, pelo menos o 1º grau completo; fazer vários cursos do meu alcance e ser uma cabeleireira profissional, é o meu sonho. (5.3.F.10.39)
Meus sonhos são: terminar o 1º e tentar fazer o 2º grau, ou o magistério, para que possa ficar apto a concorrer em alguns concursos públicos, para que possa melhorar o meu padrão de vida, de quem é aposentado. (5.4.M.0.59)
Meus sonhos são estudar mais, conseguir um serviço melhor, um salário melhor para dar melhores condições a minha filha e para mim também; ter um pouco mais de lazer (5.5.F.8.33)
Nunca ficar doente, sem poder trabalhar. (5.6.M.10.37)
Ser professora de pré-zinho, adoro lidar com crianças, se possível de 02 a 06 anos. Este sempre foi o sonho de minha vida, eu e meu marido vamos fazer magistério, se Deus permitir. (5.7.F.11.55)
Eu sonho muito alto demais. Primeiro sonho morar num apartamento que seja meu, e ter uma pequena empresa para não precisar mais picar cartão para os outros para ganhar uma micharia por mês. (5.8.M.8,5.27)
Meu sonho é conseguir estudar até a 8ª série e conseguir me formar. (5.9.F.6.49)
Meu sonho é ter um emprego bom, um ótimo salário, ter condição financeira, ter uma casa boa, etc. (5.10.M.7.26)
Meus sonhos é continuar estudando para ser alguém maior; e de ver meus filhos crescidos e bem educados, pois tenho dois. (5.11.M.7,5.26)
Meu sonho é ter um bom estudo e um bom emprego para poder criar minha família. A minha família é de 6 pessoas, preciso de um bom estudo para ter um bom serviço. (5.12.M.10.38)
Concluir o 1º grau, levar adiante o 2º grau, para que tenha melhor oportunidade no mercado de trabalho. (5.13.M.8.42)
1. Trabalhar a fim de possuir uma casa, é muito importante ter moradia própria. 2. Possuir uma mulher bonita, de responsabilidade e confiança. (5.14.M.0.0.)
Meu sonho é de um dia conseguir uma vida que não preciso de sacrifícios muito, é ter uma vida mais facilitada, mesmo de trabalho, um trabalho mais leve, menos correria. (5.15.M.12.21)
Meus sonhos é de uma vida melhor para nós todos. (5.16.M.0.25)
O meu sonho é poder estudar mais para obter um bom emprego, e formarem as minhas filhas e depois ter um pouco mais de tranquilidade. (5.17.F.8.34)

Eu sempre sonhei em ter muito dinheiro, mas como todo brasileiro, só sonhei, porque se tivesse dinheiro iria ajudar todos que me ajudaram até hoje, principalmente os meus familiares. (5.18.M.10,5.19)
Os meus sonhos já estão quase todos realizados, mas ainda falta alguma coisa: quero comprar um carro novo e um apartamento na praia. (5.19.F.8.53)
É ter um bom salário digno para o dia-a-dia, fosse mais favorável para subsistência. (5.20.M.8.55)
O meu sonho é me formar, alcançar o meu objetivo, estudar até me formar. Gostaria de ser técnica de enfermagem. (5.21.F.8.31)
Meus sonhos são conseguir um trabalho, sem sempre saudável, viver muitos anos, casar e construir uma família, viver sempre feliz. (5.22.M.0.32)
Meus sonhos são bastante. Gostaria de ter minha casa própria, porque pago apartamento; quero ter meu carro do ano (não usado); minha chácara com piscina, churrasqueira, campo de futebol (tenho todos os méritos para realizar estes sonhos). (5.23.M.12.30)
Ter uma casa na praia, talão de cheques com 50 folhas e conta cheia de reais. (5.24.M.8.34)
São vários. O que mais desejo realizar é terminar os estudos para batalhar um emprego melhor, para eu poder realizar o meu maior de todos, ser mãe. (5.25.F.7.22)
O meu sonho é um dia poder terminar os estudos e me ingressar na polícia militar, é um sonho que vem de família e gostaria de dar este sonho ao meu pai que é militar. (5.26.M.8.21)
O meu sonho é ter um bom emprego, ter uma vida social mais repleta e ter um bom carro. (5.27.M.8.27)
Meus sonhos são trabalhar na obra missionária, ganhar almas para o Reino do Céu e fazer a vontade de Deus. Estes sonhos são de um jovem liberto do pecado e do mundo. (5.28.M.8.23)
Meu sonho é fazer até a 8ª série prá ver se consigo um outro emprego, porque todo tipo de trabalho exige oitava, experiência nem conta mais; e aí vem o sonho, ter uma vida melhor, uma aposentadoria no futuro e talvez não ficar dependendo de filhos. (5.29.F.15.38)
Meu sonho é poder dar uma vida mais digna para os meus filhos e esposa; sonho também em construir uma casa e ter um emprego melhor. (5.30.M.10.34)
De terminar a oitava série, fazer um curso de auxiliar de enfermagem e fazer o 2º grau e fazer um curso de instrumentista hospitalar e ir trabalhar. (5.31.F.13.33)
O meu é continuar a estudar e poder ajudar melhor as minhas filhas, discutir com elas sobre todo e qualquer assunto, atual ou não, ter um pouco mais de informação. (8.1.F.9.34)
O meu sonho sempre foi ter minha casa própria. Do outro lado sempre foi querer ser alguém na vida, mas antes de tudo isso, ter meus conhecimentos bíblicos. Gosto muito de ler histórias bíblicas. (8.2.F.6.34)
Meus sonhos seria ter uma condição de vida melhor, para poder passear, sair com as crianças, enfim, dar a eles o que pedir, e gostaria de poder ajudar os mais necessitados. (8.3.F.0.0)

Um dos meus sonhos é fazer faculdade de línguas e letras. (8.4.F.6.27)
O meu único sonho é ter sempre um lugar para morar, que seja meu; emprego; e que minha família nunca passe por situações desagradáveis de doenças graves. (8.5.F.6.33)
Independência financeira, é isso. Trabalhar por conta própria, cumprir meu próprio horário, ter uma casa legal (moro em terreno da prefeitura), ter um carrinho, recuperar (ou pelo menos tentar) o tempo perdido na escola, enfim, coisas simples. (8.6.F.8.24)
Sonho um dia ter um ótimo salário, para que um dia possa alimentar uma ótima família. (8.7.M.10.21)
Terminar o 1º grau, fazer o 2º grau e um curso superior (Direito) quem sabe. (8.8.M.8.36)
Meu sonho sempre foi, desde que me conheço por gente, é professora de 1ª a 4ª série. Vou lutar para conseguir fazer um bom magistério e mais tarde enfrentar uma faculdade. (8.9.F.11.26)
Os meus são: de ter uma moto mais nova que a minha; comprar um carro; terminar o 2º grau; trabalhar bastante para um futuro melhor. (8.10.M.10.24)
Meus sonhos são vários. Tenho tantos sonhos, até agora não consegui realizar nenhum, mas mesmo de não ter conseguido ainda, mas não tenho a mínima "desanimação". O meu sonho é estudar, até terminar se tudo correr bem, o sonho que eu tenho desejado é esse, estudar. (8.11.M.9.22)
Meus sonhos são vários: 1º ser uma evangelística; 2º continuar os estudos e ser auxiliar de enfermagem, para isso já me inscrevi na UNICAMP. E lá unir as duas coisas, isto é, evangelizar e cuidar dos enfermos. (8.12.F.0.45)
Meu sonho é ter minha própria casa e termos um Brasil melhor. (8.13.F.0.22)
Os meus sonhos é poder fazer faculdade, ainda acho que dá tempo para mim mesmo eu tendo 26 anos, para poder dar algum futuro para o meu nenê que está p/ chegar no dia 15/01/95. E estou muito feliz com toda essa correria minha. (8.14.F.11.26)
O meu sonho é continuar estudando, talvez até chegar a ser um bacharel (8.15.M.8.24)
O meu é entrar na faculdade e exercer a profissão de médica ou veterinária. (8.16.F.0.21)
Prosseguir nos estudos, conseguir um melhor emprego, que valorize os estudos que tenho. (8.17.F.6.36)
Meu sonho é de um dia ser uma grande estilista de moda feminina e masculina, e tenho fé em Deus que esse sonho não irá ficar só na cabeça, vou colocá-lo em prática. (8.18.F.0.25)
Meu sonho é conseguir estudar bastante para ajudar a minha filha com as lições de casa. E também quando ela estiver crescida poder arrumar um emprego para ajudar nas despesas da casa. (8.19.F.0.33)
Progredir na vida profissional e financeira. (8.20.M.9.22)
Os meus sonhos são continuar a estudar para conseguir um futuro melhor e ser mais feliz no meu dia-a-dia. (8.21.F.9.33)
Quem sabe comprar a minha própria casa. (8.22.M.8,5.23)
De concluir meus estudos e continuar na área de enfermagem, que é o que eu gosto de fazer. (8.23.F.6.40)

Em primeiro lugar eu quero acabar de construir a minha (casa)e depois comprar um carro e ser feliz com a minha esposa. (8.24.M.10.22)
Conseguir um emprego melhor para que eu possa dar melhores condições de vida para minha família. (8.25.M.9,5.32)
Me realizar profissionalmente e pessoal também, casar, ter filhos, etc. (8.26.F.8.23)
O meu sonho é saber com é que a vida é importante para nós. Todo dia tenho vários sonhos: completar o 2º grau e depois arrumar um emprego melhor. (8.27.M.12.22)
Os meus sonhos são muitos: o profissional é tentar ser auxiliar de enfermagem algum dia, se não conseguir, qualquer outra coisa que conseguir, que me satisfaça já será bom; no resto espero conseguir ser feliz em tudo o que eu escolher para mim. (8.28.F.9.27)

3.) Porque você escolheu voltar a estudar? Por que escolheu o supletivo?

Por necessidade, porque já tenho filha grande e com o estudo que tenho não posso ajudar ela. Escolhi o supletivo porque eu não tenho tempo para estudar durante o dia e também porque é mais rápido. (5.1.F.10.34)
Bom, eu voltei a estudar porque senti vontade. Olhava as minha irmãs estudando, tive vontade. Eu escolhi o supletivo porque acho que já não sou nem uma mocinha de 15 anos para entrar numa escola e fazer o ano todo. (5.2.F.11.29)
Voltei a estudar porque agora que tive oportunidade, e também gosto muito da escola e estudar também. A escola é muito importante, nos traz muita sabedoria. Escolhi o supletivo porque é mais rápido, na minha idade acho que já é um pouco tarde. (5.3.F.10.39)
Eu voltei a estudar é para obter maior grau de instrução pelo motivo acima <i>(relacionado com seu sonho)</i> - (5.4.M.0.59)
Resolvi voltar a estudar para aprender mais, para entender melhor as coisas, e também, como já disse na pergunta anterior, para ter um serviço melhor. Escolhi o supletivo porque é um curso mais rápido. (5.5.F.8.33)
Porque na firma que eu trabalho tem certo tipo de desenho, ou muitas cotas de peças que só com o quarto ano não dá para resolver. Porque é mais rápido o curso. (5.6.M.10.37)
Voltei a estudar para aprender mais e concretizar o meu sonho. Comecei pelo supletivo para chegar ao meu objetivo mais rápido. (5.7.F.11.55)
É porque os estudos faz falta para todo mundo. Escolhi o supletivo porque eu posso fazer dois anos num ano só! (5.8.M.8,5.27)
Estava encontrando muita dificuldade para desenrolar certos assuntos. Meu estudo até 4ª série foi muito simples diante do que vejo hoje. Eu tive interesse em aprender e conhecer mais. Escolhi o supletivo porque foi a única chance que tive. (5.9.F.6.49)
Porque a escola supletiva ter mais oportunidade de acabar logo, sobrava esse. (5.10.M.7.26)
Voltei a estudar porque eu gosto muito, para mim era o meu sonho, voltar a escola. Escolhi o supletivo porque foi a maneira de aprender melhor. (5.11.M.7,5.26)

Porque só tinha 2ª série e o meu serviço exige mais estudo e as coisas estão cada vez mais difíceis, todas as firmas estão exigindo estudo. (5.12.M.10.38)
Por não ter concluído o 1º grau escolar. Porque, devido o tempo perdido, a maneira mais rápida de terminar o 1º grau é fazendo o supletivo. (5.13.M.8.42)
Eu gosto de estudar, escolhi o supletivo porque foi a oportunidade que eu tive e estou gostando, tá muito bom. (5.14.M.0.0.)
Voltei a estudar porque senti vontade e achei a oportunidade de conseguir uma vaga e desenvolver a minha leitura. Escolhi o supletivo por ser à noite e só um semestre por ano cada semestre, e o horário facilitado que é à noite. (5.15.M.12.21)
Porque só a profissão não resolve, tem que ter o maldito diploma, senão eles acham que você não é capaz de cumprir com suas obrigações no trabalho. (5.16.M.0.25)
Porque tive uma oportunidade a mais pelo meu desempenho na empresa. Escolhi o supletivo por ser um curso mais rápido e por ser à noite. (5.17.F.8.34)
Eu resolvi voltar a estudar para um dia ser um homem de negócios. E escolhi o supletivo para adiantar os estudos que estão muito atrasados. (5.18.M.10,5.19)
Eu resolvi voltar a estudar para ser uma mulher culta e porque gosto de estudar. Escolhi o supletivo porque termino mais rápido. (5.19.F.8.53)
Voltei a estudar para obter um grau melhor, que possa ter melhor conhecimento. Escolhi o supletivo por ser um curso rápido. (5.20.M.8.55)
Voltei a estudar porque eu preciso estar mais informada, conhecer melhor o mundo lá fora e também, como já disse, pretendo fazer esse curso, técnico de enfermagem. Escolhi o supletivo pelo fato de estar com a idade meia avançada, optei pelo supletivo. (5.21.F.8.31)
Resolvi voltar a estudar por necessidade profissional. Escolhi o supletivo por ser um ensino popular, prático e rápido. (5.22.M.0.32)
Bom, em primeiro lugar minha mulher é uma pessoa muito fina. Um dia ela chegou e me falou: Se você não estudar nós não vamos falar a mesma língua, "demais" será muito bom para seus negócios, saberá como agir com melhor conhecimento. (5.23.M.12.30)
Para um dia ter estas coisas que mencionei na 2ª pergunta. (5.24.M.8.34) - <i>motivo relacionado ao sonho.</i>
Para batalhar um emprego melhor. O supletivo é o jeito melhor, pela minha idade. (5.25.F.7.22)
Voltei a estudar porque a vida lá fora sem estudo é muito difícil para quem estudou e pior para quem parou. Escolhi o supletivo porque é um curso bem mais rápido. (5.26.M.8.21)
Resolvi estudar para ter um bom nível de estudo, para poder arrumar um bom emprego. Escolhi o supletivo porque é mais (<i>não entendi a escrita</i>) e porque ensina muito bem. (5.27.M.8.27)
Fiz uma prova com Deus, ele abriu a porta do estudo. Supletivo porque é mais rápido. (5.28.M.8.23)
Como disse antes, o primeiro grau incompleto não representa nada. E escolhi o supletivo porque é mais rápido, o tempo da gente é pouco. (5.29.F.15.38)

Porque está muito difícil viver hoje em dia sem um diploma de 1º e 2º grau. Escolhi o supletivo porque foi o único curso que deu para se inscrever, pois os outros são muito caros. (5.30.M.10.34)
Resolvi estudar para ser alguém na vida. E escolhi o supletivo porque nesta idade que tenho precisa ser um curso rápido, porque não tenho tempo a perder. (5.31.F.13.33)
Escolhi o supletivo porque é um curso mais rápido e voltei a estudar porque achei que já perdi muito tempo na vida, deveria ter voltado antes. (8.1.F.9.34)
Porque tenho que fazer um curso, preciso do 1º grau completo. Também isso me ajudou a acompanhar mais minha filha nos seus afazeres escolares. (8.2.F.6.34)
Eu voltei a estudar porque gostaria de trabalhar. Escolhi o supletivo por ser mais rápido (8.3.F.0.0.)
Porque não tive oportunidade quando era criança. Escolhi o supletivo porque é a forma mais rápida para que eu começasse a realizar meus sonhos. (8.4.F.6.27)
Para melhorar os meus conhecimentos, o meu nível de trabalho e minha situação financeira. (8.5.F.6.33)
Voltei a estudar porque algo começou a me incomodar, acho que foi o fato de me sentir meio à margem de coisas que nem sequer consigo explicar. Talvez a desinformação, a "alienagem" em que me via, tenha me levado a voltar à escola. (8.6.F.8.24)
Resolvi voltar estudar para concluir o 1º grau e escolhi o supletivo para terminar mais rápido, ganhando tempo para o 2º grau. (8.7.M.10.21)
Não me sentiria bem fazendo um curso regular com minha idade, por isso optei pelo supletivo, mas vou fazer o 2º grau em curso regular. (8.8.M.8.36)
Resolvi voltar porque no local onde trabalho há muitas exigências da chefia em matéria de estudo para que eu mude de cargo. O supletivo foi o único meio que achei para adiantar os anos de estudo e aproveitar minha idade. (8.9.F.11.26)
Porque me vendo diante de alguns colegas, percebi que estava um pouco atrasado com alguns "saberes", então resolvi me alertar. (8.10.M.10.24)
Resolvi estudar porque sem o estudo é difícil, com estudo muitos passam dificuldades. Então foi por isso que voltei a estudar. (8.11.M.9.22)
Para ser auxiliar de enfermagem é preciso ter a oitava série. O supletivo é mais rápido. (8.12.F.0.45)
Resolvi voltar a estudar para poder arrumar um emprego melhor. Escolhi o supletivo porque é mais rápido. (8.13.F.0.22)
Porque não tenho condições de arrumar serviço só com a 4ª série, o meu emprego exigiu e todas as coisas que faço é preciso o meu estudo p/ sobreviver. (8.14.F.11.26)
Porque pretendo alcançar uma profissão melhor. Porque é mais rápido (8.15.M.8.24)
Por ser um curso mais rápido, para dar tempo de entrar em um colégio profissionalizante, de acordo com a minha idade. (8.16.F.0.21)
Pelo tempo que tenho que é curto, pois pretendo aperfeiçoar em meu trabalho, e nunca é demais aprender. (8.17.F.6.36)

Voltei a estudar primeiro porque gosto e é muito útil; segundo , que seria o primeiro passo para realizar o meu grande sonho, que é ser estilista de moda. Escolhi o supletivo porque outra escola não aceitou pela minha idade e porque seria o caminho mais rápido . (8.18.F.0.25)
Resolvi voltar a estudar porque acho importante ter um bom nível de cultura. Escolhi o supletivo por ser mais rápido, o que ajuda bastante por causa da idade. (8.19.F.0.33)
Porque era necessário para poder ter um nível melhor de conhecimento. Escolhi o supletivo porque era mais vantajoso, pois é mais curto o tempo de duração do curso. (8.20.M.9.22)
Resolvi voltar a estudar porque o estudo nos dias de hoje se tornou muito importante. E escolhi o supletivo porque posso recuperar o tempo perdido com mais rapidez. (8.21.F.9.33)
Pela falta que me fez e também ser um pouco mais valorizado. (8.22.M.8,5.23)
Porque eu só tinha até a 4ª série primária e eu queria continuar. Escolhi o supletivo porque é o meio mais rápido. (8.23.F.6.40)
Porque eu tenho um objetivo na minha vida e se eu não voltasse a estudar eu nunca conseguiria chegar nesse objetivo. (8.24.M.10.22)
O estudo estava me fazendo falta, eu estava muito desatualizado. Por ser mais rápido. (8.25.M.9,5.32)
Voltei a estudar porque hoje em dia a gente precisa se virar. Escolhi o supletivo por ser mais rápido. (8.26.F.8.23.)
Para terminar o 2º grau. (8.27.M.12.22.)
Voltei a estudar porque é muito difícil arranjar emprego sem ter um pouco de estudo e também para fazer algo de bom para mim mesma. Escolhi o supletivo porque é um curso mais rápido que o normal e só tem gente adulta. (8.28.F.9.27)

4.) O que você costuma fazer nas horas vagas?

Leio jornal, revista, receitas de tudo. Gosto de ficar em casa, mas sempre fazendo alguma coisa para me distrair e também para descansar. (5.1.F.10.34)
Jogar volei. (5.2.F.11.29)
Nas horas vagas meu costume é realmente ler livros, principalmente livro de português, acho muito ideal português e matemática: enfim o que eu pretender naquele momento. (5.3.F.10.39)
Assistir TV, alguns filmes no vídeo, sair, dar algumas caminhadas e algumas excursões. (5.4.M.0.59)
Sinceramente nas minhas poucas horas vagas fico sem fazer nada, conversando com a minha família, com minha filha. (5.5.F.8.33)
Vou até o Taquaral com a mulher e as minhas filhas distrair, ou no Bosque. (5.6.M.10.37)
Gosto muito ler jornal, Veja que a minha filha assina, faço isso com prazer , posso ler mais no domingo. (5.7.F.11.55)
Passear ou assistir televisão e ouvir um som. (5.8.M.8,5.27)

Gosto muito de ler, leio todo tipo de livro, gosto de palavras cruzadas. (5.9.F.6.49)
Ir a igreja, ler a Bíblia e ficar junto dos irmãos orando. (5.10.M.7.26)
Jogar bola com os meus amigos, pois eu adoro jogar basquete e é muito bom para o corpo, é um exercício excelente. (5.11.M.7,5.26)
Trabalhar em serviço em casa, e também trabalhar em uma associação do bairro há 6 anos, não ganho nada, trabalho porque gosto de ajudar os mais carentes. (5.12.M.10.38)
Quando não estou trabalhando estou ao lado de minha família. (5.13.M.8.42)
Em vez em quando eu costumo dormir prá descansar um pouco, porque a luta é grande. (5.14.M.0.0)
Não costumo fazer nada, porque não tem hora vaga, a hora que tem é alguns minutos de descanso, vou dormir um pouquinho. (5.15.M.12.21)
Jogar baralho. (5.16.M.0.25)
Bom, horas vagas eu quase não tenho, mas tiro o domingo para visitar os parentes. (5.17.F.8.34)
Nas horas vagas costumo pensar nas namoradinhas, às vezes até ligo do serviço para elas. (5.18.M.10,5.19)
Eu não tenho horas vagas. (5.19.F.8.53)
É fazer algum trabalho que precisa em minha casa. (5.20.M.8.55)
Eu descanso e no meu descanso durmo, além disso bato papo com minhas amigas. (5.21.F.8.31)
Ouvir músicas e ler. (5.22.M.0.32)
Gosto de jogar futebol, dançar, escutar música, conversar com os amigos, ir para o clube que eu sou sócio (Águas de Lindóia). (5.23.M.12.30)
Estudar e passear com a família. (5.24.M.8.34)
Tento aprimorar as minhas notas musicais no violão. (5.25.F.7.22)
Gosto de jogar futebol nos finais de semana. (5.26.M.8.21)
Jogar bola, ou seja, futebol. (5.27.M.8.27)
Ler a bíblia, orar, cantar hinos de louvores e ir a Casa de Deus. (5.28.M.8.23)
Quando tenho horas vagas assisto televisão, mas não gosto, não tenho outra alternativa. (5.29.F.15.38)
Nas horas vagas: de ir a igreja, jogar bola, assistir filmes. (5.30.M.10.34)
Crochê e ouvir música. (5.31.F.13.33)
Minhas horas vagas são poucas, mas sempre procuro passar com minha família para compensar a ausência que temos um do outro. Passeamos sempre juntos, discutimos os acontecimentos semanais, etc. (8.1.F.9.34)
Durmo muito, mas procuro ver na TV notícias, também leio alguma revista, livro, quando tenho tempo. (8.2.F.6.34)
Gosto de música, gosto de ler, adoro assistir o jornal da tarde. (8.3.F.0.0)
Ouvir música, ler conversar com minha cachorrinha que se chama Freeda. (8.4.F.6.27)
Gosto de assistir filmes, desenhos, sair para lugares divertidos e viajar. (8.5.F.6.33)
Namorar, ler, dormir, ouvir músicas (admito que dentre todas as coisas, gosto mais de ler). (8.6.F.8.24)
Andar a cavalo ou dar voltas de carro. (8.7.M.10.21)

Ver TV, gravar filmes ou documentários, pescar, jogar xadrez, ler não é o meu fraco, mas gosto de foliar e ler alguma coluna ou crônica de jornal. (8.8.M.8.36)
Pego o livro e dou uma lida, reviso minhas lições, isso à noite depois das aulas. Gosto muito de ler romances e ação judiciária. (8.9.F.11.26)
Praticar algum esporte. (8.10.M.10.24)
Gosto de ouvir música, jogar futebol ... (8.11.M.9.22)
Eu gosto muito de ler, principalmente a Bíblia que é a melhor biblioteca na minha opinião. (8.12.F.0.45)
Gosto de ouvir música, conversar com as amigas, passear com meu esposo. (8.13.F.0.22)
Ao sábado e domingo cuidar da minha casa, do meu marido, fazer coisas gostosas pra gente comer e ficar junto a minha família, que só tenho tempo de final de semana. (8.14.F.11.26)
Trocar idéias com amigos, minha esposa e brincar com meu filho. (8.15.M.8.24)
Ler, assistir TV, ou dependendo do momento, ouvir músicas. (8.16.F.0.21)
Procuro ficar o máximo que posso com minha família e cuidar do meu lar, pois o tempo que tenho livre é pouco, pois trabalho e estudo. (8.17.F.6.36)
Gosto de cozinhar, fazer um bolo, uma torta, uma coisa diferente, gosto também de estudar um pouco e, principalmente, aproveito o tempo vago para desenhar. (8.18.F.0.25)
Costumo visitar a minha família, ouvir música, ler, ver televisão. (8.19.F.0.33)
Cooper de bicicleta e ler jornal, às vezes livros. (8.20.M.9.22)
Nas horas vagas gosto de ir ao cinema, ler assistir TV e passear em lugares que tenham bastante ar livre. (8.21.F.9.33)
Ler e desenhar. (8.22.M.8,5.23)
Difícilmente eu tenho horas vagas, porque eu trabalho sábado e domingo e feriados, quando tenho gosto de ouvir músicas. (8.23.F.6.40)
Eu como estou construindo, eu procuro ir no final de semana na construção. (8.24.M.10.22)
Procuro dar atenção aos filhos e esposa. (8.25.M.9,5.32)
Namorar, jogar volei, assistir filmes e ler bons livros. (8.26.F.8.23)
Só namorar, porque quase não sobra horas vagas. (8.27.M.12.22)
Quase não tenho horas vagas, porque sempre há serviços em casa, mas quando tenho tempo gosto de visitar meus amigos, ler, ouvir música, ver televisão e curtir lugares que têm áreas verdes, alguns lugares de lazer. (8.28.F.9.27)

5.) No seu trabalho, no seu dia-a-dia, quais são as situações de leitura que mais aparecem? Por exemplo: em casa, na fábrica, no hospital; ou em outros locais como na igreja ou num passeio.

Ajudo minha filha nas lições da escola, leio receita, jornal, carta, tudo, gosto muito de ler e sou muito curiosa, gosto de saber as notícias. (5.1.F.10.34)

A leitura que mais aparece para mim é uma boa revista, eu adoro ler, e também gosto muito de ler jornal e Bíblia, essas são as leituras que gosto de ler no dia-a-dia. (5.2.F.11.29)
No trabalho. (5.3.F.10.39)
No trabalho são leituras de manuais técnicos e outros, e ainda leitura de jornal diário. (5.4.M.0.59)
Boletim de sindicato, boletim de igrejas, isto no serviço; na minha casa aparecem jornais, revistas, livros. (5.5.F.8.33)
Vejo alguns boletins do sindicato, ou leitura de algumas normas no serviço do dia-dia. (5.6.M.10.37)
Como já disse, jornal, Veja, bíblia e todos os sábados à tarde vou com meu marido e os 3 netos a missa. Também gosto aos domingos, ou seja quando dá, de viajar, nem todos os domingos porque não se tem dinheiro para isso. Gosto muito de bailinhos onde danço com o homem que amo cada vez mais. (5.7.F.11.55)
E muita matemática, e muita leitura, etc. (5.8.M.8,5.27)
No meu trabalho leio muitos receituários e um jornalzinho chamado "Esparadrapo", que sai tudo sobre o hospital. Gosto de ler bula. (5.9.F.6.49)
Fábrica (<i>não dá para entender a escrita</i>) relatório de "pontio caribado", etc. (5.1.M.7.26)
No meu trabalho leio muita nota fiscal, é o dia inteiro, e trabalho de computação. (5.11.M.7,5.26)
O meu problema mais é que no meu serviço aparece leitura de "derinha" e medidas, e tenho que fazer vários documentos e tenho que arrumar alguns e também ler. (5.12.M.10.38)
Jornais, revistas, diário oficial. (5.13.M.8.42)
----- (5.14.M.0.0)
No meu trabalho sempre aparece leitura, pequenas frases; às vezes leio um jornal, que sempre a gente lê, página de jogos de futebol; revista Veja, tem capítulos de ator de novelas. (5.15.M.12.21)
Minha situação de leitura é todo dia, toda hora, todo minuto, todo instante. (5.16.M.0.25)
O meu trabalho é conferir os boletins de ocorrências, que são fornecidos a EMDEC, então eu leio todos os dias. (5.17.F.8.34)
Eu trabalho em um escritório de contabilidade e leio muito, nos arquivos, batendo máquina ou no computador, que chega até a doer as vistas. (5.18.M.10,5.19)
Em casa gosto de ler a bíblia sagrada e as lições da escola dominical da minha igreja. (5.19.F.8.53)
No meu trabalho para ler endereços de casas e ruas. (5.20.M.8.55)
Não leio muito, às vezes leio só jornal. (5.21.F.8.31)
Em casa eu costumo ler jornais, bíblia e outros livros. (5.22.M.0.32)
No trabalho só tem uma situação para leitura, que é jornal; na igreja é Bíblia; em casa continuo com jornal; ainda não me encontrei com os livros de alguns autores. (5.23.M.12.30)
Interpretação de desenho. (5.24.M.8.34)

Nota fiscal. (5.25.F.7.22)
A minha leitura é maior na fábrica porque tenho que ler alguns folhetos de componentes industriais. (5.26.M.8.21)
Situações de leitura que mais aparece é notas fiscais. (5.27.M.8.27)
Na igreja, que diz assim: disse Jesus: eu sou Caminho, Verdade e a Vida, ninguém vem ao pai se não for por mim. (5.28.M.8.23)
Em casa, uma receita ou a bíblia, o jornal às vezes é muito difícil. (5.29.F.15.38)
No trabalho, só quando preparo as tintas para trabalhar. Eu gosto de ler gibis e jornais. (5.30.M.10.34)
Livro de receitas. (5.31.F.13.33)
No meu trabalho não há leituras, só trabalho com números. (8.1.F.9.34)
Livros bíblicos me ensinam muito como enfrentar a situação nos dias difíceis que vivemos. (8.2.F.6.34)
Gosto de ler jornal, revista. (8.3.F.0.0)
----- (8.4.F.6.27)
Prescrições médicas, tipos de medicamentos, muitas receitas e diagnósticos dos pacientes, escritos por médicos. (8.5.F.6.33)
Na realidade mexo mais com números, tipo: ver preço de custo disso, preço de venda daquilo e assim por diante. (8.6.F.8.24)
Livros profissionalizantes, folhetos da igreja, placas de sinalização de trânsito. (8.7.M.10.21)
Trabalho: jornais, os quatro mais circulados; processo trabalhista, criminal; circular interna. Casa: jornais, revista, ex: Veja, Claudia, Mulher, Playboy; Passeio: tudo que passe pela minha mão e seja escrito. (8.8.M.836)
Em meu trabalho não tem muito o que se ler, a biblioteca não está pronta, mas leio folheto do sindicato. (8.9.F.11.26)
As que mais me aparecem são no trabalho e no dia-a-dia conversando com o povo. (8.10.M.10.24)
----- (8.11.M.9.22)
Amor ao próximo. (8.12.F.0.45)
----- (8.13.F.0.22.)
Eu trabalho, só que no meu emprego eu não tenho tempo p/ ler. E só tenho uma hora de almoço, então é muito corrido para mim. (8.14.F.11.26)
Na fábrica é quando pego os pedidos de produção para separar as ordens. (8.15.M.8.24)
Na minha casa, quando não tenho revistas do mês ou da semana, eu fico atenta a qualquer papelzinho que aparece e logo leio com curiosidade para saber o que está escrito, e se é alguma informação que possa me interessar no futuro. (8.16.F.0.21)
No hospital onde trabalho a leitura é pouca, mas de uma grande importância, pois temos que ler bem a medicação que administramos nos pacientes, as prescrições médicas e até mesmo as ocorrências que anotamos, pois temos de conferir rigorosamente, pois trata-se de um ser humano. (8.17.F.6.36)

Bom, é meio difícil eu ficar lendo porque o meu tempo é pouco, mas o pouco que me sobra procuro ler livros católicos ou preparar o encontro de catequese do domingo. (8.18.F.0.25)
No meu dia-a-dia eu leio algumas receitas, contas mensais, como usar alguns produtos, etc. (8.19.F.0.33)
O que mas aparece é a conversa entre as pessoas que se comunicam, dialogam e trocam informações de seus interesses. (8.20.M.9.22)
No meu trabalho a única leitura que se tem é de mercadorias em notas fiscais. (8.21.F.9.33)
Devido ao comércio de veículos, a leitura que mais aparece são leituras ligadas somente ao departamento que é programação de computadores, etc. (8.22.M.8,5.23)
Eu tenho que ler as prescrições médicas, desde a hora que chego até a hora de ir embora. (8.23.F.6.40.)
Na fábrica tem umas instruções p/ ler. (8.24.M.10.22)
Somar, dividir, fazer cálculos, faz parte do meu trabalho. (8.25.M.9,5.32)
No meu trabalho tudo é leitura, faço cartas, emito recibos, faço notas, etc. (8.26.F.8.23)
Tenho aulas de vídeo, escrevo bastante, faço muitos textos sobre serviço. (8.27.M.12.22)
No meu trabalho (<i>doméstico</i>) não aparecem situações de leitura. (8.28.F.9.27)

6.) Que tipo de leitura você mais gosta? Por quê?

Por exemplo: Você gosta de livros de amor, ou livros que tenham histórias de sexo, livros que tenham histórias de tramas policiais, livros de violência, livros de terror, etc. Você não gosta de livros e prefere outro tipo de leitura. Você não gosta de ler.

Gosto de ler tudo, menos livro de terror e história de polícia ou violência. (5.1.F.10.34)
Eu gosto muito de livros românticos e também de livros de terror. (5.2.F.11.29)
O tipo de leitura que mais gosto é livro de Português, os outros também, enfim, tudo que não pertence ao dia-a-dia. (5.3.F.10.39)
Eu gosto muito de esporte, de livros policiais, dramas e gosto também de leituras técnicas. (5.4.M.0.59)
Gosto muito de livros de amor. Não gosto de violência, por isso prefiro esse tipo de leitura. (5.5.F.8.33)
Não tenho muito tempo de ler, mas quando tenho um tempinho leio um jornal. (5.6.M.10.37)
Gosto de livros que falem a respeito do que se passa pelo mundo, gosto de estar sabendo de tudo. (5.7.F.11.55)
Olha, sinto muito de dizer, não tenho paciência de ler. (5.8.M.8,5.27)
Gosto muito de ler romances de Jorge Amado; tramas policiais de Agatha Christie; livros de suspense de Sidney Sheldon. Gosto de todo tipo de leitura. (5.9.F.6.49)

Gostei muito do trecho do autor Manuel Bandeira, que ele foi um homem muito sofrido. <i>(provavelmente está se referindo ao poema "O bicho" trabalhado em sala)</i> (5.10.M.7.26)
Olha, eu gosto muito de ler gibis e também jornais. (5.11.M.7,5.26)
Gosto de ler, mas tenho muita dificuldade de ler, porque tenho pouca leitura. (5.12.M.10.38)
Qualquer livro, de qualquer autor, pois ler é cultura. (5.13.M.8.42)
Eu gosto de livros de amor. (5.14.M.0.0)
Gosto de algumas leituras, revistas, livros de estória, só que não gravo os nomes dos livros. (5.15.M.12.21)
Qualquer uma. (5.16.M.0.25)
Eu gosto de ler o jornal ou assistir. Para dizer a verdade, eu nunca li um livro inteiro. Leio um pouquinho a Bíblia. (5.17.F.8.34)
Eu gosto de ler livros que tenham histórias de tramas policiais, porque a maioria dos livros são histórias verídicas. (5.18.M.10,5.19)
Eu gosto muito de ler livros evangélicos. (5.19.F.8.53)
Gostei muito de romance de amor. (5.20.M.8.55)
------(5.21.F.8.31)
Gosto de ler livros com histórias policiais. (5.22.M.0.32)
Gostaria de responder que leio todos tipos de literatura, estaria mentindo. Para mim mesmo passo por cima de alguns deles: jornal, devido ao meu trabalho, me ajuda a fazer as coisas com mais segurança. (5.23.M.12.30)
Leitura em jornais para obter mais informação. (5.24.M.8.34)
Romance e tramas policiais, são empolgantes e dá para relaxar a tensão do trabalho. (5.25.F.7.22)
Gosto de ler livros esotéricos porque gosto de saber o que eu não conheço e, principalmente, porque sou espírita. (5.26.M.8.21)
Gosto de ler jornais. (5.27.M.8.27)
Gosto de ler a palavra de Deus que é a Bíblia sagrada, porque nela eu posso encontrar alimento para a minha alma. (5.28.M.8.23)
Prefiro livros de amor. Gosto de ler, mas sou muito lenta na leitura. Leio um trecho, não entendo, volto, começo tudo de novo e aí demora. (5.29.F.15.38)
Não gosto de ler livros, só gosto de gibis, ler a Bíblia e jornais. (5.30.M.10.34)
Gosto de gibis, porque são divertidos. (5.31.F.13.33)
Adoro ler, mas não tenho tempo. Gosto de leitura sobre humanidade, ciências, gosto do tipo de leitura que me possa trazer informações gerais. (8.1.F.9.34)
Gosto sim de ler. Tudo que lemos é bastante proveitoso. (8.2.F.6.34)
Gosto de livros de romance, também tudo que fale sobre o sexo e amor. (8.3.F.0.0)
Gosto de romance, principalmente clássico, porque as maneiras antigas me atraem bastante. O que eu não gosto de ler são livros infantis. (8.4.F.6.27)
Romance, aventuras, contos. (8.5.F.6.33)
Amo livros que contam a vida das pessoas em épocas passadas. Outras culturas, modos diferentes, gosto também de romance. Não entendo muito de ficção, talvez por isso não ligue muito, nem policial. (8.6.F.8.24)

Gosto de ler história, mas nem sempre tenho tempo para ler. (8.7.M.10.21)
Não gosto de leituras maçantes tipo, "Os Luzíadas", "Sertões Veredas", "Primo Basílio". (8.8.M.8.36)
Eu gosto de romance e ação judiciária, porque romance eu fico mais por dentro da vida a dois; e ação judiciária são leis que os chamados "colarinho branco" ou "almofadinha" não seguem e viola as leis de nosso país. (8.9.F.11.26)
Eu gosto de leituras de livros e jornais, e gosto bastante de ler. (8.10.M.10.24)
----- (8.11.M.9.22)
Gosto muito de ler notícias, informações e principalmente a Bíblia, por ser a palavra de Deus. (8.12.F.0.45)
Não gosto de ler. (8.13.F.0.22)
Eu gosto de todas as matérias, mas a minha preferida é a matemática. (8.14.F.11.26)
O que mais gosto de ler é jornal, só leio o que me interessa. (8.15.M.8.24)
Eu gosto muito de livros de amor, porque mexe com o lado emocional das pessoas; e livros de suspense, porque você se coloca no lugar dos personagens ali existentes. (8.16.F.0.21)
Gosto de ler romance, livros de amor, pois são muito emocionantes; mas também às vezes me sinto criança e adora as revistinhas do Donald, Patinhas, Mônica, etc. (8.17.F.6.36)
Gosto muito de livros de romance, ou seja, livros de amor. (8.18.F.0.25)
Nos livros eu gosto de amor, aventura, mistério; nas revistas gosto de matérias sobre sexo, comportamento, etc. (8.19.F.0.33)
Eu gosto de livros que contenha tramas policiais e também gosto de ler jornal, que é minha leitura favorita. (8.20.M.9.22)
Eu gosto de ler livros de amor, porque a gente sonha com coisas bonitas que só nos romances podem ser possíveis. (8.21.F.9.33)
Drama e biografia. (8.22.M.8,5.23)
Livros que tenham histórias de tramas policiais. (8.23.F.6.40)
Eu não sou muito chegado a ler, nos finais de semana leio jornal, só. (8.24.M.10.22)
Gosto de revista Veja e jornais. (8.25.M.9,5.32)
Adoro ler, sempre que posso leio. Gosto de romances e aventura. (8.26.F.8.23)
Gosto de livros de amor, aventura, humor. Gosto de ler a Bíblia sagrada, porque nós ouvimos Deus falar. (8.27.M.12.22)
Gosto de livros de amor, livros de tramas policiais e livros de história geral. (8.28.F.9.27)

7.) Você já conhece a biblioteca da escola? Como ficou conhecendo?

Não conheço, mas sei que tem porque já ouvi comentário. (5.1.F.10.34)
Ainda não conheço. (5.2.F.11.29)
Não. (5.3.F.10.39)
Não, só fiquei sabendo da biblioteca da escola porque fomos convidados a fazer um bingo para montá-la. (5.4.M.0.59)

Sim, fiquei sabendo pela professora Ana Maria. (5.5.F.8.33)
Não. (5.6.M.10.37)
Ainda não tive o prazer de conhecer, mas gostaria que isso fosse breve, quero conhecer sim. (5.7.F.11.55)
Conheço sim, através dos professores e do diretor. (5.8.M.8,5.27)
Não vi, mas ouvi comentários a respeito. (5.9.F.6.49)
Eu ainda não conheço a biblioteca do supletivo. (5.10.M.7.26)
Fiquei sabendo no dia do bingo, e estou bem informado agora porque vocês vieram nos falar. (5.11.M.7,5.26)
Já ouvi falar que tem biblioteca <i>(não dá para entender a escrita)</i> não tive oportunidade. (5.12.M.10.38)
Não. (5.13.M.8.42)
Conheço sim, a professora pediu que eu fosse levar uns materiais lá, eu fui, mas um amigo hoje eu indo só já sei onde que é. (5.14.M.0.0)
Não conheço e nem tive oportunidade ainda de conhecer. (5.15.M.12.21)
Não conheço porque até hoje o diretor não nos comunicou que a biblioteca está aberta para os alunos. (5.16.M.0.25)
Não. E sei que existe através da Prof. Ana que anunciou o bingo para a compra dos livros, que seria para a biblioteca. (5.17.F.8.34)
Eu já conheço a biblioteca, fiquei conhecendo porque fui entregar alguns dicionários para a professora de português. (5.18.M.10,5.19)
Não conheço a biblioteca. (5.19.F.8.53)
Não conheço, mas fiquei sabendo através do jogo do bingo, foi promovido para ampliar. (5.20.M.8.55)
Não. (5.21.F.8.31)
Não. (5.22.M.0.32)
Já fui uma vez na biblioteca para pegar um livro de geografia e fiquei conhecendo. (5.23.M.12.30)
Não tive oportunidade ainda. (5.24.M.8.34)
Ainda não. Através de uma colega. (5.25.F.7.22)
Ainda não conheço. (5.26.M.8.21)
Não. (5.27.M.8.27)
Não conheço, mas quem sabe breve conhecerei, pois Deus é tudo prá mim, vivo eu mais Cristo vive em mim. (5.28.M.8.23)
Fiquei sabendo mas ainda não conheço. (5.29.F.15.38)
Não tinha conhecimento de seu funcionamento. (5.30.M.10.34)
Ainda não. (5.31.F.13.33)
Conheço alguns, atualmente estou lendo o livro "Escuta Zé Ninguém!" (8.1.F.9.34)
Não. (8.2.F.6.34)
------(8.3.F.0.0)
Já conheço e fiquei conhecendo através das garotas que me entrevistaram num certo dia na hora do lanche. (8.4.F.6.27)
Não. (8.5.F.6.33)

Sim, por intermédio da prof. Ana Maria (português). Ela é um barato (a professora e a biblioteca). (8.6.F.8.24)
Conheço pois já li algumas revistas. (8.7.M.10.21)
Sim, vi nascer e que bela criança já é, vai ser um belo adulto pelo que estou vendo. (8.8.M.8.36)
Conheço sim e uma colega de classe me mostrou os livros. (8.9.F.11.26)
Já, por intermédio de um primo que estuda aqui também e que fiz um trabalho a ele de um livro. (8.10.M.10.24)
Conheço visualmente, mas não conheço os livros, às vezes não tenho tempo de ler, então nem pego. Seria bom ... (8.11.M.9.22)
Sim, utilizando livros de ciências. (8.12.F.0.45)
----- (8.13.F.0.22)
É uma coisa boa para lermos alguns livros e entendermos mais coisas, que muitas vezes a gente tem idade, mas nem tudo a gente sabe. (8.14.F.11.26)
Sim, fiquei conhecendo quando fui buscar uma revista para ler. (8.15.M.8.24)
Sim, eu acompanhei toda a organização da biblioteca e até já li alguns livros. (8.16.F.0.21)
Sim, já conheço, não está nota 10, mas ainda vai ficar nota 1000. Fiquei conhecendo através da profª. Ana Maria, quando mandou-nos pegar livros para ler. (8.17.F.6.36)
Sim, conheci quando a Kelly que estuda comigo me chamou para ir lá, não consegui pegar nenhum livro, mas espero que eles sejam úteis para os que aqui vão ficar e vão chegar. (8.18.F.0.25)
Eu já conheço. Um dia eu passei e vi escrito na porta "biblioteca", entrei, peguei um livro, depois outro e continuo frequentando. (8.19.F.0.33)
Já fiquei sabendo recentemente, pois a biblioteca ainda é nova. (8.20.M.9.22)
Não. (8.21.F.9.33)
Sim, quando me matriculei uma funcionária da escola comentou. (8.22.M.8,5.23)
Conheço, minha colega foi pegar livro e eu fui com ela e fiquei conhecendo. (8.23.F.6.40)
Sim, através dos colegas da classe. (8.24.M.10.22)
Não. (8.25.M.9,5.32)
Sim, fiquei conhecendo através da D. Angelina que me apresentou. (8.26.F.8.23)
Em parte, sim. (8.27.M.12.22)
Sim, a partir de quando foi aberta passei a frequentar, pois adoro ler. (8.28.F.9.27)

8.) Escolha um nome de livro (ou autor) que você leu, ou gostaria de ler, e deseja recomendar para nossa biblioteca.

Eu não tenho preferência por autor, mas leio tudo que posso e quando tenho tempo. (5.1.F.10.34)
Bom, eu li um livro de amor e gostei muito, mas já faz um tempo, não lembro mais o nome. (5.2.F.11.29)
O tempo que sobra de folga, o que tem em casa é suficiente. (5.3.F.10.39)
Infelizmente não tenho nenhum nome de livro, mas gostaria de ler livros do escritor Jorge Amado. (5.4.M.0.59)

Minha filha comentou comigo sobre um chamado "A Pérola", não sei quem é o autor. Ela me disse que algumas amigas dela leram e gostaram muito. (5.5.F.8.33)
Nunca li livro nenhum, a não ser das matérias na escola. (5.6.M.10.37)
Porque não a revista Veja, eu tenho para ler mas muitos não tem; também gosto de poesia. (5.7.F.11.55)
Eu não tenho nenhum predileto. (5.8.M.8,5.27)
"Meu pé de laranja lima", não me lembro o nome do autor só sei que foi muito bom. "Jubiabá" de Jorge Amado. (5.9.F.6.49)
Não sei. (5.10.M.7.26)
Eu não lembro do nome. (5.11.M.7,5.26)
Nunca li nenhum livro, então não tenho idéia. (5.12.M.10.38)
Machado de Assis. (5.13.M.8.42.)
----- (5.14.M.0.0.)
Sinto vontade de conhecer algum livro, só que não conheci nenhum livro, às vezes li mas não guardo os nomes. (5.15.M.12.21)
----- (5.16.M.0.25)
Não lembro de nenhum. (5.17.F.8.34)
Não desejo recomendar nenhum livro. (5.18.M.10,5.19)
Eu recomendo para a biblioteca a Bíblia sagrada. (5.19.F.8.53)
Os romances que li, hoje não existem mais. (5.20.M.8.55)
----- (5.21.F.8.31)
Nostradamus. (5.22.M.0.32)
"O Alquimista" (5.23.M.12.30)
Eu já li alguns livros, mas não lembro o nome do livro e nem do autor. (5.24.M.8.34)
Eu adoraria ler um livro de Machado de Assis. O livro que já li é muito chama-se "Mar de desejo". (5.25.F.7.22)
O livro que eu li foi "Brida" de Paulo Coelho, só não sei se posso recomendar porque "são livro" muito pouco à venda. (5.26.M.8.21)
"Cristiane F" (5.27.M.8.27)
Estevam Angelo de Souza é autor do livro "Os nove dons do Espírito Santo" (5.28.M.8.23)
No momento não sei dizer. (5.29.F.15.38)
----- (5.30.M.10.34)
"Grabriela, cravo e canela" de Jorge Amado. (5.31.F.13.33)
"O Poder do Sub-consciente", ganhei do meu primeiro serviço, um presente de aniversário. (8.1.F.9.34)
Não me lembro. (8.2.F.6.34)
----- (8.3.F.0.0)
Eu li os livros: "O último tango em Paris" e "Obsessão Indecente" , gostei muito. (8.4.F.6.27)
"A insustentável leveza do ser" (8.5.F.6.33)
Li recentemente "O Diário de Słata" (A vida de uma menina na guerra da Bósnia), é muito triste, mas recomendo. (8.6.F.8.24)
----- (8.7.M.10.21)

"Estórias de Natal" de (Charles Diquison?) (8.8.M.8.36)
Já li vários livros, mas não me lembro do autor e recomendo para a biblioteca livros românticos, aventura ou ação. (8.9.F.11.26)
Eu não procuro muito, vou mais pelas pessoas que lêem bem mais que eu, aí então vou me baseando. (8.10.M.10.24)
----- (8.11.M.9.22)
Bíblia Sagrada, autor: Espírito Santo. (8.12.F.0.45)
----- (8.13.F.0.22)
No momento eu não lembro o nome do livro, desculpe. (8.14.F.11.26)
----- (8.15.M.8.24)
"A carícia do vento" - "Janet Dalley" (8.16.F.0.21)
"A outra face", Sidney Sheldon, é o livro que eu gostaria de ler. (8.17.F.6.36)
----- (8.18.F.0.25)
Eu li "Um estranho no espelho", de Sidney Sheldon, já havia lido há alguns anos, é ótimo. (8.19.F.0.33)
O autor chama-se Sidney Sheldon, mas não me lembro do nome do livro. (8.20.M.9.22)
"Senhora", de José de Alencar, li e achei muito interessante. (8.21.F.9.33)
"Se houver amanhã", de Sidney Sheldon. "O Diário de Slata", da própria Slata (eu já li). (8.22.M.8,5.23)
A coleção da Maria José Dupré. (8.23.F.6.40)
Eu nunca li um livro, porque não sou chegado. (8.24.M.10.22)
Como nunca gostei de leitura não sei se devo colaborar com você, é muito difícil escolher um livro ou autor. (8.25.M.9,5.32)
Toda coleção Vaga-Lume da Maria José Dupré: "Ilha Perdida", "A montanha encantada", "Éramos Seis", etc. (8.26.F.8.23)
"Robin Hood" (8.27.M.12.22)
"O Jardim dos Esquecidos" e gostaria de ler "Pétalas de Outono". (8.28.F.9.27)

QUANTIFICAÇÃO DAS TENDÊNCIAS EXPRESSAS NO QUESTIONÁRIO

TABELA 1
OPÇÃO PELO CURSO SUPLETIVO

MOTIVOS	%
CURSO RÁPIDO	47,0
CURSO RÁPIDO E DEVIDO A IDADE	8,40
CURSO RAPIDO E NOTURNO	5,08
DEVIDO A IDADE	6,7
OUTROS	6,7
NÃO RESPONDEU À PERGUNTA	25,4

TABELA 1.1
SÍNTESE

MOTIVOS	%
Rapidez e/ou outros	60,48
Idade	6,7
Outros	6,7
Não respondeu	25,4

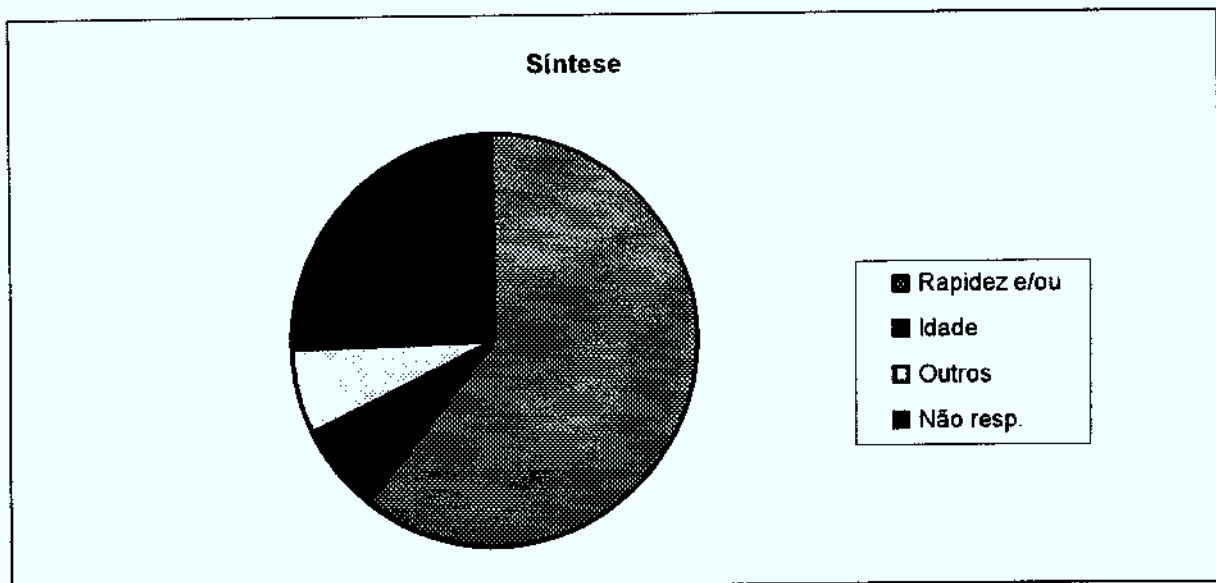


TABELA 2
A VOLTA AOS ESTUDOS

MOTIVOS	%
Realização do seu sonho	6,15
Sentir-se menos à margem (informação/conhec.)	38,46
Gosto pelos estudos	7,6
Para melhorar no trabalho e/ou por exigência do mesmo	13,84
Conseguir um trabalho melhor	12,3
Fazer outros cursos	10,76
Outros	7,6
Não respondeu à pergunta	3,0

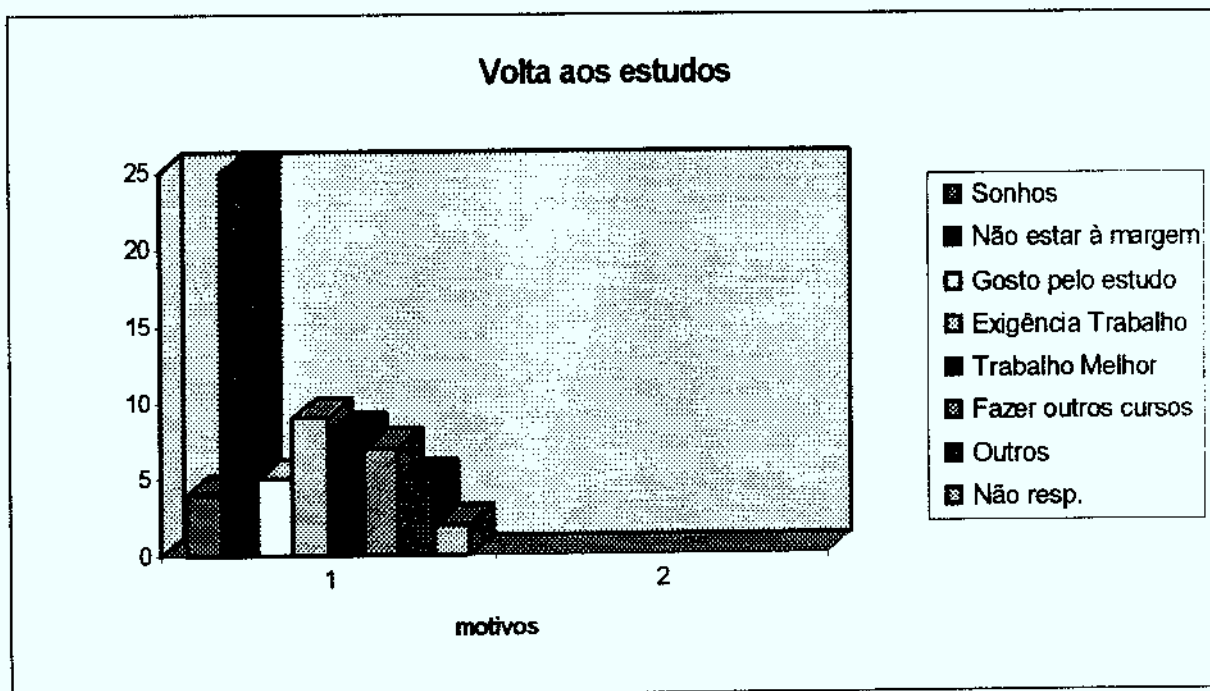
* Totalizando 65 respostas dadas pelos 59 alunos da amostra.

TABELA 2.2
SÍNTESE

DIMENSÕES	TER	SER
- Sonhos	-	6,15%
- Sentir-se menos à margem	-	38,46%
- Gosto pelo estudo	-	7,6%
- Exigência do trabalho	13,84%	-
- Conseguir trabalho melhor	12,3%	-
- Fazer outros cursos	10,76%	-
TOTALIZANDO	36,9%	52,21%

* Outros = 7,6%

** Não responderam = 3%



**TABELA 3
HORAS VAGAS**

ATIVIDADES	%
- LEITURA	18,08
- TV	13,82
- MÚSICA	13,82
- IGREJA/ORACÃO	3,19
- PRÁTICA DE ESPORTES/ JOGOS	10,63
- PASSEIO	12,76
- CONVIVÊNCIA C/ FAMÍLIA E AMIGOS	12,76
- NAMORO	4,2
- DESCANSO	4,25
- OUTROS	5,31

- NÃO TÊM HORAS VAGAS	1,06
-----------------------	------

* Totalizando 94 respostas dadas pelos 59 alunos da amostra.

TABELA 4
SITUAÇÕES DE LEITURA MAIS FREQUENTES NO DIA-A-DIA

LOCAIS	SITUAÇÕES DE LEITURA	Nº RESPOSTAS
C A S A	Lições dos filhos	1
	Receitas	4
	Instruções de uso de produtos	1
	Contas	1
	Cartas	1
	Livros	4
CASA E/ TRABALH O	Revistas	9
	Jornais	13
T R A B A L H O	Manuais técnicos/ normas/ pedidos de produção/relatórios/interpretação de desenhos	7
	Boletins do sindicato	3
	Receituários/prescrições médicas/bulas	4
	Nota fiscal	4
	Documentos diversos (ofícios, memorandos, proc.)	3
	Diário Oficial	1
	Boletins de ocorrência	1
	Endereços	1
	Números / "preço de custo"	3
PASSEIO	Placas de sinalização	1
IGREJA	Bíblia / boletins de igreja	10
	Outros	6
	Não lê	3
	Não respondeu a pergunta	5

TABELA 5

SÉRIE	Masculino	Feminino	Total de alunos
5ª	19	12	31
8ª	10	18	28
Total	29	30	59

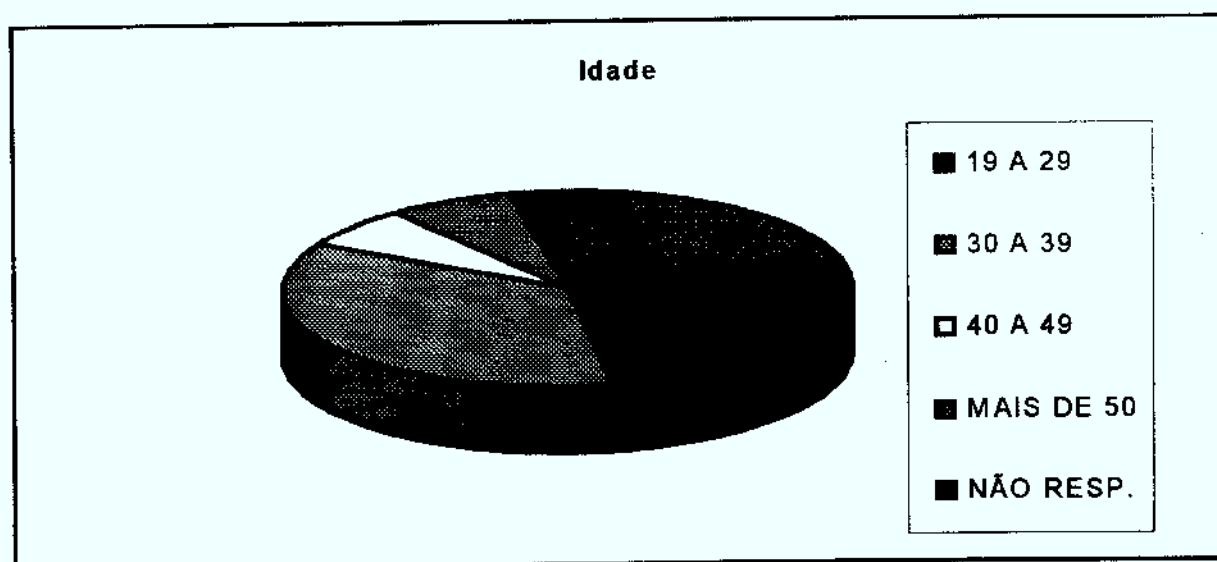
TABELA 6
HORAS DIÁRIAS DE TRABALHO

Horas Diárias	Nº de Alunos	%
Mais de 8 horas	27	45,76

Até 8 horas	22	37,28
Não responderam	10	16,94

**TABELA 7
IDADE**

Anos	Nº alunos	%
19 a 24	17	28,81
25 a 29	11	18,64
30 a 34	15	25,42
35 a 39	06	10,16
40 a 44	02	3,38
45 a 49	02	3,38
mais de 50	04	6,77
não responderam	02	3,38



"HOJE TEM CINEMINHA ?...
TEM SIM, SENHOR!"

Venha participar da primeira sessão de cinema promovida pela nossa Biblioteca.

DIA: **28 De março** (3^a feira)

HORÁRIO: **18:30 hs.**

Local: Sala nº 12 (sala dos professores)

Duração: *20 minutos*

Com o filme:

 ***“Acorda Raimundo, Acorda”***

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Milton José de - "Histórias em imagens e som na moderna sociedade oral: cinema e televisão" in Revista Leitura: Teoria e Prática, ano 11, número 19, (junho/1992).

ARROYO, Miguel G. (org). "A Escola Possível é Possível?" in Da Escola Carente à Escola Possível, São Paulo: Loyola, 1986, páginas 11-52.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. "O Público e o Privado na Expansão do Ensino Supletivo em São Paulo" in Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, número 70, jan/abr.1989, páginas 07-34.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. Ensino Noturno: realidade e ilusão, (6ª edição) São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

DEMO, Pedro. "Desafios da Educação Supletiva" in Revista Fórum Educacional, Rio de Janeiro, número 09, jul/set.1985, páginas 62-70

ESAÚ, Marília Alves Pedrosa. Apesar das amarras há vida na escola, Tese de Doutorado, São Paulo, PUC, 1989.

EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. Pesquisa Participante, São Paulo: Cortez, 1989.

FISCHER, Nilton Bueno. "Uma Política de Educação Pública Popular de Jovens e Adultos" in Revista Em Aberto, número 56, ano XI, out./dez.1992.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. "Que fazer" - Teoria e Prática em Educação Popular, Rio de Janeiro, Vozes, 1989.

FREIRE, Paulo e SHOR, I. Medo e Ousadia, (3ª edição), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. "A Alfabetização de adultos: é ela um 'Que Fazer' neutro?" in Revista Educação e Sociedade, número 01 (setembro de 1978).

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler (5ª edição), São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1983.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GARCIA, Edson Gabriel (org). Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento, São Paulo, Loyola, 1989.

GOLDMANN, L. O. Ciências Humanas e Filosofia: o que é sociologia? (4ª edição), São Paulo: Difel, 1974. Tradução de L. C. Garaude e J.A. Gianotti.

HADDAD, Sérgio. "Ensino Supletivo" in Revista Educação e Sociedade, número 20 (janeiro/abril 1985), páginas 22-39.

HADDAD, Sérgio. "Tendências Atuais na Educação de Jovens e Adultos" in Revista Em Aberto, número 56, ano XI, out./dez.1992, páginas 03-12.

HADDAD, Sérgio. Uma proposta de educação popular no Ensino Supletivo. Tese de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1982.

HELLER, Agnes. "Estrutura da Vida Cotidiana" in O Cotidiano e a História (4ª edição) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

HELLER, Ágnes. "O Tempo Cotidiano" in Sociología de La Vida Cotidiana (2ª edição) Barcelona: Península, 1987, páginas 385-93.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para leitura do mundo, São Paulo: Ática, 1993.

LETTIERI, Antonio. "A Fábrica e a Escola" in GORZ, André. Crítica da Divisão do Trabalho, tradução de Estela dos Santos Abreu, São Paulo: Martins Fontes, 1980, páginas 193-209.

MAKARENKO, A. S. Poema Pedagógico, volume 1, São Paulo, Brasiliense, 1985 - Tradução de Tatiana Belinky.

MANACORDA, Mario A. História da Educação - da Antigüidade aos Dias Atuais, SP: Cortez, 1989.

NETO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. Cotidiano: conhecimento e crítica, São Paulo: Cortez, 1987.

NUDLER, Telma B. "La educación y los mecanismos ocultos de la alienación" - Crisis en la Didáctica in Revista de Ciencias de la Educación, número 04, Rosário, 1975. Tradução de Elsa G. Avancini, páginas 21-39.

PRESTES, N.M.H. "O Conhecimento e a Escola". Tecnologia Educacional. Rio, v.18 (87/88): 24-6, mar/jun 1989.

SILVA JR., Celestino Alves. A Escola Pública como local de Trabalho, São Paulo: Cortez, 1990.

SILVA, Ezequiel Theodoro. "Biblioteca Escolar: da gênese à gestão" in ZILBERMAN, Regina (org). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor (2ª edição), Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

SILVA, Lilian Lopes Martin. A Escolarização do Leitor: a didática da destruição da leitura, Tese de Mestrado, Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 1984.

SOUZA, João Francisco de. "Perspectivas da Educação Popular na Década de 90" in Revista Em Aberto, número 56, ano XI, out./dezembro 1992.

SPOSITO, Marília Pontes. "Jovens e Educação: novas dimensões da exclusão" in Revista Em Aberto, número 56, ano XI, out./dez.1992.

THIOLLENT, Michel. "O Processo de Entrevista" in Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária, SP, Polis, 1980, páginas 79 a 100.

THOMPSON, E. P. "O Tempo, a Disciplina do Trabalho e o Capitalismo Industrial" in SILVA, T.T. (org.) Trabalho, Educação e Prática Social, Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, páginas 44-93.

VARGAS, Suzana. Leitura: uma aprendizagem de prazer, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.